

COMPRAR  
- ABR. 1940

# SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

**N.º 54-Dezembro**

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

# PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as hexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: CARLOS MONIZ TAVARES

Endereço telegraphico: Vaccina

Numero telephonico: 548

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas . . . . .	500 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas . . . . .	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas . . . . .	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vacinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde . . . . .	1\$200 réis
A's quartas feiras, vacinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista . . . . .	2\$000 »

*Preços especiaes para vacinações em collegios*

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa e Brazil**, acondicionamento especial de fórmula a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

## Summario

### MAGAZINE

PAG.

#### A LEITURA

(*Frontispicio*) . . . . . 442

#### DESPEDIDA DE COIMBRA

(*7 illustrações*) por SOUSA COSTA . . . . . 443

#### RESPOSTA (*Soneto*) de J. REGALLA . . . . . 448

#### A QUÉDA DAS FOLHAS

(*1 illustração e 1 vinheta*) por D. CACILDA DE CASTRO . . . . . 449

#### CINTRA

(*7 illustrações*) por PAULO DE MORAES . . . . . 455

#### DO BERÇO Á CAMPA (*Versos*) de D. MARIA DE BARROS . . . . . 462

#### A INDEPENDENCIA DE PORTUGAL

(*12 illustrações*) por ALBERTO BESSA . . . . . 464

#### NOIVADO (*Soneto*) de LUCILIO . . . . . 472

#### OS NOCTIVAGOS DE LISBOA

(*5 illustrações e 1 vinheta*) por JOSÉ SOARES . . . . . 473

#### DEDUZINDO (*Versos*) de ALBERTO CORREIA . . . . . 478

#### O PRISIONEIRO DE GUERRA

(*3 illustrações e 1 vinheta*) por WALTER GROGAN . . . . . 479

#### A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL

(*7 illustrações e 1 vinheta*) por ALBRECHT HAUPT . . . . . 487

#### O MINUETE (*Soneto*) de CARLOS CILIA DE LEMOS . . . . . 494

#### ESMALTES ARTISTICOS

(*8 illustrações e 1 vinheta*) por ARTHUR LOBO D'AVILA . . . . . 495

#### O PUNHAL DO DESTINO

(*2 illustrações e 1 vinheta*) versão do inglês de MANUEL DE MACEDO . . . . . 501

#### GENEZARETH (*Soneto*) de CANDIDO GUERREIRO . . . . . 505

#### ECCOS E REFLEXOS

(*18 illustrações*) . . . . . 506

### A MUSICA DOS SERÕES

MODINHA, letra de LUIZ DE CAMÕES, musica de TH. BORBA. . . . . 2 pag

**Typographie**  
DO  
**ANNUARIO**  
**COMMERCIAL**

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

*Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.*

Reprodução de planos. Cartas Geographicas.  
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella  
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRITORIO E OFFICINAS ≡

**Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)**

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 11239



**LISBOA**

# OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

## INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.	Capitulos	Pags.
I—Bruce Ingersoll principia a sua historia . . . . .	7	XIX—Na praça de touros . . . . .	255
II—Adeus a Cambridge . . . . .	17	XX—O dr. Luthero James . . . . .	27
III—Jehan Cavanagh . . . . .	29	XXI—Barcelona . . . . .	299
IV—A casa do Fen . . . . .	41	XXII—No palacio da Ponte . . . . .	321
V—As noticias do jornal . . . . .	55	XXIII—As desconfianças de Paulina . . . . .	331
VI—O grito nocturno . . . . .	65	XXIV—O regresso a Inglaterra . . . . .	337
VII—A mulher e a creança . . . . .	77	XXV—Fédoro . . . . .	351
VIII—O destino de Cavanagh . . . . .	93	XXVI—Um conhecimento . . . . .	367
IX—Prospero de Blondel . . . . .	105	XXVII—Jornada nocturna a Waterbeach . . . . .	377
X—A festa do Corpo de Deus . . . . .	119	XXVIII—A dama do bosque . . . . .	395
XI—A luz da janella . . . . .	143	XXIX—Na bibliotheca . . . . .	403
XII—Ainda Paulina Mamavieff . . . . .	165	XXX—O barco . . . . .	413
XIII—A prisão de Bruges . . . . .	177	XXXI—Robiniof . . . . .	429
XIV—A encarcerada . . . . .	189	XXXII—A sua familia . . . . .	437
XV—A segunda intrevista . . . . .	203	XXXIII—Paulina emmudece . . . . .	447
XVI—Raiz e tronco . . . . .	217	XXXIV—O milagre . . . . .	461
XVII—O homem de cabelo ruivo . . . . .	229	XXXV—A memoria de Jehan Cavanagh . . . . .	469
XVIII—O expresso de Vienna . . . . .	249		

**PREÇO 500 RÉIS**

**Á venda nas principaes livrarias**

**e no deposito, Livraria Ferreira, editora**

132, Rua do Ouro, 138

**LISBOA**

Com o proximo numero entram os **“SERÕES”** no seu decimo anno abrindo o xiv volume d’este magazine, a mais rica publicação em litteratura — **a mais barata** — e a unica no seu genero que se edita em Portugal, com collaboração escurpulosamente escolhida dos mais distinctos escriptores portuguezes e brazileiros, para que possa ser recebida com inteira confiança nas familias. Profusamente illustrado, impresso em fino papel e com uma linda capa a côres, tal é o nosso magazine **“SERÕES”**, onde acolhemos com alvoroço toda a especie de collaboração que se nos offerece, contanto que, pelo interesse do assumpto e pela singeleza da linguagem se possa adequar aos moldes em que planeámos a Revista.

A empreza grata ao carinhoso acolhimento que o publico tem dispensado a esta publicação, quasi indispensavel a todos que queiram gosar uma hora de leitura instructiva, amena e honesta, inicia com o numero referente ao mez de janeiro proximo a offrenda, a todos os seus leitores, de um **BRINDE MENSAL, util, proveitoso e re-creativo**, continuando além d’isso a dispensar aos seus assignantes e áquelles que como tal se inscrevam por periodo não inferior a seis mezes, e que desejem completar esta magnifica Revista com os volumes já publicados desde o 1.º ao 12.º ou um só volume, ou toda a obra completa á vontade do assignante, o **BONUS DE 50 %**.

Por este modo procuram os **“SERÕES”** corresponder á ambição de agradar e ao mesmo tempo manifestar-lhes o seu reconhecimento.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou per anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{ Anno. . . . .	2\$200 réis
	{ Semestre . . . . .	1\$200 »
	{ Trimestre . . . . .	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) .....	- Anno. . . . .	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro....	- Anno. . . . .	15 fr.

**NUMERO AVULSO, 200 RÉIS**

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

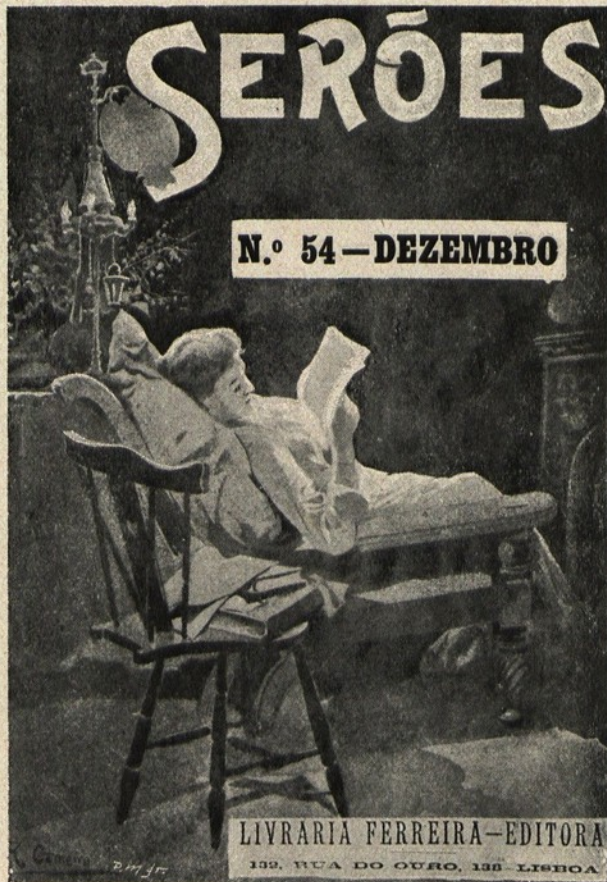
Praça dos Restauradores, 30

Telephone 805

LISBOA

# SERÕES

N.º 54 — DEZEMBRO



Livraria FERREIRA — EDITORA

139. RUA DO OURO, 135 LISBOA



A LEITURA





NO MONDEGO

(Cliche do Dr. João Bianchi)

# Despedida de Coimbra

## I



curso do quinto anno juridico já se não despede de Coimbra e das tricanas com o aparato tradicional da *recita* — recita de variedades, em que havia muita musica, muito suspiro, muita

rhetorica e muito, principalmente muito vinho espumoso. Ha tres annos que a balada de despedida, d'um rythmo balouçante de barco sobre ondas mansas, não vibra a sensibilidade, a ternura sentimental das mães e das noivas que das suas terras vinham a esta terra chorar e sorrir ao canto languido dos filhos e dos noivos. E com a suppres-

são da recita, da balada e do *champagne* dos baptismos heroicos para a seriedade da vida *bacharelaticia* — esse *champagne* indiscreto cuja espuma, a meio da noite, se punha a espreitar ao fundo de pupilas candidamente desprevenidas — de todo seccou o derradeiro e hesitante veio da originalidade, da graça coimbrãs.

Foi a ultima *gréve* academica que pôs termo a essa e a outras *praxes*, abafando as inclinações folgazãs dos rapazes, submetendo-as ao ambiente nublado e suspeito das rivalidades politicas, dos mysticismos exaltados. Ella acabou com tudo o que exprimia alegria, claridade — recita, guitaradas, afirmações de soberania, audacias



NAS «GERAES» — ANTES DOS «ACTOS»  
(Cliché do acad. José Vasco de Mascarenhas)

de intransigencia, ingenuas solidariedades — substituindo-o por tudo o que significa penumbras vagas, pensamentos obliquos, subserviências — partidatismo, desconfianças, jejuns e aspersões d'agua benta.

Faz pena o desaparecimento da recita. E faz pena, não tanto pelo genero dramatico perdido, como pela noite que ella nos proporcionava com a irradiação dos seus risos francos, com o calor da sua rhetorica espumante, com a variedade dos seus vinhos meigos ou *shakspearianos*, com o decorativo ceremonioso dos seus trajos de gala em que os decotes resplandeciam de pedrarias, ou de puros e luarisados marmores — resplandecendo tambem, pelo capricho feminino de quebrar monotonias, de puro, espesso pó d'arroz . . .

Aquillo reconstituia gastas energias, despertava a indecisa uniformidade dos costumes portuguezes para a excitação vital d'uma atmospheria carregada de imprevisto. E quantas vezes o bacharel humilde, que garganteára a *balada* antevendo n'um proximo futuro temporaes e miserias desabridas, sahia do theatro apresentado á irmã matrimoniavel d'um condiscipulo rico, já com o seu barco meio ancorado em porto se-

guro, arejado por brisas generosas . . .

A recita, se não correspondia a uma lição sólida e sã de economia individual, era vantajosa mesmo como elemento de estudo d'essa complicada lição. Mais do que isso: ella abria o limite preciso e visível entre os descuidos, as leviandades academicas e as responsabilidades intolerantes que veem com a abundancia de barba e os encargos sociaes. Era o penultimo golpe no cordão umbilical que prende os vinte annos á anciedade irrequieta do goso e do riso — o ultimo ficava para o dia da formatura. Além d'isso, a recita deixava na memoria e no coração longas resonancias,

caricias suavissimas, traços vivos de episodios comicos ou amorosos que haviam de conservar uns restos de luz, revivescida e quente, atravez do frio crepusculo dos velhos annos.

Os meus velhos annos, os dos meus contemporaneos, os d'aquelles que hão-de chegar depois de nós, devem ser d'uma penumbra desoladora, gelada, sem o reflexo d'uma reminiscencia que consoladoramente os illumine. A melancholia dos vinte annos será na velhice a aridez angustiada em que não abre sorriso, nem gesto de bondade.

E sommando sempre as excellencias da recita, umas cantadas, outras por cantar, sómos



ULTIMO DIA DE AULAS — UM LAZARO: O «AMIGO MATHIAS»  
(Cliché de Gabriel Tinóco)

forçados a cumprir o preceito da reverencia deante da mais alta — aquella que nos approximava, durante horas, das festas religiosas da Grecia. A velha Grecia resuscitava em plena gloria pagã, entre as quatro paredes do Theatro Academico ou do Theatro Circo. Ella continuava o brilho espontaneo, a alacridade perturbante, a fervorosa religiosidade das noites de culto ás mercês de Baccho, na época feliz em que o homem, isento dos terrores do christianismo, livremente victoriava a pujança das seivas, o regosijo do prazer e do amor, a fertilidade abençoada das searas, nos deuses munificentes que as symbolisavam.

De maneira que, banida das praxes academicas a recita do curso do quinto anno juridico, relegado para o esquecimento o seu culto capitoso á alegria e á mocidade, Coimbra perdeu o direito á antonomasia arcaica de *Luza-Athenas*. Coimbra, sem a sua festa de despedida, não satisfaz aos imperiosos requisitos d'um titulo tão pomposo e tão nobre.

Uma Minerva de calcareo, hirta, insensivel, corroída de musgo e venerada na Universidade, não basta para estabelecer a li-

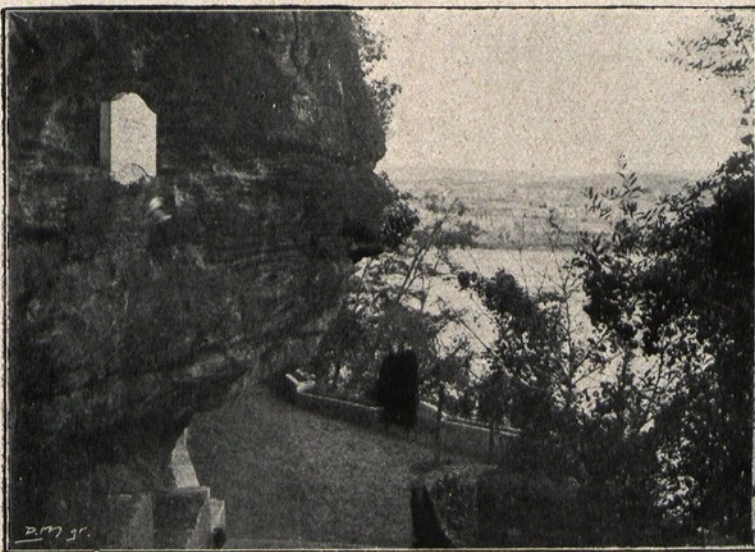


NO BUSSACO — AO «BRIDGE»  
(Cliché de Gabriel Tinôco)

nha de equilibrio entre aquelle titulo e a realidade.

Tirando-lhe as homenagens tradicionaes ao filho de Semele e de Jupiter, e a veneração pela deusa musgosa cujo Olympo se rege pelos estatutos do Marquez de Pombal, em Coimbra não encontramos ruinas, sedimento de ideias, restos de costumes que legitimamente a mantenham na sua predilecta nobreza de *Luza Athenas*. Falta-lhe a graça das attitudes helenicas, a sua elevação de espirito, a imponencia, firme e rectilinea, da sua obra architectural, a majestade sobria, a delicadeza alada do seu genio litterario.

Não se descobre vestigio de templo, d'um simples portico, que lembre a pedra divinizada por Phidias ou Praxiteles. Em vez de Psychés compassivas a que os namorados offertavam abelhas d'ouro, para que lhes enxugassem as lagrimas e lhes desanuviassem o coração; em vez d'altares de marmore com Venus emergindo, núas e olympicas. á flôr d'espumas d'alabastro, encontramos, em peanhas de cantaria, com baldaquinos de cuidada filigrana, santos tristonhos, mosteiros e egrejas cuja arte, perfeita, d'um requinte ideal de fórmulas e de



LAPA DOS ESTEIOS

A meia altura, uma lapide com versos de Thomaz Ribeiro

(Cliché do dr. João Bianchi)

motivos, reflete o enigma sombrio que paira no olhar mortificado dos santos, que marca os passos tormentosos dos martyres e do Christo. E nem com todo o poder transformador da phantasia de Tartarin seria possível compararmos a molle da Universidade, enegrecida e inesthetica, irregular como a crista d'um monte, com a elegancia solemne do Parthenon, que, do cimo da Acropole, offercia ao grego insatisfeito de impressões a perspectiva das aguas azues do Jonio, dos cabeços do Hymeto vestidos de pecegueiros e de tamarindos, das pontas rochosas de Salamina que todas as tardes lhe escondiam o disco deslumbrante e esbrazado do sol.

A differença que vae d'esta cidade catholica para a cidade pagã da Attica, não é das que apenas abrangem monumentos, crenças e costumes. As sciencias professoradas em Coimbra e as sciencias d'Athenas semelham-se como um principio de Aristoteles com uma lição de *Eclesiastico*.

A educação moral da terra magnifica dos jogos olympicos e a do berço medieval da *troupe* e do *canelão* confundem-se menos, do que a casca d'um ovo com a concha d'um caracol. E a propria vegetação, que pelo seu aspecto peculiar, pelo brilho claro ou pelo tom discreto da sua folhagem, pela exuberancia arrogante ou pela serenidade contemplativa dos troncos e das ramagens, tão impressivo character impõe ás praças e ás colinas onde verdeja, não tem aqui a feição risonha dos bosques sagrados que tão dócemente acolhiam as controversias dos philosophos e os sensualismos das cartezãs.

Os sycomoros e os platanos de Athenas, a que Diogenes devia favores innumeraveis,

subiam no ar carinhoso, balouçavam as folhas ebrias de côr e de luz na soberana altivez dos grandes e dos fortes. As suas raizes, insaciavelmente vorazes, nutriam-se dos humus que os deuses fecundavam para que desenvolvessem ramos e sombras dignos dos amores de deuses.

A vegetação d'entre Cellas e Mondego é d'uma tristeza indefinida e biblica. Tem a belleza pacifica, resignada de quem nasce e vive immerso em sonho, embebido de nostalgia. Presente-se nas suas seivas a timidez das tintas fortes. A sua verdura não abre na expansiva alacridade do riso. Sorri, enternecida, quasi a medo, no ar pensativo, supersticioso dos que

receiam provocar uma dôr com um sorriso. Envolve-a um véo de religiosidade mystica, a absorção mysteriosa d'uma crença divina e christã. E' como se tivesse ouvido a voz evangelisadora de Paulo de Tarso e ainda hoje meditasse a estranha doutrinação d'essa voz. E assim, n'estas



NO BUSSACO — GALERIA DO HOTEL  
(Cliché de Gabriel Tinôco)

tardes calmas de verão, amodorrados á sua sombra, muitas vezes nos acaricia a illusão de que, da frescura casta dos ramos e das folhas, nos cahem na alma, amaciadas em murmúrios mais leves do que o respirar, palavras amáveis do Messias.

Ahi está porque julgo descabida n'esta data a antonomasia de *Luza-Athenas* conferida a Coimbra, desde que a não illustra a recita do quinto anno com a sua atheniense celebração a Baccho.

E ahi está ainda porque Coimbra não seria injusta nem violenta, se detestasse a memoria d'essa *gréve* que a expoliou do direito ao melhor dos seus titulos. Demais a mais, ao extorquir-lhe o direito a uma

dignidade que legitimamente a orgulhava, tirou-lhe a satisfação forte e desinteressada de se revelar hospitaleira, agasalhando durante dias, com economica probidade, as mães e as noivas dos bachareis que se despediam.

A *gréve*, que pôz termo á recita, acabou de nivelar a vida ordinaria d'este burgo, o mais propicio aos caprichos da lenda, com a vida banal e somnolenta de qualquer cabeça de comarca de Barroso ou do Alemejo.

Hoje, trepa-se da Baixa para a Alta á hora convidativa dos antigos fados, percorre-se a cidade depois das aulas, e aposa-se de nós, irresistivel, uma impressão des-

alentadora de abandono e de velhice.

Nos labios e nos olhos dos frequentadores do ensino superior não canta, não fulgura uma afirmção espontanea de mocidade.

Vemo-los passar, de colarinhos lustrosos, de batina abandonada de sêda, e afiguram-se-nos velhos casquilhos que por um singular ca-

pricho da Natureza conservassem a pelle fresca e negros os cabellos. Como sorvados pelo amargôr da experiencia, falam sisudamente de politica, discutem com unção a *Alma aos pés de Jesus*, estabelecem o calculo da despeza mensal com a mulher e os filhos — um terço da academia actual tem mulher e filhos para rezar o *terço*, ou jogar familiarmente o *quino* todas as noites, antes do chá... A jovialidade estouvada e irreverente que se multiplicou em proezas e torneios de graça, converteu-se na sisudez burocratica indispensavel a quem escogita o meio de se recommendar ás graças da catholica, afim de *casar bem*, e de quem ensaia apumos vertebraes — sómente os ver-

tebraes, por emquanto... — adequados ás exigencias representativas de S. Bento.

A recita não resistiria, se alguém tentasse resuscitá-la, a este ambiente de casa de *capitulo*. Uma recita de despedida n'esta Coimbra, offereceria a originalidade e o contraste d'uma dança de operetta no recanto d'uma sachristia. Se ella era a despedida das leviandades de rapaz, das intemperanças do gôsto, das brejeirices em que o bom humor refervia como *champagne* fresco ao saltar da garrafa, os cursos d'agora, só por excentricidade incoherente com a sua calva ponderação, se atreveriam a re-

conduzí-la ao theatro, com a musica, os suspiros, os decotes e o vinho espumoso que lhes pertenciam. Mas as leviandades, as intemperanças, as brejeirices representam para elles o desconhecido — e ninguem, de juizo ou gravidade, se despede do que não conhece.



QUINTANISTAS A PORTA LATERAL DA SÉ VELHA  
(Cliché do dr. João Bianchi)

Por isso a despedida de Coimbra se reduziu ao barbaro pittoresco de rasgar capas e batinas de quintanistas no ultimo dia d'aulas. E n'isto supponho descobrir uma intenção reservada e providente que convem manter. Talvez haja ahi a intenção de significar aos que vão deixar a Universidade, que devem despir, antes da partida, tudo o que lá adquiriram — retalhos de noções, sombras de principios, conceitos optimistas e falsos da vida

E que não ha motivo para outra despedida, em tal meio, accentúa-o melhor do que a minha desgrenhada prosa, a festa que quatro ou cinco rebeldes ao ensino da experiencia e á acção da sisudez academica promoveram no Bussaco, em substituição da re-

cita. D'um curso de mais de cem aspirantes ao bacharelato, só *trinta e sete* se encontraram em divida com os dias passados sob as badaladas da *cabra*, os *fritos* do Magrinho e o desdenhoso charuto do Paixão. Os restantes ficaram em casa, abeberados de beatitude perante a orientação dos respectivos partidos, ou perante os *bentinhos* de S. Gaudencio recebidos no ultimo correio, com efficacia garantida por Sua Santidade.

Quer-nos parecer que d'estes, um ou outro menos desaperebido de boas inclinações, ficou a ruminar ainda em collocar, nos cofres productivos da Caixa Economica, os quatro mil réis que teria desembolsado se fosse *dos*

*de festas*—no intuito commovedor de offerer capital e juros, ao fim de dez annos, ao seu primeiro filho...

Estou mesmo a vê-los, d'olho fino e agoirento, considerando o que seria a loucura do Bussaco, com as suas gargalhadas, os seus brindes, as suas enternecidas lagrimas, os seus vinhos da Raposeira, para a purêza d'almas sem peccado, de bolsas sem larguezas, de caracteres sem descuido capaz de perturbar a appetecida respeitabilidade da *vida pratica*—expressão certa d'uma coisa incerta, soando a vasio como o bombo abominavel do Hymno da Restauração, em cada madrugada de 1.<sup>o</sup> de Dezembro.

(Continúa.)

SOUSA COSTA.



## RESPOSTA . . .

«Não te amo (escreves) não conserves illusões  
que será sempre sem esp'rança o teu amor...»  
Pois bem! quero-te assim. Quero esse teu rancor:  
na posse só ha tédio e eu quero commoções. .

«Existe (dizes) entre os nossos corações  
um vasto abysmo que jamais pod'rei transpor...»  
Pois... alarga esse abysmo! A vida é esta dôr  
rugindo com a furia infrêne dos tufões...

Não ames, não, mulher! Despreza-me! O amor  
sômente é grande quando accêso pela Dôr!  
Que eu nunca libe o mel do teu seio formoso!

Sê forte como um deus, pura como um crystal,  
para que eu morra no perfume d'este ideal  
sem conhecer da posse o travo amargoroso...

(Do livro «Sonetos», em preparação)

J. REGALLA.

# A queda das folhas

*O outomno e os calendarios luni-solares dos gregos e dos judeus — O Kipur e o Ramadan — O mez Vendémiaire — As legendas do Outomno — As festas dos Incas, filhos do Sol*

Dourado pelos ultimos raios ardentes do sol de verão surge o outomno, lentamente, por entre as primeiras folhas soltas. Ao avistá-lo, a Natureza, ainda em festa, tem momentos de indecisão e gestos de revolta. Um véo mysterioso paira por sobre a terra, e das suas dobras sombrias cahem tristezas e anxiedades, que se diluem na atmospherá. No seio do arvoredó ha despedidas sentimentaes entre os emplumados emigrantes, e a aza que se agita precipita no espaço a folha saudosa do ramo que estremece.

As primeiras gottas de chuva beijam a folhagem sequiosa e esmorecida, polvilham de crystaes o velludo encarnado das dhalias, e congelam-se com o brilho do diamante no coração dos chrysanthemos.

Surprehendidas as verbenas, tomam um ar mais roxeado e aconchegam-se friorentas. O amaranto, a flor vermelha do ciume, espreita as zinnias e as secias petulantes, e estas fazem namoro aos garridos rainunculos, á vista dos sorrisos ironicos das formosas petunias.

Os hibiscus pendem nas hastes, entristecidos, saudosos das caricias do sol que lhes incendeia os lindos corpos purpureos, enquanto os pelargonios abrem, indifferentes, as suas brilhantes e assetinadas umbellas aos pingos de agua que lhes cahem em cima.

O peucedanum floresce nos pantanos, as angelicas silvestres nas margens dos ribeiros, a succisa nas serras, a genciana nas

mattas, o leucojum outomnal nos tojaes, a serratula nos pinhaes, a urze no matto, os espiranthos nas visinhanças do mar, as merenderas nos outeiros e as candeias nas sebes.

As romanzeiras teem sorrisos escarlates, os sorbus põem tons quentes na paysagem e os dyospiros pendem rubicundos dos troncos despídos. O buxo, a murta e o myoporum, salvam a nudez das alamedas, que as tilias embalsamam com seus bellos thyrsos.

Com as suas navalhas recurvas os vindimadores decepam os cachos das videiras. Os bagos de uva teem reflexos de topasio e amethista, cravejando os campos a perder de vista, por entre as parras, que mostram livores de ambar, nodoas de ferrugem e esbaticos escarlates, ou pendem das parreiras, como um docel em relevo, de cachos dourados e violaceos. As arvores despojadas dos seus fructos, despem-se da ultima folhagem e ficam depois, espectraes e esgrouviadas, invectivando o sol que desmaia como um athleta ensanguentado. A' beira dos caminhos os rebanhos procuram a relva escassa, ao som da canção dormente do pastor, interrompida ás vezes pelo vôo desnorteado da ave que foge ao caçador que a persegue.

O outomno é a quadra nostalgica da alegria que passa, da saudade que chega, da vida que adormece. Nas veias das plantas a seiva arrefece, e só a violeta rasteirinha suavisa a terra endurecida.

A volta regular dos dias e das noites, fez comprehender aos antigos o que eram os intervallos eguaes do tempo.

Notaram que o calor e o frio se succediam com uma periodica regularidade; que era necessario semear em certas épocas e

fazer sempre as colheitas em um praso marcado, e assim conseguiram reconhecer e determinar a existência das estações.

A 21 de setembro, no momento em que o sol descendo atravessa novamente o equador, dá-se o equinoxio do outomno e os dias tornam-se eguaes ás noites. A partir d'esta data, os dias vão gradualmente diminuindo no nosso hemispherio, e a 21 de dezembro, com o solsticio de inverno, as noites attingem a sua maxima duração.

Todos os gregos, excepto os da Arcadia e os da Acarnania, acceitaram o cyclo de Méton, variando comtudo os nomes dos mezes e as épocas do seu começo conforme as cidades.

Em Esparta, Argos, Corintho e Creta, na Sicyonia, Corcyria, Cyrena e Sicilia, collocava-se a época inicial do anno na lua nova mais proxima do equinoxio do outomno.

A partir d'esta mesma lua, começava com o primeiro dia do mez de *Tishri*, o anno civil judaico.

Os israelitas entre nós, celebraram no penultimo mez, a 16 de setembro, a entrada do anno 5670, seguindo-se dias depois o jejum do *Kipur*, que terminou com a festa do *Sucloth*, quasi de character intimo e que consiste em uma refeição em commum, tomada n'um pavilhão armado para esse effeito na synagoga. Por entre canticos religiosos, termina com este agape, a commemoração do novo anno israelita.

Os musulmanos celebraram tambem agora, em setembro, o *Ramadan*, que é a sua Quaresma. Como o anno musulmano é lunar, e por consequencia mais curto onze dias que o nosso, acontece que no fim de 33 annos, o Ramadan tem percorrido todas as estações do anno. Durante esta quaresma que dura trinta dias, não se deve tomar alimento de especie alguma, nem fumar, nem sequer cheirar o perfume de uma flor, desde que o sol nasce até que se põe, o que é annuciado por um tiro de peça, nas grandes cidades, ou pelo canto dos *muezzins* que convidam o povo á oração, nas pequenas cidades e villas, pois que o uso dos sinos, é absolutamente interdicto no Oriente.

Segundo o calendario republicano, a Convenção, querendo fazer principiar o anno, no dia em que a republica tinha sido proclamada, resolveu abolir a era vulgar, datando a era republicana de 22 de setembro de

1792 no proprio dia do equinoxio do outomno.

Os mezes de setembro, outubro e novembro passaram a ser respectivamente designados da seguinte fórma: *vendémiaire*, *brumaire*, *frimaire*, ou seja, mez das vindimas, mez das brumas, e mez das geadas.

Os mezes foram todos egualmente divididos em tres dezenas ou décadas, substituindo as semanas, e os nomes dos dias foram tirados da ordem natural da numeração.

A eponymia dos santos e das festas do calendario gregoriano, foi substituida por uma serie de nomes de metaes, plantas, animaes e instrumentos aratorios.

Assim, por exemplo, *le vendémiaire primidi*, que n'aquelle calendario indica o dia de S. Mauricio, passou a marcar: «uvas»; o dia seguinte, 23 de setembro — *duodi*, que corresponde ao dia de S. Lino: «açafão»; e d'este theor todos os mais. Os nomes dos mezes, compostos d'esta fórma, por Fabre d'Eglantine, não deixavam de ser poeticos, e interessantes, mas na verdade, applicaveis apenas ao clima de Paris. Este calendario durou menos de 14 annos e em virtude de um relatorio de Laplace, uma decisão do Senado de 22 *fructidor* anno XIII (9 de setembro de 1805) restabeleceu o calendario gregoriano, a contar de 1 de janeiro de 1806.

Presidindo á mudança das estações, havia entre os romanos o deus campestre Vertumno, casado com a linda Pomona, deusa etrusca tambem, que traz a frente engrinaldada em pampas e cachos de uvas, offerecendo sempre preciosos fructos em uma cornucopia de ouro. O outomno propriamente, era representado sob a figura de uma mulher de meia idade, agarrando uma cabra por um dos pés de deante e segurando um cesto com fructa.

Esta estação é tambem representada por um vindimador, apoiando uma escada a um ulmeiro em que se entrelaçam as hastes de uma videira. Outra allegoria mais moderna figura uma bella e opulenta creatura, magnificamente vestida, pois segundo os poetas, o outomno é a idade viril do anno.

Harpocrates, que symbolisa o sol do outomno e do inverno, tinha no Peru templos especiaes onde os Incas, filhos do sol, celebravam todos os annos a sua volta. Mas esta concepção mythologica é bem diferente



d'aquella concepção allegorica. Harpocrates, cujo nome é a transcripção da fórma egipcia *Harpa-Krudu* ou Horus creança, é

bocca, o que deu occasião a que o tomassem erradamente pelo deus do silencio, confusão que subsistiu até Champollion.



AS MARGENS DO LOING NO OUTOMNO

(Quadro de A. Allongé)

representado sob o aspecto soffredor de uma creança doente, envolvida em faixas, sempre immovel e com um dedo mettido na

Os Incas celebravam quatro festas por anno em honra do sol: nos dois equinoxios e nos dois solsticios, festas que significavam

quatro datas da vida do homem: o nascimento, o casamento, a paternidade e a morte. A festa do equinoxio do outomno correspondia á nascença. N'esta solemnidade eram apresentadas ao pontifice, em lindos cestinhos, as creanças recentemente nascidas. Em Valenciennes, capital do Hainaut, faziam-se depois de 1825 umas festas, ditas dos Incas, que se tornaram das mais notáveis de Flandres. Consistiam ellas em uma pomposa e brilhante mascarada de pessoas vestidas com trajes peruvianos, e em que figuravam ordinariamente Huescar, Christovam Colombo, Cortez e Pizarro.

O imperador Adriano chamava aos christãos adoradores do Sol ou de Serapis, deus egypcio, posterior a Isis. Osiris e Horus, e que chegou a adquirir todos os attributos de Osiris, passando á mythologia grega como todos, ou quasi todos os deuses egypcios, e depois aos romanos, aos etruscos, aos phrygios, chegando até nós convertido em S. Serapião, santo que apparece no nosso almanach a 30 de outubro.

*O anno com tres estações — As Horas na Theogonia de Hesiodo — A metempsychose e os cabiras de Samothracia — Os deuses germanicos Baldur e Freya*

Na Theogonia de Hesiodo, as Horas, filhas de Jupiter e de Themis, que symbolisam as estações do anno grego, são apenas tres. Isto explica-se pelo facto do outomno ter sido introduzido na divisão do anno em uma época relativamente recente, não tendo os antigos, ao que parece, noção alguma d'esta quadra. As Horas são no decurso da vida humana o mesmo que são as estações no decurso do anno: pacientemente fazem germinar e amadurecer os fructos. A primeira, a Hora da primavera, é Dicêa, a deusa que entre os gregos personifica a equidade; a segunda, Eunomia, symbolisa a boa ordem, e é ella que converte as flores em generosos fructos; o proprio fructo, é Erinea, a deusa da Paz, sob a benção da qual, tudo prospera e floresce. Homero, não determina o numero d'estas deusas, e não lhes indica os nomes, considerando-as principalmente as deusas da temperatura, que abrem e fecham as portas do céu ás nuvens que deitam sobre a terra uma chuva benefica.

Mais tarde, Carpo vem juntar-se a esta

trindade, prefazendo então todas, as quatro estações. Lindas, gentis e perfumadas, passavam a sua vida dançando e cantando em côro pelos bosques sagrados com as graças, Hebe, Venus, a Harmonia e as Musas.

A formosa narrativa de Hesiodo, parece basear-se, na parte que diz respeito ao reinado de Jupiter, nas tradições dos primitivos aryas, ligando-se nas suas minucias, particularmente ao periodo pelasgico da escola jonica.

Na doutrina da metempsychose, attribuida aos antigos orphicos, segundo se deprehende de uma passagem de Platão, as evoluções do anno solar não eram senão as imagens da evolução da alma. Assim, nos ritos dos cabiras de Samothracia encontra-se a historia de uma lucta entre tres irmãos, um dos quaes tendo sido condemnado á morte pelos outros dois, volta á vida passado algum tempo. N'estas ceremonias de character puramente moral, Dionysio, o deus vencedor, era apresentado no fim, como sendo o deus do Espirito.

Tacito confirma que os germanos apenas tinham tres estações, desconhecendo o outomno. Comtudo, em um gracioso canto da *Edda*, o poderoso deus Baldur, vive inquieto por negros presentimentos.

O povo dos Asas, cheio de terror, faz jurar a todos os seres que não farão mal a Baldur, esquecendo-se no emtanto do agarico (*gui*). Então Loki, arma com uns d'estes ramos a mão incerta do cego Hodur, irmão do deus que se julgava salvo, e dirige o golpe, do velho, que fere mortalmente Baldur. Mas um irmão, Ali, que nasce depois, vinga o deus, condemnando o innocente Hodur á morte. Não é difficil levantar o véo d'esta allegoria.

Baldur (o forte) é o sol de verão, que attinge no solsticio, o ponto mais alto do seu percurso. O irmão cego que o mata é o sol de outomno, este sol que sente os dias diminuir, mergulhando na escuridão das noites interminaveis. Entre o solsticio de inverno e o equinoxio da primavera, um novo filho do sol vem ao mundo: é Ali que annuncia o proximo triumpho do dia sobre a noite.

Na opinião de Bunsen, porém, este poetico quadro não deve ser originario do extremo Norte, parecendo antes ter nascido sob um clima mais doce.

Não nos parece, comtudo, menos poeticos

mytho de Freya, a deusa escandinava do amor e da belleza, que se transformava em ave para percorrer longinquas regiões. Arvores e flores tinham algumas o nome da linda e casta deusa, que abandonada por seu esposo Odr, chorou lagrimas de oiro, as mais preciosas lagrimas que os deuses teem chorado. Freya, é tambem o nome de uma formosa estrella, que durante o outomno scintilla no hemispherio boreal.

*As festas pagãs e religiosas do outomno — A «Chacota» em Niza — A festa dos vinhateiros na Suissa — O culto de Baccho — A lenda do S. Martinho*

O mez de setembro era antigamente collocado sob a protecção de Vulcano, o mais feio dos deuses.

Os athenienses, tinham instituido em sua honra umas corridas, chamadas *Lampadophorias*, em que os corredores passavam de mão em mão, n'uma dança vertiginosa, um facho que não deviam deixar apagar. D'este facho, fizeram os poetas o emblema da vida, que os homens se transmittem de geração em geração. O culto de Vulcano, parece originario do Egypto, onde era adorado, com o nome de Phta, como deus do fogo, do calor e da vida.

Uma das nossas festas mais interessantes, similar das theorias pagãs, é o celebre cortejo descripto por Motta e Moura nas *Memorias historicas da villa de Niza*.

Em setembro realisa-se em Niza a festa de S. Pedro, promovida pelos pastores e creadores, e que, além da parte religiosa, é celebrada com varios jogos, folias, cantares e lautos banquetes. Organisa-se por essa occasião a *Chacota*, prestito que «vem precedido por um tambor, que bate a marcha, e um pifano ou gaita de folles, que o acompanha; seguem-se seis formosas donzellas vestidas no melhor gosto e elegancia que podem, com pequenas bandeiras encarnadas, e no centro a festeira com o estandarte, e depois uma ala paralela de zagaes, com suas casacas e calções, e meias brancas e fivellas de grandeza patriarchal, que serviram já nos casamentos e baptisados de sete gerações, que as vão protegendo de qualquer avaria; e atraz d'elles seis pastores e duas respeitaveis matronas com suas saias de chamalote, e roupinhas de grandes abas

à polka, e pandeiros de metal e soalhas, levantam cantigas em honra do Santo, que o côro todo, composto de muitas raparigas da terra, em harmonia e suavidade repete, acompanhado por violas que menestreis da villa vão tangendo; fecha o cortejo outra ala de jovens pastores que as vão guardando e defendendo de qualquer aperto na grande concorrência que as acompanha e vae seguindo».

O mez de outubro, como de resto todo o outomno, é especialmente consagrado a Baccho, o joven deus das vindimas, festejado na Grecia e em Roma com o nome de Dionysio. Denominavam-se *Dionysiacas* as festas das vindimas, que se distinguiam entre todas pelas excessivas e escandalosas liberdades, que por entre a mais desenfreada alegria n'ellas reinavam.

Os camponezes com os rostos lambusados de borras de vinho, jogavam as *Ascolias*, saltando ao pé coxinho sobre um ôdre feito de pelle de bode, cheio de vinho, e besuntado com azeite, o que tornava este exercicio mais difficil, provocando trambulhões que eram festejados com as gargalhadas dos assistentes, cabendo afinal o ôdre por premio áquelles que conseguiam equilibrar-se em cima d'elle. D'estes folguedos e de outros n'este genero, teem resaibos os festejos populares, com obstaculos, corridas, cavalhadas e mastros de cocanha, que se seguem ás nossas festas religiosas, em tardes de procissão pelas terras d'este bello Portugal, ingenuo e pagão.

Em outras festas atticas, as *pequenas Dionysiacas ruraes*, eram passeados em procissão os *calathos* cheios de vinho e coroados de verdes pampanos. As Bacchanaes, celebradas na antiga Roma ao som de tambores e dos cymbalos phrygios, passaram a ser no decurso do tempo as mais licenciosas festas pagãs, realisadas sob a égide do sempre joven e alegre Baccho, que a ellas presidia eternamente aureolado de heras, de parras ou de folhas de figueira, com a sua pelle de panthera descahida sobre o hombro, empunhando em uma das mãos o thirso, symbolo do seu poder e realzeza, e na outra segurando a taça, em que os preciosos e cinzelados cyathos esvasiavam o vinho generoso.

Não só em todos os tempos, mas em todos os paizes tambem, a época das vindimas tem sido, e é, festivamente celebrada.

Nas *Cérémonies e coutumes religieuses de tous les peuples*, de J. F. Bernard, vem a descripção da celebre festa dos vinhateiros na Suissa.

Este imponente cortejo era aberto por musicos e halabardeiros, revestidos dos antigos trajos suissos, seguiam-se os vinhateiros co-rodos de folhagem, as pastoras e os pastores com o seu commandante precedido de violões e flautas, frescas camponezas com grinaldas de flores, e os jardineiros e jardineiras. Palés, a deusa dos rebanhos, é conduzida sobre um throno com baldaquino, por quatro donzellas que caminham á frente de outras jovens que baloçam thuribulos de incenso e trazem corbelhas de flores, seguindo depois as ceifeiras e os ceifeiros com as foices e os ancinhos e sobre um carro de feno as segadoras. Após os vinhateiros da primavera, vem o grupo de Céres. A deusa é levada por quatro nymphas, entre ceifeiras, respigadeiras, debulhadores e joieiros, fechando a marcha um carro de trigo. Baccho é conduzido sobre um tonel, por negros faunos e bacchantes, seguido por Sileno em cima do seu burro e amparado por dois pretos. O grupo dos vinhateiros do outomno levam Chanaan entre vindimadores, um carro com toneis e a arca de Noé.

Durante o mez de outubro os romanos, entre varias outras festas curiosas, celebravam ainda, a 11, as *Medetrinaes* em honra de Medetrina, a deusa da medicina, festas que eram acompanhadas de copiosas libações. A 13 eram as *Fontinaes*, consagradas ás nymphas das fontes: deitavam-se flores nas fontes e coroavam-se os poços com grinaldas floridas. E a 19, com as *Armilustres*, realisava-se a benção das armas sobre o monte Aventino.

O mez de novembro abre com o dia de Todos os Santos, uma das mais solemnes festividades da Igreja Catholica.

A 2 é o dia dos Fieis Defunctos ou dia de Finados, que corresponde ás *Februaes* que em Roma se faziam no mez de fevereiro.

A 11 começa o popular verão de S. Mar-

tinho, tão festejado e querido do nosso povo.

Conta-se que S. Martinho sendo soldado, encontrára em pleno inverno, cahido sobre a neve, um desgraçado a quem levantou e deu de beber; quando ia já a afastar-se, cheio ainda de piedade pelo pobresito que tremia de frio, voltou atraz e cortando em duas tiras a sua capa, deu-lhe uma das metades d'ella. N'este momento o sol rasgou as nuvens, e uma nova primavera foi dada á terra. Era n'este mez tambem que, em França, as raparigas penteavam a Santa Catharina, como em Hespanha e na Italia ornamentavam as estatuas dos santos e das santas nas egrejas.

Nos principios de dezembro, festejavam os gregos as *Eleutherias* nas planicies de Plateia, fazendo elogios e libações sobre os tumulos dos heroes mortos em defeza da patria.

Os romanos tinham as *Faunaes*, festa campestre dedicada á deusa dos rebanhos, e os quatorze dias *alcyonicos* que comprehendiam: as *Brumalias* e as *Ambrosianas*, as *Opalianas* e as *Saturnaes*.

N'estas ultimas, eram offertadas a Saturno pequenas estatuetas de oiro e prata, e durante o tempo que as festas duravam reinava a maior alegria e a mais absoluta felicidade. Os tribunaes fechavam, as escolas davam ferias, enviavam-se presentes aos amigos, davam-se grandes festins, e até alguns prisioneiros eram restituídos á liberdade.

Esta celebração da idade de oiro de Saturno e Rhea parece ter alguma semilhaça com as nossas festas do Natal.

Com o fim do outomno os montes vestem as suas tunicas de alvura, as nuvens adensam-se e escurecem os ares, o vento tem uivos enfurecidos e impetos desabridos fazendo vergar as arvores por entre os gemidos dos troncos que estalam, e a chuva gotteja incessante entristecendo a gente.

Confundindo com a chuva o suor que lhe cae do rosto, só o cavador nem dá por ella, curvado sobre a enxada.

CACILDA DE CASTRO.





CINTRA — VILLA ESTEPHANIA

# Cintra

A sua paizagem e a sua flora

## II



grande sabio A. Humboldt, que, a meu ver, melhor soube interpretar a natureza, sob certos aspectos, escreveu que, para o pensamento abraçar a natureza inteira, não nos devemos cingir aos phenomenos sensiveis. Convem, pelo menos, esforçar-nos por entrever algumas d'essas analogias mysteriosas, d'essas harmonias moraes que ligam o homem ao mundo exterior, e mostrar como a natureza, reflectindo-se no homem, se envolve num véo symbolico, atravez do qual ella deixa entrever as suas graciosas imagens.

A grande exactidão d'estas observações do grande naturalista evidencia-se a cada passo. Para as almas não vulgares, essa especie de symbolismo é uma necessidade. Os dramas secretos do coração, as alegrias e as tristezas da vida procuram por confidente a natureza nas suas varias manifestações, nas suas multimodas opposições. O espirito, quando alegre e desanuviado, para gozar da natureza, precisa de um céu sereno e illuminado sem mancha. E' por intermedio da grande luz, o menos material de todos os elementos tangiveis, que o mundo do espirito se funde de certo modo com

a realidade, servindo-se do órgão que em nós é séde predilecta da alma. Para que um panorama campestre enfeite ou impressione deveras, é indispensavel que a criação inteira se banhe em ondas de luz. E é necessario tambem que, para os contrastes indispensaveis e completos, não falte o espectáculo do Oceano, que dos panoramas terrestres não ande ausente o do elemento liquido. Se este é, para bem dizer, o simulacro da inconstancia e das vicissitudes das cousas humanas, a serenidade ra-

sem prescrutar o pensamento em suas fugitivas emoções, sem procurar desvendar os seus mysterios, ou assignalar o lampejo instantaneo fixando-o em palavras. A analyse desflora o encanto. Este sustenta-se do calor occulto que alimenta a vida da alma; nutre-se d'esse estado de deliciosa agitação das nossas ideias no momento de surgirem á superficie do espirito. E então, a essencia d'estas é tão subtil, que os sons das palavras não podem conter o que de si é imaterial, ainda quando, figuras vaporosas, fos-

sem traçadas na luz com buril diamantino.

O que o poeta escreveu n'aquelles momentos de completa absorpção da intelligencia e do coração, n'aquella vibração de toda a sua natureza, verdadeiro instante de extasis dominador, foi decerto um pallido reflexo do encanto que o domi-

nou, encarando o inesperado e maravilhoso panorama.

\*

Nós, n'este permanente e apaixonado estudo do bello na natureza e na arte, durante tantos annos, esforçámo-nos sempre, por irrisistivel tendencia, em espiritualisar, em vez de materialisar a emotividade das impressões ou sensações recebidas. Isto explica o alvoroço com que, desde todo o principio, accetámos o credo esthetico de Hegel, do qual nos não affastou um apci, nos seus principios fundamentaes, o detido exame, a que mais tarde procedemos, das theorias de Mandsley e dos que o precederam, James, Lange, Spenser, etc.

Escreveu o grande mestre, que «a bel-



CINTRA — PAÇO REAL

diosa da atmosphaera é a imagem do infinito repouso a que a alma aspira, e, como tal, a menos enganosa de todas as consolações que procurámos para a eterna tristeza do destino e melancolias pungentes da existencia.

A adoração crente, a exaltação viva e sagrada pelas sublimes bellezas naturaes da serra cintrense — sem resvalar na forma pantheista — que Byron, o poeta inglez, experimentou ao encaral-as, só as podem partilhar as almas privilegiadas. Byron não disse tudo o que sentiu, porque, para os que sabem sentir por aquella forma, a sensação de surpresa e de admiração perante o espectáculo do universo, não encontra palavras que a traduzam. E n'esse caso, melhor é, sem analysar, gosar d'essas sensações,

leza na natureza encerra um caracter muito especial, pela propriedade que possui de excitar os sentimentos da alma, pela influencia sympathica que em nós exerce; que o valor e o senso esthetico de tudo isso não pertence aos objectos tomados em si mesmos; que se deve ir buscar o seu segredo nos sentimentos da alma humana que esses objectos despertam». (1)

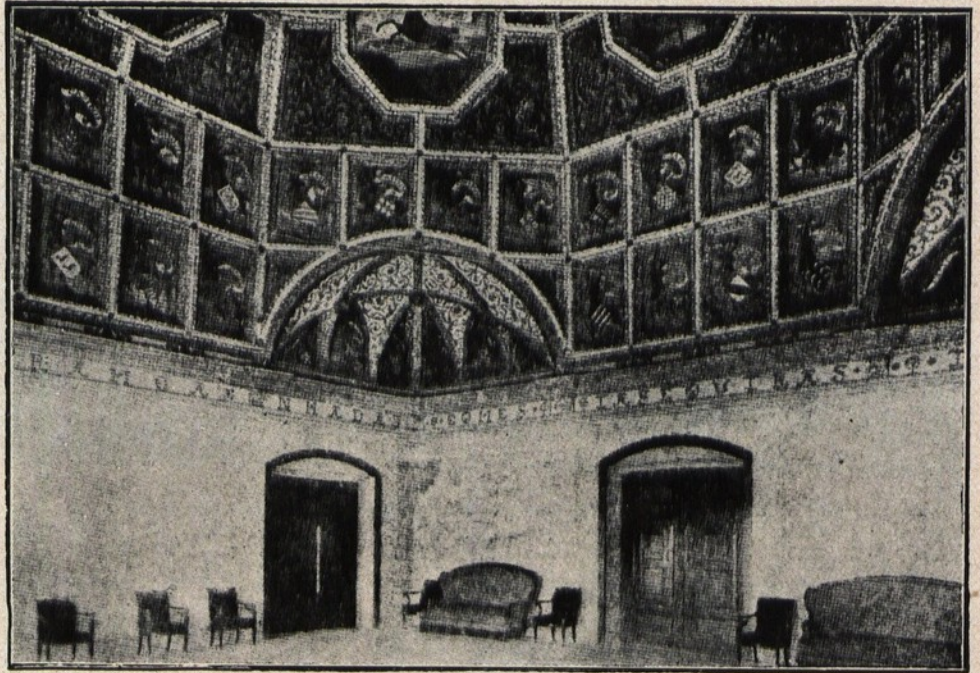
Esta concepção de Hegel sobre as causas da emoção esthetica diverge essencialmente da que liga os estados emotivos a condições biologicas, considerando-os como uma expressão immediata da vida vegetativa.

N'esta maneira de raciocinar, tudo o que ha de ideal no bello desaparece; encurtam-se os horisontes. Tudo, segundo ella, se reduz, n'aquelles estados, a movimentos interiores e exteriores, que abalam o organismo, ora suave ora violentamente. São estados affectivos verdadeira e exclusivamente animaes. Desoladora doutrina a que não podemos adherir incondicionalmente, preferindo acolher-nos ao santuario intimo de nossas arreigadas convicções, sem preterir, aliás, o devido respeito á sinceridade dos que pensam diversamente.

Porque se não hade admittir, que o ideal do bello—forma pela qual se exprime Deus e a natureza—constitue, conjuntamente com o do Bem e o da Verdade, os tres ideaes supremos que representam a perfeição da natureza humana, e que o homem guarda no intimo do seu ser? O ideal do bello não

deriva do exterior; mas, pelo contrario, como o bem e a verdade, tem a sua origem na raiz do nosso ser espiritual.

Quando falamos do bello na natureza, indicámos por esse modo certas formas em suas relações com a impressão que ella nos produz, segundo certas analogias: transportamos portanto as ideias de ordem, de harmonia, de belleza, do reino do espirito para o reino da natureza; ou, n'outras palavras, comparámos a esphera da necessidade com a esphera da liberdade, o mundo



CINTRA — SALA DAS ARMAS NO PAÇO REAL

dos sentidos com o mundo da intelligencia.

O caracter fundamental do bello é por natureza infinito. Além da expressão subita que a primeira impressão accentúa, ha um que de mysterioso que excita a alma, um symbolo velado que desperta no fundo d'esta uma infinidade de ideias.

Não se harmonisam porventura estas idéas mais com a verdadeira concepção das regalias do espirito humano, do que essa exagerada importancia dada a factores physiologicos, e segundo a qual as emoções representariam apenas a consciencia dos phenomenos organicos que os acompanham e determinam?

(1) A'sthetik, Erst Teil, Blatts, 101.

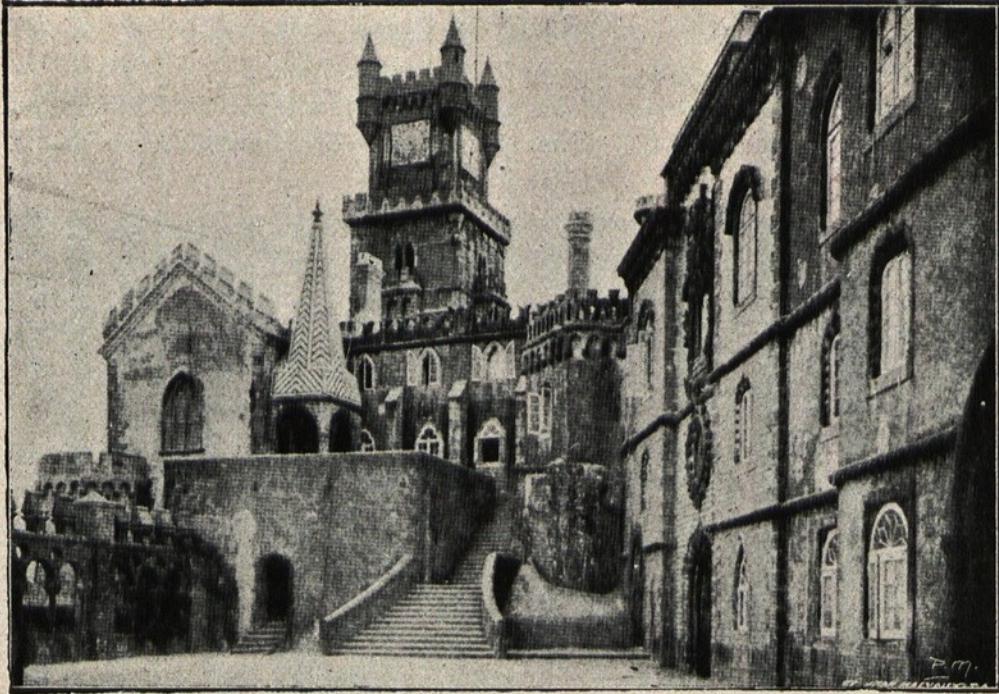
vissima noticia dos thesouros botanicos mais dignos de nota que a serra possuiue.

Os fetos, que imitam as palmeiras no porte, e que por vezes as excedem em belleza, senão na grandeza das formas, pelo menos no aspecto original e delicadeza de

O genero *Todea* conta ali, entre outras especies, soberbos exemplares do *T. arborea*. O *Blechnum corcovadensis* vegeta tambem excellentemente; o *Dicksonia australis* não encontra rival que o eguale. Dos generos *Balanium*, *Alsophila* e *Lomaria*, e dos fetos america-

nos, que em nada cedem em belleza aos da Oceanea, taes como os *Hemitelia*, os *Cibotium*, etc., nada deixa a desejar a sua vegetação.

A toda esta familia vegetal faz as honras nacionaes o lindissimo feto portuguez, o *Lastrea silix mas*.



CINTRA — CAPELLA E TORRE DO PALACIO DA PENA

lavor da sua folhagem, encontram na serra de Cintra condições climatericas eminentemente favoraveis á sua vegetação, como já estava provado pela quantidade de fetos indigenas que ali são tão communs.

Nos proprios troncos das arvores, vêem-se empoleirados os nossos *Pteris*. O delicado *Gymnogrammus leptifolium*, tão notavel pela sua pequenez, encontra-se em todos os sitios mais humidos. O *Asplenium aculeatus*, em que a disposição das capsulas da semente segue em volta da face inferior dos foliolos, acompanha aquelle por toda a parte. A par d'estes, e com excellente vigor, os *Osmunda regalis* e o *Woordevardia* vegetam de parceria com exemplares de fetos arboreos, taes como os *Cyathea Smithü*, *C. dealbata*, *C. squarosa*, *C. medullaris*.

Este ultimo eguala em formosura as mais bellas palmeiras. Alguns desses fetos excedem a altura de 4 a 5 metros, do nivel do solo ao pegamento das frondes, e algumas d'estas teem mais de dois metros de comprimento.

A familia das arvores resinosas, enriquecida modernamente por novas e constantes descobertas, é uma das que mais contribuem para o aformoseamento dos parques modernos. O solo e clima de Cintra são excepcionalmente favoraveis á vegetação das coniferas. E' essa a razão porque ali se encontra profusão de arvores d'essa familia vegetal. Não especialisaremos as especies, para evitar enfado aos leitores. Apenas mencionaremos exemplares que, á sua raridade, alliam o seu incomparavel desenvolvimento.

Teem a primasia, pela sua inegualavel belleza, as *Araucariaceas*, o *Taxodio de folhas perenes*, varios *Abetos* (alguns bem raros, como o *Abies nobilis*), profusão de *Cupressineas*, *Juniperos*, *Thuyas* e *Pinheiros*; avultando entre estes ultimos, e superior a todos, o *Pinheiro insigne* da California, o *P. de Coulteri*, o *P. montzuma* do Mexico e o *P. excelsa* do Hymalaia.

De todos os generos, especialisaremos ainda particularmente a *Araucaria de Bidwil*, de folhas assoveladas, e verticilos



delgados e contorcidos, esquivam um tanto a aceitar as condições climáticas do paiz, e que, todavia, offerece, no parque da Pena, exemplares de 10 a 12 metros de altura, tendo 60 annos de idade. Não menos notáveis são os Taxodios, que, aliás, também avessos a aclimarem-se, são as arvores desta familia das coníferas que, com a *Araucaria excelsa*, mais se salientam, pelo elegante e elevado porte pyramidal, no arvoredo da serra, e pelo qual estão profusamente distribuidos.

Em arvores de parque, merecem ainda menção especial, bellos exemplares de *Mirica fagus* e de *Catalpa*, e profusão de Acacias das especies *menaloxylon*, *drumondi*, *lophanta*, *longifolia* e a *undulata*, muito elegante e menos conhecida, tendo as pontas das folhas recurvadas em forma de colchete.

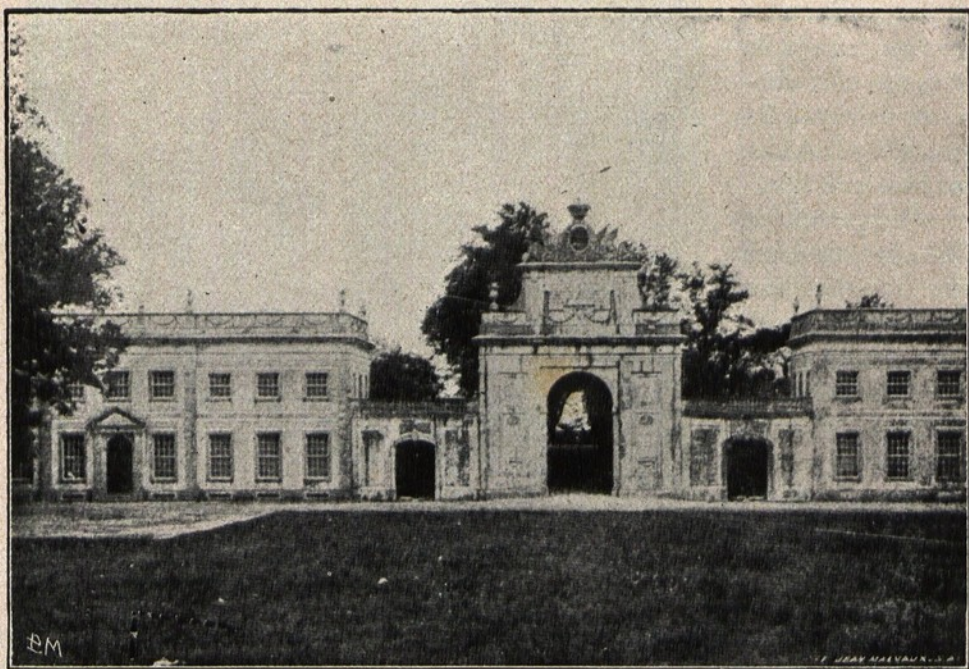
Das tres grandes divisões ou grupos das *Proteaceas*, mui caprichosas aliás nas suas exigencias culturaes, vegeta soberbamente em Cintra a *Grewilia robusta*. Para fazer juizo seguro d'esta arvore singular da Nova Hollanda, é necessario vel-a vegetar nalguns sitios da serra: o seu grande desenvolvimento, a elegancia das suas longas folhas bipennadas, egualando em graça o que os fetos offerecem de mais aereo nas suas frondes, os compridos cachos de suas mimosas flôres de côres alaranjada e verde, adornando a arvore pela forma mais vistosa, recordam os louvores que tecem a esta planta os que a viram no paiz de que é oriunda.

Entre as plantas ornamentaes, que antigamente eram desconhecidas no paiz, e com caracter de raras ainda não ha muitos annos,

abundam presentemente, com notavel relevo, os *Dasyliros*, bromeliacea de magnifica folhagem caniculada, pendente, de dois metros de comprimento, disposta em rozeta, e de flôres escarlates de grande brilho. As duas variedades, *longifolium* e *acrosticon*, encontram-se por toda a parte nos parques da serra, desde que a planta começou a dar semente em Portugal.

As *Dracenas* offerecem ali também vegetação vigorosa, representada em varias especies desta *Liliacea*, taes como: a *D. indivisa*, a *rubra*, a *australis* ou *Cordilynea austratis*, a mais bella de todas, pela sua aste arborescente, terminada por uma coma de folhas em forma de espada, agudas e pendentes.

As figueiras das zonas mais quentes do globo, de bella folha lustrosa, destacam-se entre a folhagem mais clara do restante arvoredo, nas suas especies, *elastica*, *macrophylla*, *rubiginosa* e *nimphyfolia*. D'esta Morea, porém, a especie que mais attenção me provocou foi o *Ficus stipulata*; vulgar



CINTRA — SETEAEAS

na Madeira, e que ali veste os muros em forma de trepadeira.

As *Bambusaceas*, nas suas especies, *Bambusa gracilis*, *Arundo conspicua* e *A. sinenses*, adornam quer a proximidade dos lagos, quer os tapetes de verdura, ora balouçan-

do-se ao sopro da mais leve aragem, ora adormecidas na atmospherá abrazada pela luz meridiana.

As yuccas, os aloés e as agaves, agrupadas artisticamente em relevos salientes, contribuem em grande parte para a vistosa ornamentação dos parques de Cintra. Apesar de muito vista, a soberba amarylídea, *Agave americana* (piteira commum), tratada com certa estimação n'alguns parques, apresenta

exemplares de um desenvolvimento tão descommunal, que as hastes floraes attingem dez metros de comprimento, encimadas por candelabros floridos do mais empolgante effeito. A *Agave coccinea*, de folhas erectas franjadas de vermelho rutilante e hastes floraes da mesma côr, fascina a vista. Na *Yucca plicatilis*, parece que os sucos vegetaes se lhe converteram em sangue, que percorre e enche os vasos da admiravel liliacea. A *Yucca parmentieri* não é menos bella. O *Aloés rubescens* contrasta, pelas suas folhas bordadas

de roxo, com a côr glauca das *Bonaparteas*, tão symetricas e elegantes.

As musaceas teem representantes naquelles parques em vigorosos exemplares das duas *Strelizias*. Os caladios, rivaes das musaceas no seu merito ornamental, posto que na maioria das suas especies não suportem o rigor — aliás moderado — da nossa estação invernosa, plantadas as suas raizes tuberosas em descampado durante o verão, alcançam proporções grandiosas. Encontram-

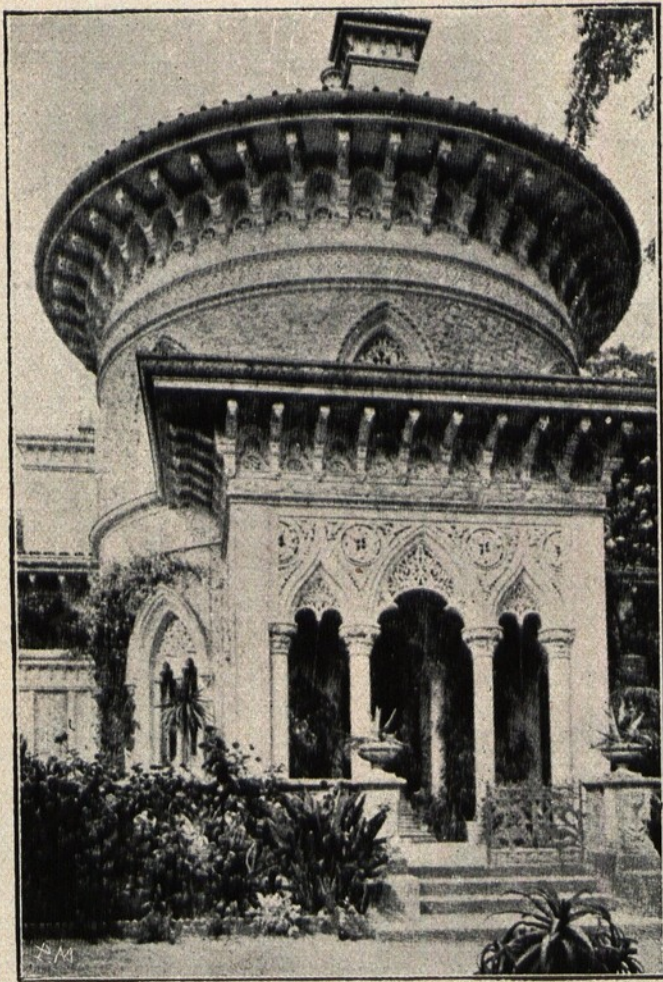
se nos parques de Cintra notaveis exemplares d'esta familia das aroídeas, nas especies *Caladium esculentum*, *C. violaceum*, e *C. erubescens*.

Entre os arbustos exóticos, alguns se encontram pertencentes ás proteaceas, que não devo passar em claro, taes como a *Banksia serrata*, de folhas lineares, truncadas na parte superior, e nervuras terminadas por um espinho; a *B. grandis*, arbusto, quasi

arvoreta, notavel pelas grandes folhas esbranquiçadas na face inferior; a *Protea glomerata*, vestida de folhas bipennes, soberbo arbusto quando floresce, apresentando flôres de grande effeito, especie de poupas penujosas russas e brancas pela parte interior, e avelludadas pela parte exterior, mas que não promete duração, sendo o seu destino a morte precoce. Não assim a *Protea cordata*, que não tem equal nas suas congêneres, pelas grandes escamas carmesins que servem de involucre ás flôres, pelas suas largas

folhas coreaceas, glaucas, franjadas de vermelho, e adherentes aos ramos por um peciolo carmesim. A Arvore da prata (*Leucodendrum*) é tambem uma proteacea vulgarizada nos parques da serra.

Entre as acacias arbustivas, destacam-se, na grande variedade existente destas plantas elegantes, a *Acacia urophila*, que tão distinctamente caracteriza o grupo das *phylides*, cujos ramos são levemente pubescentes, com folhas reduzidas a simples linhas, cobrindo-se



CINTRA — PALACIO DE MONSERRATE

no fim do inverno, de cachos de folhas angulosas, glaucas, coreaceas, e os ramos rematados por grandes paniculas de flôres, semelhantes ás das esponjeiras, e de delicioso aroma. A *A. verticillata*, parecida com o junipero commum, não é menos elegante do que a antecedente. A *A. rotundifolia*, de folhas arredondadas, obtusas e prateadas, com flôres pendentes alaranjadas, é egualmente mui digna de apreço e observação.

Restava-nos falar das plantas de collecção. Não proseguimos, porém, para não abusar da condescendencia do leitor.

Nós não desejariamos concluir esta nossa ultima digressão aos encantadores suburbios da afamada villa de Cintra, sob uma impressão desconsoladora; mas a verdade está acima de tudo. E esta manifestamente está dizendo, que a silvicultura, a floricultura e a arte de jardinagem, longe de ali progredirem, caminham para uma inquestionavel decadencia no embellezamento dos parques e habitações ajardinadas. Encontram-se sem duvida ainda alguns amadores apaixonados que se esforçam em pôr um dique á ameaçadora decadencia; mas tambem ha proprietarios, e dos principaes, que parecem apostados a desguarnecer a serra do seu arvoredo, e portanto dos seus encantos.

Quaes são as razões d'esse facto? São

varias; mas a principal é, ter-se apagado o fogo do entusiasmo pelos melhoramentos da serra. A' morte do rei D. Fernando succedeu ainda por alguns annos o impulso por elle dado á melhor obra da sua vida. Depois, tudo foi esmorecendo, até que chegou ao estado presente. Faltou a inspiração; faltou a lição, e mais do que tudo a emolação, e ainda mais a auctoridade e respeito, o prestigio intellectual, moral e social do real fanatico das bellezas da serra cintrense.

Nada disso existe hoje; e d'ahi o que se está vendo: estacionamento nuns pontos, decadencia noutros, e vandalismo em alguns.

Pena é, que as auctoridades administrativas do concelho não disponham de auctoridade e meios de obstar ao desnudamento da serra, com evidente prejuizo da sua belleza, e dos mananciaes de agua subterraneos que o arvoredo protege. Se as cousas não mudarem de rumo, não passarão muitos annos, que

não succeda a alguem, que acaso passe pelos olhos a indicação de algumas plantas que aqui fizemos, e perguntar por ellas, lhe respondam com um simples gesto, apontando para o logar onde vegetaram, e onde deveria figurar agora um epitaphio com o nome da planta que já deixou de existir.

Assim passam as glorias do mundo, e tudo o que é obra humana...



CINTRA — INTERIOR DO PALACIO DE MONSERRATE

# Do berço á campá

(O que diz o homem)

## I

### No berço

*Nasci no bosque, proximo dos ninhos;  
e um anjo loiro, que inda vejo agora,  
deu-me umas azas, como as dos anjinhos,  
e mandou-me voar pelo céo fóra. . .*

*Então puz-me a voar pelos caminhos,  
de folha em folha, como a propria Flora;  
— Acordavam cantando os passarinhos,  
e apparecia, lá ao longe, a aurora. . .*

*Hoje cá vou, entre os pardaes aos molhos,  
archanjo do Senhor, de azas nos olhos,  
de sonho em sonho, doidejando á tóa.*

*Passa-me á porta o rastro das estrellas. . .  
Que linda é a vida, e como as flôres são bellas!  
Que grande é o céo, e como a aza o vóa!*

## II

### Na infancia

*A vida é linda. . . Mas se a olho, assim,  
olhos abertos para o sol em chaga,  
como que sinto qualquer cousa vaga,  
que eu nunca vira, mas que existe, sim. . .*

*E' um não sei quê que me perturba, emfim,  
qualquer cousa que fêre, e que embriaga.  
Mas quanto mais lhe busco a fórma vaga,  
mais a adivinho para além de mim. . .*

*O que será o céo — o céo immenso,  
e o sol em fogo a revolver o pó,  
e os astros altos em que sempre penso?*

*E' estreito o globo, se o comparo ao ar. . .  
A terra é isto que se avista, só?  
Não ha mais mundo para além do mar? . . .*

### III

#### **No meio da vida**

*Custou-me a lucta a mocidade inteira!  
Mas ao voltar do espaço, onde o céu mora,  
trouxe comigo a causa verdadeira  
de quanto existe pelo mundo fôra!*

*Descobri mundos, prescritei a aurora,  
domei o vento e a viração ligeira.  
E adorei um throno onde repouso agora,  
com a gloria sentada á minha beira!*

*Desfiz mysterios, revolvi o lodo,  
trazendo á luz, para o clarão dos ares,  
as leis occultas do universo todo!*

*Tudo toquei com o meu braço nu:  
desfiz o céu e dominei os mares...  
— Deus, desthronei-te! Sou maior que tu!*

### IV

#### **Da morte**

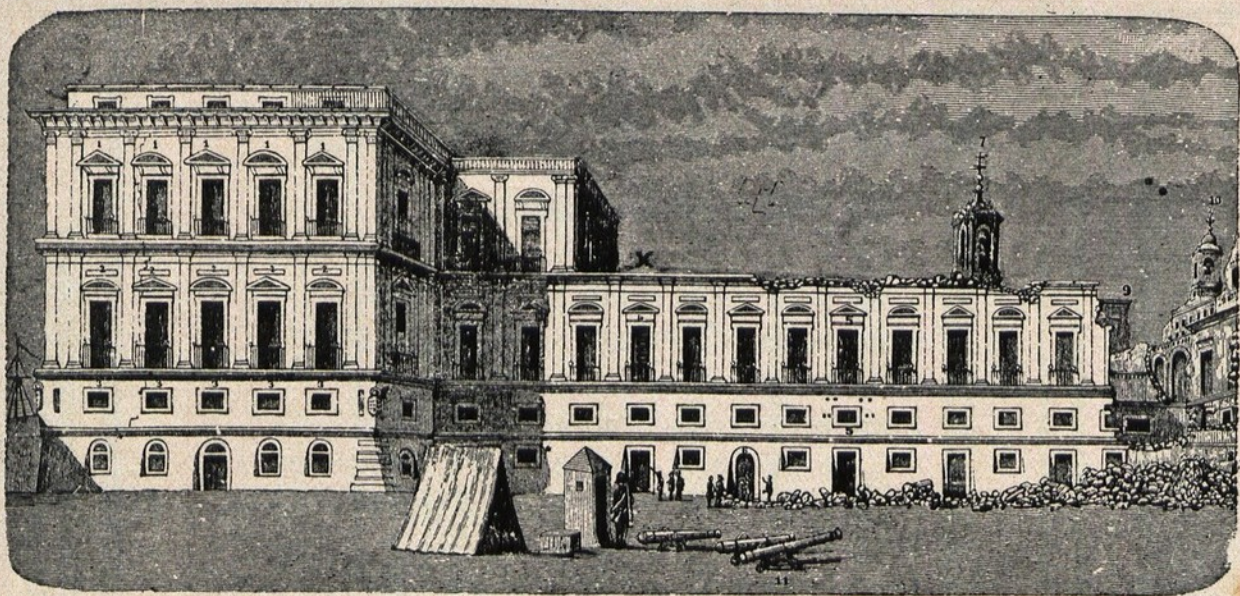
*Coroção que te esvae, pára um momento,  
combate ainda ao sol, que se adelgaça.  
Pois assim morre todo o pensamento,  
só de tocar-lhe um vento que perpassa?*

*Que sombra é esta, que envolve e enlaça,  
quando eu attinjo a perfeição subida,  
que de dar-me nos olhos me embaraça,  
com a passagem d'uma nova vida?!*

*Mysterio? Não! Eu fui aos ares sidereos,  
revolvi astros, vi o impalpavel,  
já não existem para mim mysterios!*

*Toda a sciencia humana pára aqui?  
— O' morte dura, ó morte impenetravel!  
eu só agora me lembrei de ti!...*

MARIA DE BARROS.



O HISTORICO PALACIO DA RIBEIRA DAS NAUS,  
ONDE RESIDIAM A DUQUEZA DE MANTUA E O TRAIADOR MIGUEL DE VASCONCELLOS  
(A janella com o signal × foi por onde lançaram á rua o traidor)

# A Independencia de Portugal

(Commemoração historica)

*Pro-patria — As aspirações de um povo — Os conjurados de 1640 — O trabalho de Deus, «com ambas as mãos» — O despertar do leão adormecido — A manhã de 1 de dezembro — Um instante decisivo — As luctas da Restauração — As batalhas principaes: Ameixial, Castello Rodrigo e Montes-Claros — Uma patria resurgida.*

**N**o momento em que o presente numero dos *Serões* está sendo distribuido, completam-se 269 annos, contados dia a dia, desde aquelle, para sempre memoravel, em que «um punhado de portuguezes», n'um arrojo de audacia e n'uma hora feliz, reconquistaram para este torrão abençoado da nossa patria, a perda independencia, recuperando, por assim dizer, n'essa hora, as gloriosas tradições de heroismo e abnegação, tambem perdidas nos 60 annos que durára a nossa submissão ao jugo do estrangeiro, tradições quasi oblite-

radas já na memoria dos portuguezes d'essa época. Alguns raros protestos lavrados durante esses 60 annos, embora significassem que andava latente o proposito de reaver a autonomia da patria, e demonstrassem que nem tudo era submissão e servilismo, haviam resultado estereis. E' que para concentrar as boas vontades dispersas e os esforços isolados dos que ainda continuavam portuguezes pelo sentimento e pelo coração, faltava, como escreveu José Silvestre Ribeiro, «o elemento providencial que nos fins do seculo XIV surgira em Portugal, e dera a victoria a uma iniciativa arrojada».

Com effeito, faltava o homem de animo

D. JOÃO, DUQUE DE BRAGANÇA

D. LUIZA DE GUSMÃO



JOÃO PINTO RIBEIRO

D. ANTÃO VAZ D'ALMADA

(Reprodução de quadros e desenhos antigos)

resoluto, que ardentemente houvesse de votar-se a pugnar pela independencia da patria, por essa tão almejada reconquista que andava nas aspirações de todo um povo, as

quaes não se exteriorisavam apenas em razão d'aquella falta.

Os symptomas d'essa exteriorisação iam, porém, apparecendo, que outra coisa não fôra

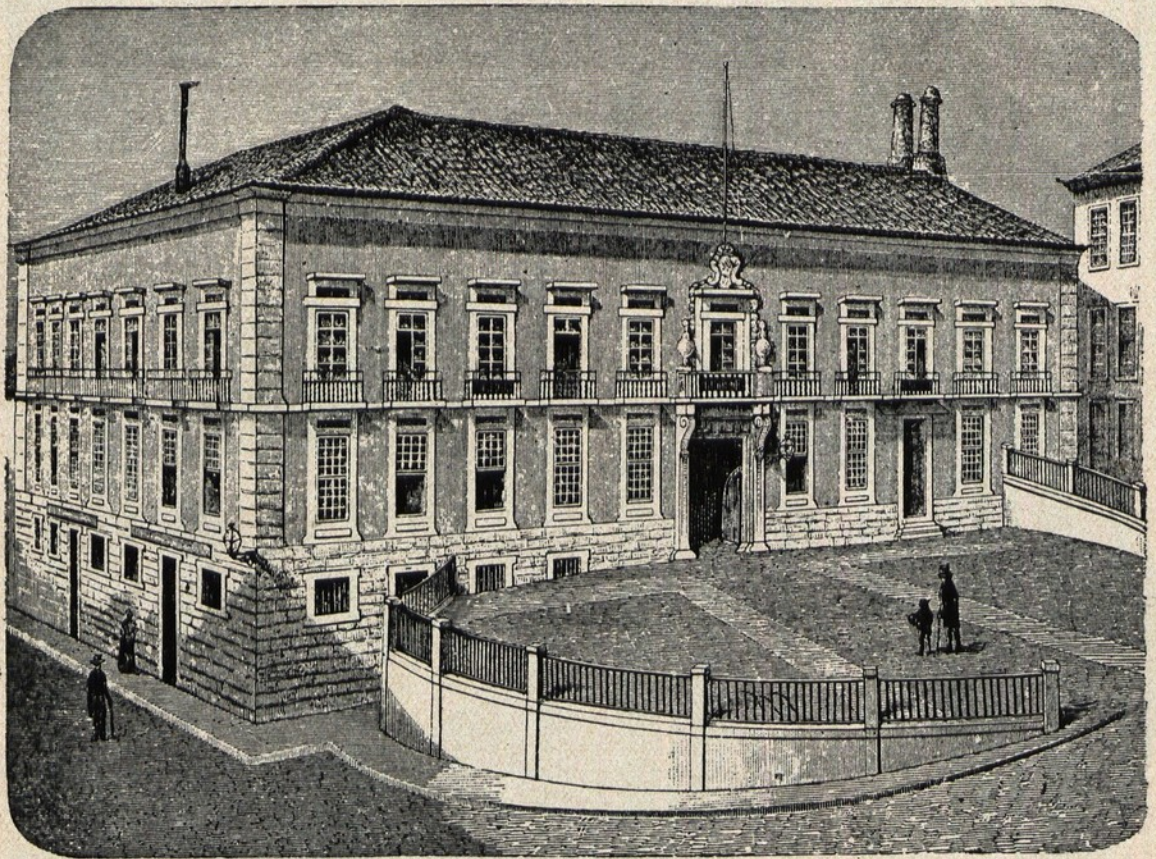
o levantamento do Manuelinho de Evora, em 1637, onde «emergira principalmente o elemento popular». Aparecesse o desejado homem audaz e resoluto, levantasse elle o grito patriótico, e todo o povo o seguiria, dando largas ás suas até então refreadas aspirações.

Esse homem appareceu, emfim, como a historia refere e é por todos sabido. Foi João Pinto Ribeiro. Não iremos, agora fazer a narração detalhada do que foi esse grande acontecimento historico de que hoje

todos os nossos leitores conheçam, referentes ao acto da Restauração de 1640, e aos factos que foram consequencia d'aquelle e no seu conjuncto produziram, á custa de muitas vidas e apoz dilatados annos de luctas, o Portugal independente e autonomo que é hoje a nossa patria querida.

\*

Tres haviam sido já os monarchas da hespanhola dynastia filippina, que nas suas



O HISTORICO PALACIO DOS CONDES DE ALMADA

(Hoje Quartel General da 1.<sup>a</sup> Divisão, onde se reuniam os conjurados em 1640)

passa o 269.<sup>o</sup> anniversario. Não ha um só portuguez que o desconheça — pelo menos nas suas linhas geraes — e repetir o que todos sabem seria fastidioso e impertinente. Todavia, como esta data é d'aquellas que exigem commemoração, e como pelos portuguezes de hoje é devida a mais grata homenagem aos portuguezes d'aquella época, não deixaremos de alludir a traços largos a algumas particularidades, que talvez nem

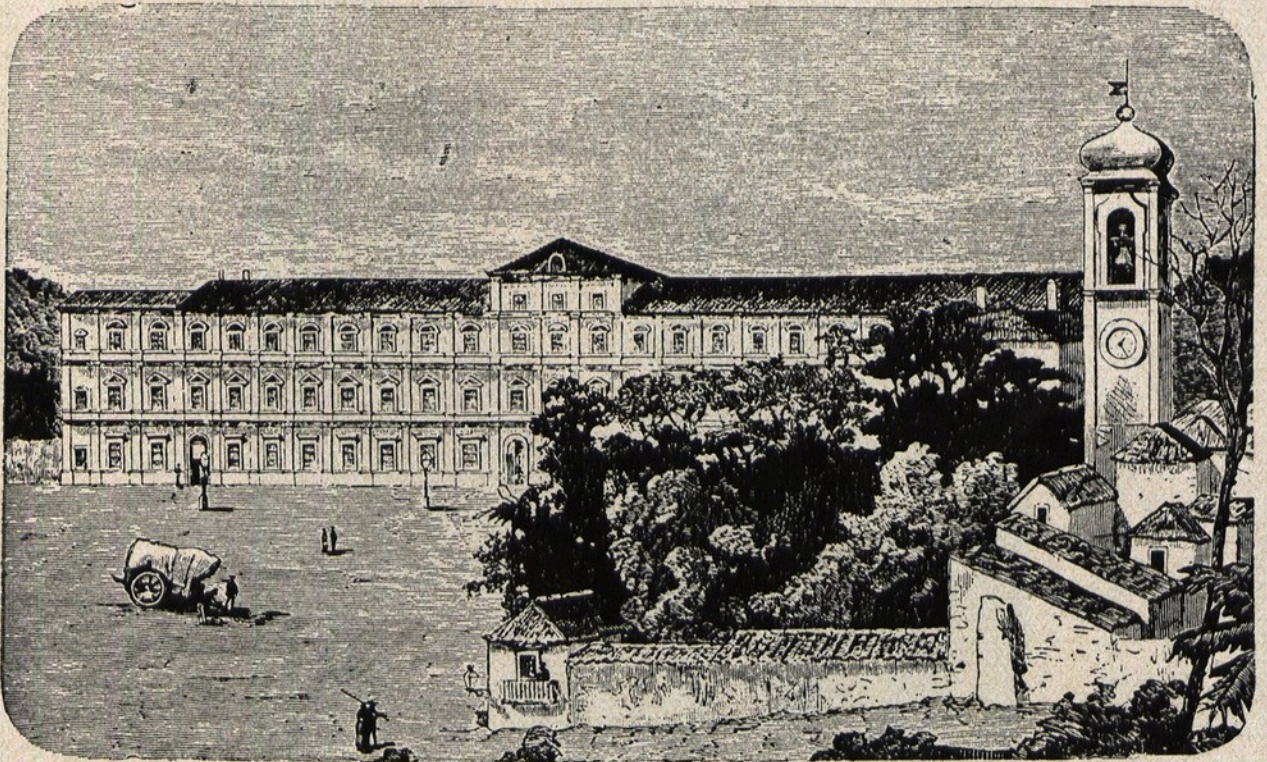
mãos haviam segurado os dois sceptros de Hespanha e Portugal, e cada um d'esses monarchas, capacitados da nossa submissão aos seus designios, retrahira mais os fóros e as liberdades do nosso povo. O ultimo, Filippe III, nomeára vice-rainha, ou governadora do reino, com residencia effectiva em Lisboa, a famosa duqueza viuva de Mantua, dama já idosa, mas de genio irresoluto, e absolutamente desconhecadora de



praticas governativas. Ao seu lado, porém, como auxiliar ou primeiro ministro, collocaram D. Philippe e o duque de Olivares, esse degenerado portuguez que foi Miguel de Vasconcellos, o qual se não pejava de servir os interesses estrangeiros em detrimento dos do seu paiz, nem hesitava em aconselhar e promover contra os que seus compatriotas eram, rigores desmedidos e vexames espantosos. Ferreteado de infame e de traidor, se n'um momento pagou com a vida a larga somma das suas perfidias, não conse-

D'elle se conta que disséra a alguém: *Para me fazer rei, teve Deus de trabalhar muito, e com ambas as mãos — com uma para me tapar os olhos, e com a outra para me arrastar pelos cabellos!* Esta phrase dá bem a medida da vontade com que elle acceitou a corôa que os conjurados se esforçaram por collocar sobre a sua cabeça.

Os heroes da Restauração audaciosamente arriscaram a vida, nada arriscando o duque por não tomar parte no movimento, embora a elle principalmente, e directa-



O PALACIO DOS DUQUES DE BRAGANÇA, EM VILLA VIÇOSA  
(Onde D. João IV recebeu a noticia da conspiração victoriosa)

guiu que o ignominioso apôdo chumbado ao seu nome vilissimo deixasse de perseguir-lhe a memoria atravez de todas as gerações, horrorisadas de tanta infamia como a que sobre esse nome elle soube e quiz accumular.

Dirigidos e encorajados pelo celebre João Pinto Ribeiro, secretario do duque de Bragança, ao tempo residindo no palacio de Villa Viçosa, varios fidalgos e pessoas nobres premeditavam, sob o mais rigoroso sigilo, sacudir o affrontoso jugo castelhano, fazendo acclamar rei de Portugal aquelle duque portuguez, mesmo contra a vontade d'elle, que não era homem para grandes arrojões.

mente, aproveitasse. Mesmo depois de tudo concluido, foi assaz difficil de convencer a deixar-se acclamar, tão pusilanime era o seu espirito, e tão refractario se mostrava a acceitar o que tanto trabalho e tanto risco custára aos que em seu prol haviam planeado e executado a revolta contra o jugo estrangeiro.

Quarenta sabemos que foram os conjurados principaes, e a estes vieram depois juntar-se outros, quando o plano estava já delineado e em via de execução. Entre os primeiros quarenta figurou o padre Nicolau da Maia, que foi dos mais activos, não tendo contribuido pouco para a feliz realisação de

tão arrojada empreza, como foi a da libertação de Portugal.

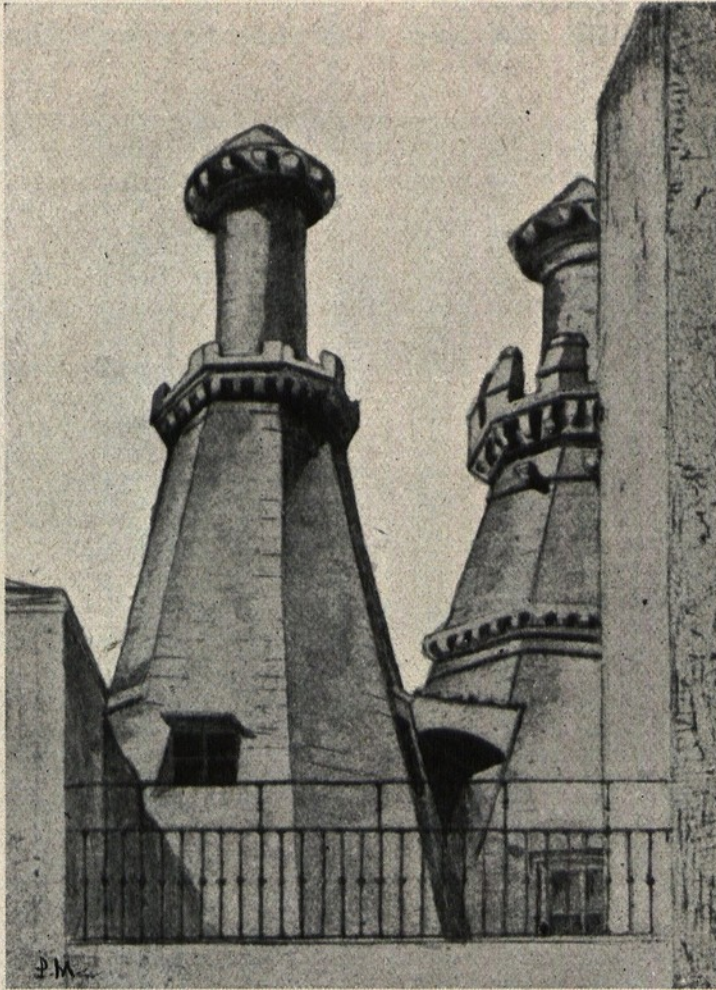
Relembremos, que nunca é demais fazer-o, os nomes dos outros heroes da nossa independencia. Foram elles: João Pinto Ribeiro, juiz de fóra de Pinhel, Ponte de Lima e outros logares; D. Miguel d'Almeida, conde de Abrantes; D. Antão d'Almada, governador da cidade; Jorge de Mello, general das galés; Pedro de Mendonça, alcaide-mór de Mourão; D. Antonio de Mascarenhas, commendador da ordem de Christo; D. Antonio Tello, capitão-mór das naus da India; D. Gastão Coutinho, governador da provincia do Minho; D. Luiz d'Almeida; D. Alvaro de Abranches, general do Minho; D. Afonso de Menezes; D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva e conde de Cantanhede; D. João de Sá e Menezes, conde de Penaguião; Dr.

João Sanches de Baêna, lente de canones em Coimbra; D. Rodrigo de Menezes, regedor das justiças; D. João da Costa, conde de Soure; D. Antonio da Alcaçova, que serviu na India; João Rodrigues de Sá, alcaide-mór de Sines; Antonio de Saldanha, alcaide-mór de Villa Real; Alves de Saldanha, alcaide-mór de Soure; João de Saldanha e Sousa, mestre de campo; João de Saldanha e Gama, capitão de cavallaria; Antonio de Saldanha, conego (que

renunciou á vida ecclesiastica para seguir a carreira das armas); Bartholomeu de Saldanha, que foi morrer á batalha de Montijo; Sancho Dias de Saldanha, que tambem veiu a morrer em combate; D. Jeronymo de Athayde, conde de Athouguia; D. Francisco Coutinho, que morreu no combate de Elvas; D. Vasco Coutinho; Martim Affonso de Mello, conde de S. Lourenço; Luiz de

Mello; Manuel de Mello, prior do Crato; Francisco de Mello e Torres, conde da Ponte e marquez de Sande; Antonio de Mello e Castro, capitão de Sofala; D. João Pereira, prior de S. Nicolau; Fernão Telles da Silva, conde de Villa Maior; Antonio Telles da Silva, conde de Villa Pouca; D. Fernão Telles de Faro, general da Beira; D. Antonio da Cunha, senhor de Taboa; Tristão da Cunha e Athayde, senhor de Povolide; Luiz da Cunha e Athayde, filho

do anterior; Nuno da Cunha, conde de Pontével; Estevão da Cunha, prior de S. Jorge; Luiz da Cunha, que foi morrer a Montijo; Luiz Alvares da Cunha e Azevedo, morgado dos Olivaeas; Duarte da Cunha e Azevedo, filho do anterior; Tristão de Mendonça; Henrique de Mendonça; Luiz de Mendonça, conde do Lavradio; D. Francisco de Sousa, conde do Prado; Thomé de Sousa; D. Paulo da Gama, descendente do grande Vasco; D. Thomaz de Noronha, conde dos Arcos;



PADRÕES DA RESTAURAÇÃO, NO PALACIO DOS CONDES D'ALMADA

D. Francisco de Noronha, irmão do anterior; D. Carlos de Noronha; e D. Miguel Maldonado, que foi escrivão da chancellaria-mór.

E com todos estes, cujos nomes a historia recolheu, muitos outros, todos os outros que ficaram anonymos, embora se não poupassem ao ardor dos combates que se seguiram, e em que durante 27 annos a nação se empenhou para sustentar e defender a grande e ousada obra do dia 1 de dezembro de 1640. Para a memoria de todos esses bravos portuguezes vá o preito sincero da nossa admiração.

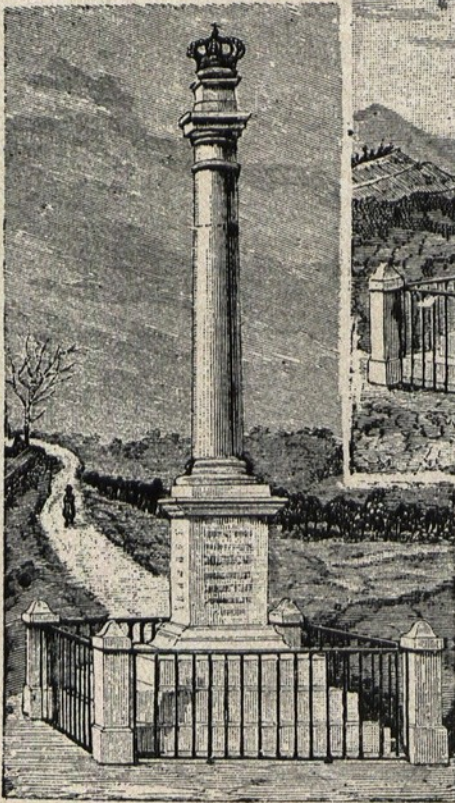
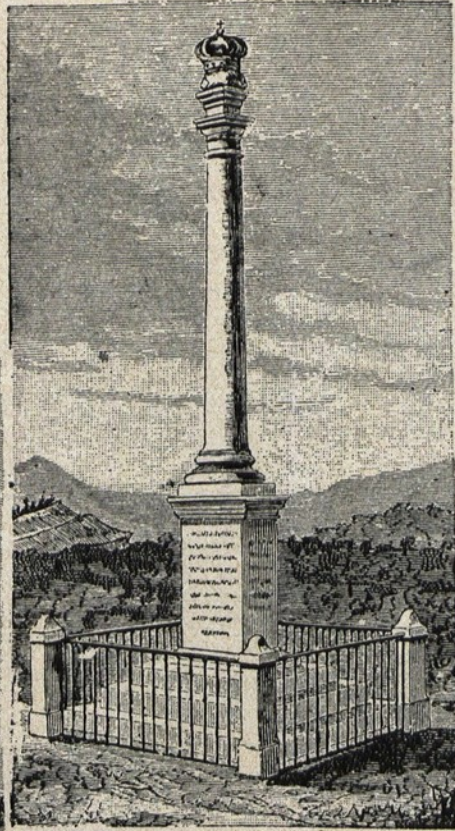
A Catalunha, como nós indignada pelas continuas violações dos seus fóros e regalias, revoltára-se contra o governo de Madrid. Foi o ecco d'essa revolta que veiu acabar de acordar em nosso paiz os antigos brios adormecidos. Os portuguezes conjurados decidiram-se a não esperar mais pela resolução do duque de Bragança. Ficasse elle onde estava, que elles iriam para diante na audaciosa empreza de libertar a patria. Apoz diversas conferencias, a maior parte das quaes se realisaram em casa de D. Antão d'Almada, ao largo de S. Domingos, a mesma onde está hoje installado o quartel general da 1ª divisão militar, concertaram todos que a empreza se iniciasse ás 9 horas da manhã de 1 de dezembro.

Com effeito, n'esse dia e á hora indicada

nem um só dos conjurados faltou no seu posto, encaminhando-se todos para o então chamado paço da Ribeira, edificado no proprio local onde se encontram hoje as secretarias dos ministerios da guerra, marinha e fazenda, e que está representado, segundo uma estampa antiga, na gravura que serve de *en-tête* a este artigo. Ao bater da ultima badalada das 9 horas, no relógio da Sé, todos os bravos entraram em acção, atacando uns a guarda tudésca, outros a guarda castelhana, que tomadas ambas de improviso se renderam sem delongas. Dera o signal do começo da empreza, com um tiro de pistola, como se havia combinado, o velho D. Miguel d'Almeida, e elle foi tam-  
bem o que

PADRÃO COMMEMORATIVO DA BATALHA DO AMEIXIAL

PADRÃO COMMEMORATIVO DA BATALHA DE MONTES CLAROS



primeiro, á aproximação do povo, cujo juiz estava no segredo da conspiração, levantou o grito de *Real! Real! Por D. João, Rei de Portugal!*

Entrando no paço da Ribeira, os conjurados deram morte ao degenerado Miguel de Vasconcellos, arrojando-lhe o cadaver, para o terreiro em frente do paço (hoje Praça do Commercio), pela janella do andar nobre do edificio, que era a quarta a contar do que é hoje o torreão do ministerio da guerra, janella que vae marcada com o signal X na gravura respectiva.

O conjurado D. Carlos de Noronha, foi quem deu voz de prisão á vice-rainha, duquesa de Mantua, exigindo-lhe uma ordem

escripta para que fosse entregue aos portuguezes o castello de S. Jorge, como effectivamente foi.

A revolução achava-se n'um momento victoriosa. A bandeira sagrada da patria, de novo se desfraldava nas ameias do velho castello; e quando a noite de 1 de dezembro desceu sobre Lisboa estavam expulsos todos os hespanhoes, pode dizer-se que sem effusão de sangue, «pois foi assaz limitado o numero das victimas da mais gloriosa revolução que se tem realiado, não só pelo seu fim — emancipar uma patria — como pela maneira por que foi levada a effeito».

A phrase posta na bocca de um dos conjurados: *E' um instante emquanto vamos ali ao paço da Ribeira, tiramos um rei e pomos outro*, não podia ter sido mais prophetica. N'um instante deixou de reinar Philippe III de Hespanha, para reinar D. João IV de Portugal.

Alguns dias depois, á medida que as diversas terras do reino iam dando voz pelo duque de Bragança, em todo o paiz tinha cahido o jugo de Castella, para não mais se restabelecer, apesar dos esforços empregados durante annos successivos de luctas. O velho Portugal, portuguez ficou desde esse memoravel dia, graças ao arrojo, á intrepidez e á energia dos seus filhos.

A nação não possuia exercito, e foi o levantamento em massa de todo o povo, que fez consolidar a obra grandiosa encetada a 1 de dezembro. A braços com uma lucta intestina, que lhe absorvia todos os cuidados, não logrou desde logo o famoso conde-duque de Olivares, reunir forças que mandasse a Portugal castigar-lhe a *ousadia* de

querer ser livre e autonomo; de sorte que, nos primeiros tempos, nos deixou em relativa tranquillidade; e isto muito contribuiu para que pudesse ir organisando o exercito, instruindo e disciplinando as massas nacionaes, e provendo á defeza das nossas praças.

A breve trecho, porém, a Hespanha lembrou-se de tentar a reconquista do

perdido, e lançou-se desesperadamente em guerra contra o paiz que do seu jugo se libertára. Vinte e sete annos durou essa guerra, durante os quaes os castelhanos puderam verificar de continuo que não se extinguiu nem affrouxára a raça dos vencedores de Aljubarrota. O principal theatro da guerra da Restauração foi o Alemtejo, o que não quer dizer que nas outras provincias se não batalhasse com denodo, como a historia regista e é demasiado conhecido.

Entre os generaes portuguezes de então, occupam a primeira plana Pedro Jacques



MONUMENTO COMMEMORATIVO DA BATALHA DE CASTELLO-RODRIGO

de Magalhães, Mathias de Albuquerque, Martim Affonso de Mello, os condes de Obidos, de Castello Melhor, de S. Lourenço, de Soure, de Alegrete, de Athouguia, de Villa Flor e de Shomberg, e, sobre todos, o famoso marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes.

Sem fallar na heroica defeza das linhas d'Elvas, merecem registo especial, n'essa lucta titanica entre portuguezes e hespanhoes, a batalha de Montijo, em 1644, ganha por Mathias de Albuquerque, e a heroica defeza de Monsão em 1658, em face das quaes os castelhanos tiveram occasião de avaliar quanto pode um povo que se bate pela sua independencia. Foi-nos a sorte das armas um pouco adversa em 1661-1662, em que o exercito hespanhol de D. João d'Austria conseguiu chegar quasi até Alcacer do Sal, mas logo os portuguezes tiveram ensejo de tirar a desforra na celebre batalha do Ameixial, a 8 de junho de 1663, commandados os nossos pelo conde de Villa Flor, D. Sancho Manuel. O inimigo, apesar de superior em numero e a despeito da magnifica situação que occupava, nas eminencias de Ruivinhos, da Granja e do Outeiro, foi completamente desbaratado, deixando no campo 4:000 mortos e 6:000 prisioneiros, dos quaes cerca de metade com ferimentos mais ou menos graves, e entre estes o marquez de Liche, o mestre de campo Aniolo

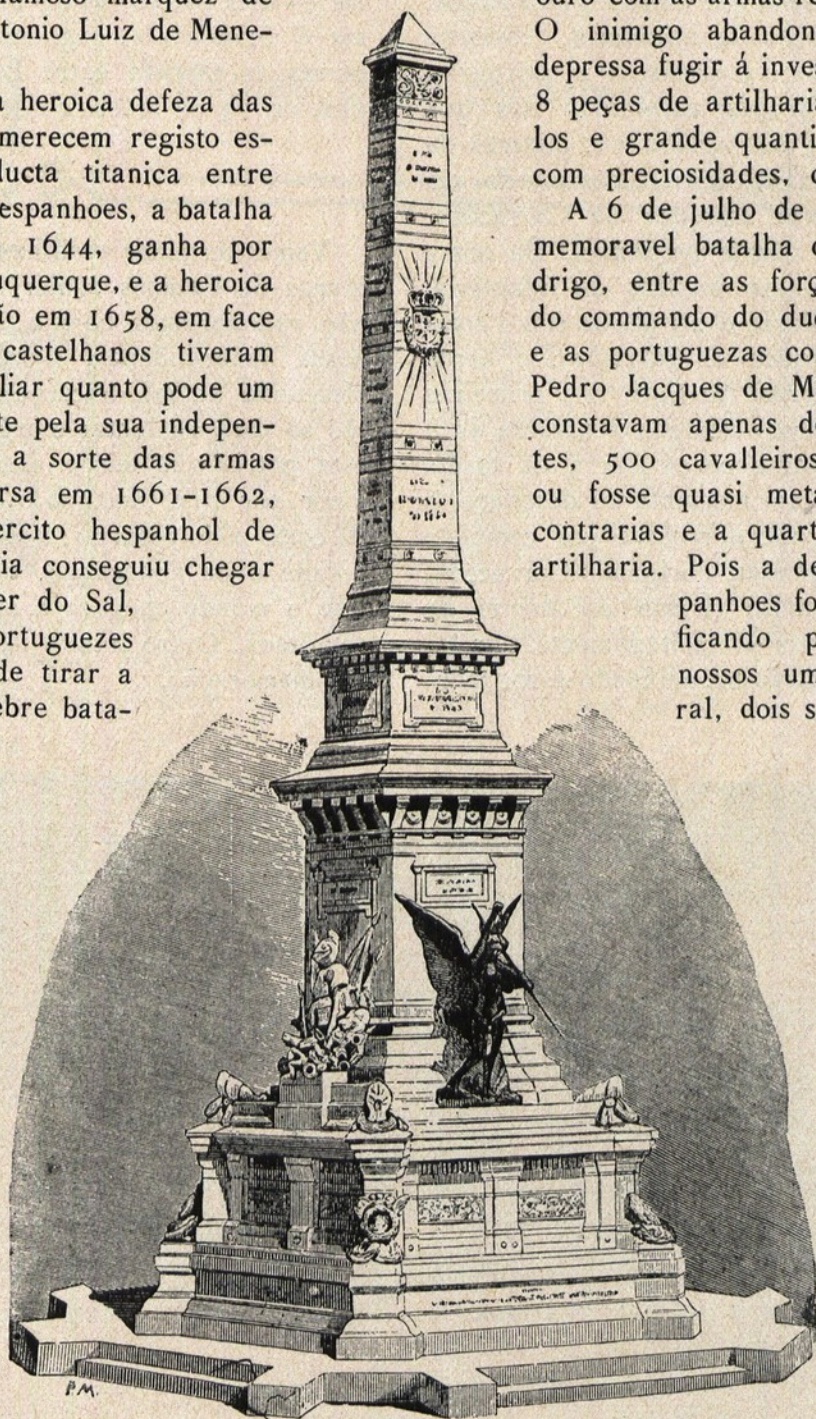
de Gusmão e o conde de Escalante. Nas mãos dos portuguezes ficaram 12 bandeiras de infantaria e muitos estandartes da cavallaria castelhana, incluindo o do proprio D. João d'Austria, todo bordado a ouro com as armas reaes de Castella. O inimigo abandonou, para mais depressa fugir á investida dos nossos, 8 peças de artilharia, 1:400 cavallos e grande quantidade de carros com preciosidades, ouro, joias, etc.

A 6 de julho de 1664 deu-se a memoravel batalha de Castello-Rodrigo, entre as forças hespanholas do commando do duque de Ossuna, e as portuguezas commandadas por Pedro Jacques de Magalhães, e que constavam apenas de 2:500 infantes, 500 cavalleiros e 2 canhões, ou fosse quasi metade das forças contrarias e a quarta parte da sua artilharia. Pois a derrota dos hespanhoes foi completissima, ficando prisioneiros dos nossos um tenente-general, dois sargentos-móres,

19 capitães, 28 alferes e grande numero de soldados, bem como em nosso poder tambem 9 peças e 2 petardos, e 500 carros de munições. O proprio duque de Ossuna, para não ficar prisioneiro teve de disfarçar-se antes de emprender a fuga.

Assim o

descrevem com grande abundancia de pormenores, que omittimos aqui, os relatorios d'aquella famosa batalha em que as armas portuguezas se cobriram de louros.



O MONUMENTO AOS RESTAURADORES DE 1640

(Na Avenida da Liberdade)

\*

A operação militar decisiva pode dizer-se que foi a famosa batalha de Montes-Claros, a 17 de junho de 1665. Compunha-se o exercito castelhano, que entrou n'essa acção, de 15:000 homens de infantaria, 7:600 de cavallaria, e de 14 peças e 2 morteiros, constituindo-o tropas escolhidas das que mais se haviam distinguido nas guerras da França e da Italia, sob o commando em chefe do general marquez de Carracena, cognominado o *Marte hespanhol*. Da nossa parte havia 15:000 homens de infantaria, 5:500 de cavallaria e 20 peças, sob o commando do marquez de Marialva, o heroe das linhas d'Elvas, patriota dos primeiros entre os primeiros. Rompeu a batalha ás 8 horas da manhã, e cerca das 3 da tarde, sem ter havido um momento de descanço, o exercito portuguez derrotava por completo as forças castelhanas, obrigando Carracena, Ossuna e Farnaise (irmão do duque de Parma) a fugirem precipitadamente, por Jerumenha, para Badajoz, deixando 4:000 mor-

tos, 6:000 prisioneiros, 3:500 cavallos, toda a artilheria, 86 bandeiras, 18 estandartes, e um famoso espolio de armas, petrechos e bagagens.

Foi este triumpho o precursor da paz entre os dois paizes, «*Paç perpetua, boa, firme & inviolavel*», segundo as proprias palavras do tratado entre Portugal e Hespanha, de 13 de fevereiro de 1668.

\*

Vamos terminar perfilhando as nobres palavras de Campos Junior, accentuando que não relembramos hoje a data gloriosa da nossa independencia para menosprezar a Hespanha actual, nação amiga e irmã, mas tão só para realentar o orgulho legitimo por esta patria que temos, afervorando o nosso amor por ella, tomando o exemplo historico de como pôde resurgir, a poder de confraternidade e de abnegação, uma nacionalidade que o mundo chegára a suppôr já morta e sepultada. Outro intuito não presidiu a esta commemoração.

ALBERTO BESSA.

---



---

# Noivado

---

*A noiva encantadora passa airosa,  
Levando a branca flôr de laranjaieira,  
A pratear-lhe a escura cabelleira  
Que lhe embelleza a fronte graciosa.*

*Perante o altar doirado, venturosa,  
Murmura o sim, palavra derradeira  
D'uma adoravel vida de solteira,  
De sonhos povoada, e descuidosa.*

*Casou-se! Um inquieto pensamento  
Córa o rosto da noiva, que a sorrir,  
Enamorava o noivo dedicado!*

*Cahiu a noite! e ao calmo firmamento  
A indiscreta lua veiu ouvir,  
O murmurio dos beijos do noivado! . . .*

# Os noctivaços de Lisboa

(Notas d'um reporter)

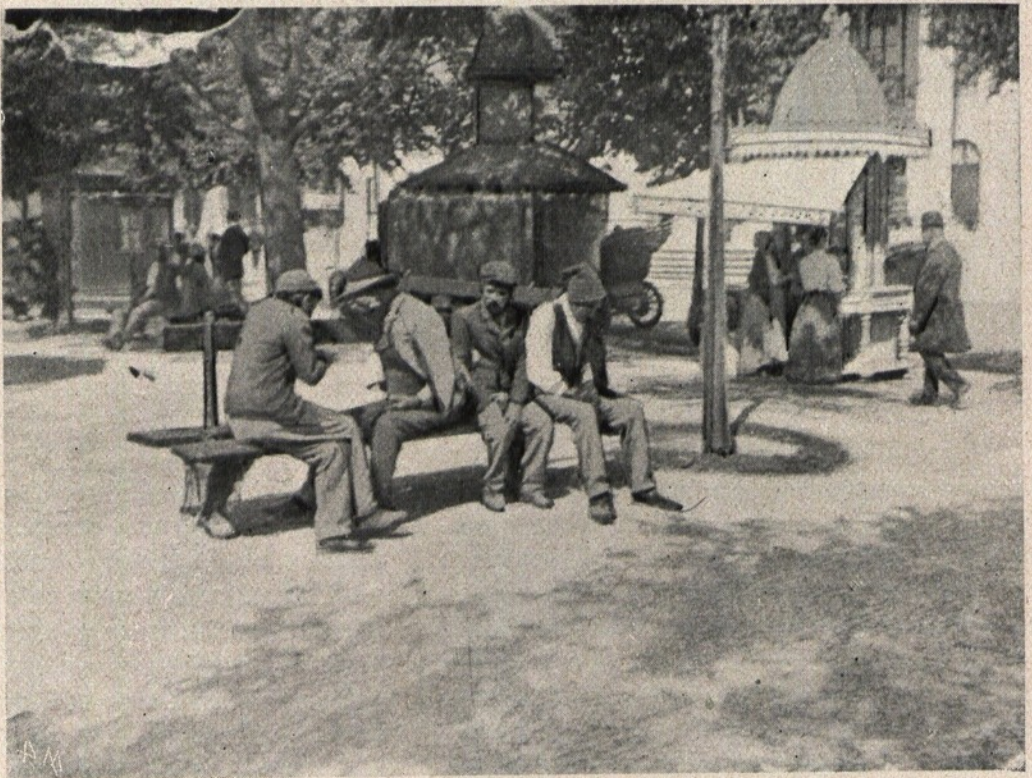


URANTE aquella meia hora que se segue á saída dos theatros, o centro da cidade tem o aspecto de uma grande e populosa capital. Uma multidão heterogenea cruza as ruas em todas as

direcções, escoando-se fugitiva para os bairros afastados, em busca do lar. Ha vida, ha animação. Os electricos correm velozes, a abarrotar de gente, e as typoiás, conduzindo os mais endinheirados ou menos previdentes, batem em todos os sentidos, vertiginosa e desconcertadamente, dando-nos a impressão de que se vão estatelar na esquina proxima. Os cafés regorgitam de freguezes, reclamando com anciedade o reconfortante chá e torradas que deve preceder a soneca re-

paradora, e, aqui e além, ouve-se ainda o pregão abafado dos vendedores de jornaes, offerecendo as folhas da noite: — Cá estão as *Novidades!* Olha o *Dia*, o *Correio* e o *Noticias de Lisboa!*

Mas é apenas um fugaz relampago de vida. Quando alli o relógio do Carmo avisa a baixa de que uma hora é passada depois da meia noite, tudo mudou. O pacato burguez que se demorou um pouco mais cá por fóra, por ter ido ao theatro, já a esse



NO ROCÍO — A' FALTA DE MELHOR LEITO

tempo está a enfiar a camisa de dormir, narrando á consorte a impressão que lhe

fez o Brazão a declamar o *Ser ou não ser*, ou a Julia Mendes a cantar canções bregeiras. Os cafés despejaram-se, e as ruas encontram-se já quasi desertas, vendo-se apenas um ou outro retardatario caminhar apressadamente para Penates. Os electricos tornam-se mais raros e a luz dos candieiros mais morticia. Fecham o Martinho e a Monaco.

A partir de então a rua fica pertencendo aos noctivagos.

Podemos dividil-os em trez grandes grupos: os esturdios, os palradores e os mise-



NA AVENIDA — IRMÃOS NA MISERIA

raveis, comprehendendo n'esta ultima designação toda a escoria social, desde o mandrim de officio, que anda vagueando a planear um assalto ou que vae já executal-o, até aos sêres insexuaes de olhar turbado e gesto mole, que se arrastam como sombras pelas praças e viellas na busca febril da saciedade.

Mas a sua grande maioria é constituida pelas *épaves* humanas que o grande oceano da vida atira a cada passo para a praia desoladora e infinita da Desgraça. São os reprobos, aquelles que a adversidade tem perseguido systematicamente desde que vie-

ram ao mundo, ou que os assaltou, de surpresa, no meio da sua ventura ou do sereno equilibrio da sua mediana felicidade. De baldão em baldão, foram cahir finalmente no lodo, e lá chafurdam, já sem consciencia muitos, alguns tentando ainda reagir. Mas, em vão; o seu caminho está traçado: a vasa ha de tragal-os, e d'ella só poderão sahir para o catre d'um hospital ou para uma cella da Penitenciaria.

Magros, quasi esqueleticos, de uma palidez cadaverica ou ruborisados pela febre, olhos amortecidos ou fusilantes, cobrem os seus pobres corpos com immundos andrajos.

Alguns envergam ainda restos aproveitaveis de antigos *fracks* ou sobre-casacas, que elles proprios pagaram por bom preço nos primeiros alfaiates, ou que alguém lhes deu por esmola; mas já as calças estão em baixo reduzidas a franjas, o chapéu parece ter servido de alvo n'uma carreira de tiro, e das botas, encontradas n'um barril de lixo, sahem descaradamente os dedos nús e sujos.

Não comeram durante todo o dia, a não ser um caldo e uma côdea, dados caridosamente n'uma taberna, ou dez réis de castanhas regadas com agua do chafariz; e como não tenham os miseros vintens necessarios para pagar á hospedaria, vagueiam errantes pelas ruas, cosendo-se com as paredes, até irem cahir exaustos nos bancos do Rocio ou da Avenida. Alli passam a noite, cobertos pela copa das arvores, deitados uns, com a face apoiada n'um braço, sentados outros, com a cabeça pendida para traz, as mãos nos bolsos, a bocca hiante, roncando... Ha bancos, no inverno, que servem de leito a



cinco e seis, comprimidos uns contra os outros, para se protegerem do frio. Assim dormem — se um policia brusco não vem fazer levantar o acampamento. E os desgraçados, que talvez n'esse momento estivessem sonhando com leitos d'oiro e pedrarias, acordam sobresaltadamente, esfregam os olhos, espreguiçam-se e, vendo o agente da auctoridade, erguem-se a custo e afastam-se, para irem, mais longe, fóra das vistas do interruptor do seu somno, installar-se n'um outro banco onde, se a Ordem emfim deixar, a guardarão o romper da madrugada...

Ao contrario d'estes, os *palradores* passam a noite ao relento por prazer, — o prazer de trocar impressões a proposito de tudo e de todos, de fazer má lingua a proposito de todos e de tudo. Escolhem a rua, porque os unicos pontos de reunião a essa hora, debaixo de telha — os cafés — pertencem á Esturdia, e tambem pelo habito que o portuguez tem de adoptar a rua como ponto de conversa. O hespanhol e o francez vão conversar para os cafés, o inglez para os *bars* ou para os *clubs*, o portuguez — para a rua.

Os *palradores* são todas pessoas d'aquellas que nós costumamos designar por *decentes*. Teem todos cama e meza, roupa la-

vada e engommada, alguns apresentam-se mesmo com elegancia, e se um ou outro lucha com quaesquer difficuldades materiaes, pelo menos não o denuncia. São escriptores, jornalistas, altos e pequenos funcionarios, empregados no commercio com curiosidades litterarias e artisticas, politicos, homens de negocios, etc.

Os seus logares fixos de *rendez-vous* são

o Rocio e o Largo das Duas Igrejas — o *Salon Bleu*. Quando este, passada a uma hora, é abandonado pelos meninos da Alta que sahem de S. Carlos ou do D. Amelia e por alli se quedam um bocado a discutir, n'um portuguez de estrebaria, cheio de calão, a plastica de tal corista, as olheiras da condessa X ou a graça canalha da tiple Y, — começam a apparecer os *palradores*.

Até ao inicio da dictadura fran-

quista reunia-se alli um verdadeiro cenaculo de caturras de diferentes profissões e seitas. Era o D. José Mesquitella, o D. João Villafraça, o Alvaro Simões, o Francisco Parreira, o Telles Pinto (que já então havia feito o seu quarto de palestra na Monaco), o Rodrigo Medeiros, o D. Fernando Anjeja, o Antonio Raposo, o Luciano Monteiro, o Pessanha, e mais uns trez ou quatro. Este verdadeiro congresso de politicos de todas as



O «SALON BLEU»

côres installava-se no espaço comprehendido entre a esquina do Leitão e as escadas da igreja do Loreto. E — coisa curiosa — o assumpto capital das suas discussões era — a politica! Mas — coisa mais curiosa ainda! — por mais vivo que fosse o debate, nunca se zangavam! — apenas uma vez ou outra, qual-



A' ESQUINA DO RAMIRO LEÃO

quer d'elles, furioso por ter sido vencido, abalava amuado, mas sorrindo, todavia, amigavelmente, aos gritos de triumpho dos seus adversarios.

Alli se discutia, se apreciava, se atacava e se defendia o ultimo acto do governo, as deliberações do Bloco, o contrabando de sedas d'um diplomata, os decretos da Convenção espumante da Anadia, a resignação do sr. cardeal patriarcha, a transferencia de qualquer governador civil, a nomeação de determinado imbecil para um cargo de grande responsabilidade, o processo de sedição, etc. E cada congressista era um alviçareiro: as mais sensacionaes noticias politicas sabiam-se alli primeiro do que em qualquer outra parte, e ás vezes muitos dias antes de apparecerem nos jornaes.

A certa altura surgia uma mundana celebre com as suas mãos patricias e os seus ban-

dós á Cléo, ou ainda outra, tambem de fama, com os seus espaventosos chapéus. O cenaculo nem por isso se desconcertava: todos as conheciam, ellas conheciam todos, e fraternisavam por momentos, trocando galanteios e larachas mais ou menos... diplomaticos.

Por volta das trez e pico começava a debandada. A conversa proseguia entre os que iam ficando, até que, quando o *Zenith* fronteiro marcava as 4, o cenaculo estava reduzido a dois abencerragens: o Telles Pinto e o Pessanha que, ainda com pouca vontade, abandonavam a sala das sessões e iam, pachorrentamente, rua de S. Roque acima, a caminho de casa...

Mas veiu a dictadura, e o congresso dissolveu-se. Por causa d'ella? Nunca o pude

averiguar. O que sei é que os congressistas passaram a andar errantes por essas ruas, em grupos de dois ou trez, talvez ainda discutindo os mesmos assumptos, mas com um certo ar receoso e nostalgico... E o *Salon Bleu* passou a breve trecho a ser frequentado por alguns rapazes pacatos e um certo numero de creaturas *blasées* que, fartas da esturdia, mas habituadas á vida nocturna, alli gastam algumas horas em amena cavaqueira, óra de pé, em pequenos grupos, junto dos candieiros; óra sentados, em linha, no rebordo das montras do Ramiro Leão, como senhoras visinhas ao soalheiro...

Entretanto, o Rocio não está ás moscas. Fechado, por volta da uma e meia, o Martinho, os ultimos cavaqueadores não se resignam a recolher logo ao lar: veem para o Rocio. Mas não ficam parados a uma esquina ou a um canto, como os do *Salon Bleu*:

conversam passeando. O seu raio de acção é o passeio da direita, entre o Mattos Moreira e a Camisaria Alves, ou o centro da praça, em toda a sua extensão longitudinal. E durante duas horas travam-se allí as mais interessantes discussões. Não versam ellas apenas sobre politica, mas sobre arte, litteratura, sciencias. Fala-se nos *adeantamentos* como na obra de Rodin, no ultimo drama de Annunzio como na travessia da Mancha em aeroplano. E como a maioria seja em geral constituída por medicos—o dr. Brito Camacho, o dr. Manoel Penteadó, o dr. Archer e Silva, etc.—é parte obrigada a descoberta de determinado sôro, a operação feita na vespera pelo dr. Z. ou a marcha de tal ou tal epidemia.

Os miseraveis, sentados pelos bancos, olham com espanto e uma certa raiva aquelles senhores que, tendo casa, andam por allí ao frio, a dar á lingua; e, depois de os considerarem por longo tempo, decidem-se

finalmente a dormir—precisamente o que elles se resolvem tambem a ir fazer por altura das trez e tal.

A essa hora *bat son plein* o *Club dos Canivetes*, pittoresca designação da esquina sul da calçada do Carmo, onde, depois da ceia, se reúnem o Ferreira da Costa, o Julio Dally, o Hogan Teves, o Arthur Cardoso e outros *habitués* dos theatros—para dizer mal. D'ahi a denominação do sitio. Querem saber o ultimo escandalo de bastidores? Vão ao *Club dos Canivetes*. Allí sabe-se tudo: quem corteja agora a actriz Fulana, onde foi cear, acompanhado, o actor Beltrano, de quem era o automovel que esperou á porta da caixa do theatro tal que acabasse o espectáculo, quem entrou para elle, o motivo porque este actor ou aquella actriz sahiram d'esta ou d'aquella companhia, etc. E' discutindo estes picantes casos que aquellas alminhas fazem o chilo da ceia...

(Continúa.)

JOSÉ SOARES.



O «CLUB DOS CANIVETES»



## DEDUZINDO

(Depois de lêr os versos d'Elia)

*Leio os teus versos, leio! . . . — Ai quem me dêra  
Saber de quem tu falas! . . .*

***Quem, aquella duleissima «chimera»**  
Que, no teu coração saudoso, impêra,  
Que, num berço de flores, cantando, embalas . . .*

*Às vezes penso que sou eu . . . — Coitado! . . .  
(E bem podêra sel-o,*

*Que por certo, não tens, no teu passado,  
Outro amor mais sincero e acrysolado,  
Outro amor mais leal e mais singello.)*

*Mas eu conheço o mundo — oh! se o conheço! . . .  
— Muita dôr me eustou! . . . —*

*Para saber quem seja, não careço  
Que tu m'o digas, não! — e nem t'o peço —  
É, com certeza, **alguem que não te amou.***

Bahia dos Tigres

ALBERTO CORRÊA.

# O prisioneiro de guerra

(Episodio da guerra da Peninsula)



Os tempos que vivi em Portugal e Hespanha, fazendo parte do exercito inglez que combatia as tropas de Napoleão, foram cheios de trabalhos e perigos, mas deixaram-me, apesar d'isso,

recordação agradável. Seria porque n'aquella porfiada lucta as armas britannicas lograram conquistar novas glorias, sob as ordens do Duque de Ferro?

Não foi só por isto, á fé do capitão Nether-ton, dos dragões ligeiros, solemnemente o declaro. E' que os officiaes do meu regimento faziam a tudo cara alegre, ainda que tivessem a certeza de que se estavam arriscando aos maiores perigos. N'uma profissão em que a vida se joga a todo o instante, não sei que haja melhor systema. E entre todos os meus camaradas eu era apontado com o dedo. Pudera não! Um homem de seis pés de altura, lindo cabello, farto bigode, olhar penetrante, e coração sem cuidados, firme na sella como se lhe estivesse atarrachado, excellente jogador de espada, bom atirador de pistola, grande amator do bello sexo e tão capaz de vencer nas pugnas de Cupido como nas de Marte, eis o que eu, Jack Nether-ton, tenente de dragões, era na bella manhã de maio de 1809 em que recebi ordem do brigadeiro-general Stewart para lhe ir falar immediatamente.

Na vespera tinhamos passado o rio Douro e surpreendido, da maneira estupenda que todos conhecem, o exercito do marechal Soult, que ainda occupava o Porto e que se viu obrigado a fugir a trouxe-mouxe. Durante a espantosa operação, o meu regi-

mento portara-se com a maior galhardia, de sorte que estavamos todos ufanos e alegres.

Vamos, porém, á historia que lhes quero contar.

Logo que recebi aquella ordem, vesti-me a toda a pressa e sahi de casa como um virote, cofiando o bigode e fazendo tinir a espada e as esporas por cima da calçada de granito, com o arreganho que sempre distingue os dragões inglezes. Estaquei á porta da casa onde estava aboletado o brigadeiro, e bati-lhe fortemente com o punho da espada.

Um ajudante de ordens levou-me, em acto continuo, á sala onde estavam almoçando Stewart e alguns officiaes do seu estado maior. Fiz a continencia do estylo.

— Está fresca a manhã, disse-me affavelmente o brigadeiro. Não parece de maio.

— Assim mesmo é que me agrada e ao meu regimento, respondi eu. Depois do ardor do combate em que hontem andámos...

— E agora já se refrescou?

— Já, sim, meu general.

— Pois então, aqueça-se outra vez. Major, passe-me a garrafa d'esse vinho, que pela idade já deve ter netos.

E, voltando-se para mim, accrescentou:

— E' do melhor que dão as vinhas do Alto Douro.

Sentei-me e de boa vontade acceitei um copo cheio até á borda. A minha experiencia das campanhas ensinou-me a nunca recusar um copo de bom vinho, em vista de ser contingente a possibilidade de beber mais algum.

— E' bom cavalleiro, tenente? perguntou-me o general.

— Assim dizem no meu regimento! foi a minha resposta.

— E está habituado a affrontar os perigos?

— Como todos os que tem praça no meu regimento.

— Muito bem!

Meneou a cabeça, olhando para o seu estado maior, e o seu estado maior fez um meneio identico, olhando para elle.

— Destinei-lhe, tenente, proseguiu o brigadeiro, um serviço de veras arriscado.

— Mil vezes obrigado, meu general!

— E' urgentissimo que o marechal Beresford receba umas ordens de sir Arthur Wellesley, e o nosso commandante em chefe encarregou-me de escolher o official que ha de leval-as. Escolhi o tenente Nethertherton.

— Renovo os meus agradecimentos, general, e afirmo-lhe que o marechal Beresford receberá essas ordens.

— Conhece o itinerario que deve seguir?

— Assim e assim. Oh! Tenho a certeza de que não me perderei.

— Vejo que deposita muita confiança...

— Em mim e no meu cavallo!



FUI ARRASTANDO O ESTROPIADO CAVALLLO  
ATRAZ DE MIM, PELO ATALHO INFERNAL

— O perigo resulta principalmente das forças que o inimigo por ahí tem dispersas, desde que retirou de Porto. Além d'isso a região que vae atravessar não está segura porque os naturaes desconfiam de tudo o que lhes cheira a francez, e fazem fogo quando tem a minima suspaita.

— Confio absolutamente na minha espada e no meu cavallo.

— Se infelizmente cahir nas mãos do inimigo, lembre-se de que elle não deve ler a correspondencia que vou entregar-lhe.

— Não a lê, afirmo!

— Mas o tenente arrisca-se a muito, se fôr apanhado e pretender aniquilá-la.

— Pouco se me dá. Farei tudo o que fôr humanamente possivel...

— Apenas cumprir o encargo, volte a relatar-me o que tiver succedido. Quanto tempo calcula que estará ausente?

— Se dentro de quatro dias eu não tiver voltado, pode ficar certo de que morri.

— Ou de que está prisioneiro.

— Desculpe, general, mas não quero admittir essa hypo-

these. Consta-me que as prisões dos francezes deixam bastante a desejar.

— Muito bem, disse o general Stewart. Aqui tem um mappa grosseiro do caminho que deve seguir, e a correspondencia para o marechal Beresford. Lembre-se de que tenho absoluta confiança no tenente.

Fiz continencia e voltei para o meu aquartelamento, as-sobiando uma modinha alegre.

— Uma coisa já tive a meu favor, ia eu dizendo comigo mesmo: o ser escolhido para uma empresa que exige intelligencia e valentia. Se a levar a bom termo, é um grande passo que dou na minha carreira, pois demonstrarei que tenho es-perteza, imaginação e energia. Oh! Hei-de sahir-me bem! Olá se hei-de!..

Era ainda muito cedo quando sahi do Porto. O meu cavallo, que parecia devorar o espaço, rinchava alegremente respirando o ar fresco da madrugada.

Fui ficar n'aquella noite a uma aldeia, cujos visinhos se mostravam animados do melhor espirito e me deram preciosas informações ácerca das tropas do marechal Beresford. Depois da ceia, o dono da casa, onde me aboletaram, demorou-se a falar comigo e convidou-me a beber em honra da victoria do exercito alliado um vinho que não ficava a dever nada ao que o general Stewart tinha á sua meza. Bebemos duas garrafas.

Na manhã seguinte montei outra vez a cavallo, e n'aquelle mesmo dia encontrei-me com o marechal Beresford, sem me haver acontecido qualquer coisa digna de menção. Beresford ia perseguindo Loison.

Leu os officios de sir Arhur Wellesley e escreveu immediatamente a resposta, que me



AJOELHOU E PROMETTEU FAZER QUANTO EU LHE MANDASSE

entregou com intimativa, dizendo:

— Volte ao quartel general do nosso commandante em chefe o mais depressa que puder, e tenha a maior cautela com as partidas do inimigo que pairam entre as forças do meu commando e as collocadas sob as ordens immediatas de sir Arthur.

Tendo assistido á passagem da columna de Beresford, voltei para traz, todo envai-

decido com o bello aspecto d'aquelles soldados tão anciosos por atacarem o exercito de Soutl em retirada (1).

Vinha cahindo a noite quando cravei as esporas no meu cavallo. A região que atravesssei, de montanhas escarpadas, seria encantadora para quem a percorresse como viajante, mas altamente desconcertante para quem a atravessasse, conforme me acontecia, levando correspondencia de valor, e temendo que viessem roubar-lh'a.

Em virtude do aviso que me déra o marechal Beresford, resolvi fazer um largo rodeio, para evitar quanto possivel o encontrar-me com os francezes.

Andei sem novidade umas quatro ou cinco milhas, atravez de um terreno aspero, levando sempre, á cautela, o cavallo na mão.

Por duas vezes, tirei as pistolas dos col-dres, prestes a desfechal-as contra certos logares do caminho onde julguei que alguma coisa se mexia no meio da escuridão. As suspeitas logo se desvaneceram, porém, e prosegui na marcha, de animo quasi sereno, sonhando com o vinho do Alto Douro que me esperava no quartel do general Stewart. O certo é que o scismar no incomparavel nectar me fez descer ao coração um calor tão agradável, como o que se espalhara em mim quando bebera no Porto o copo offerecido pelo brigadeiro Stewart.

Monologuei :

— Netherton, fica sabendo que déste no vinte. A'manhã estará cumprida a tua missão, que na verdade não era para qualquer official. Vae tornar-te famoso, o que fizeste. Quantos outros dos teus camaradas, se tivessem recebido o mesmo encargo, dariam com os burrinhos n'agua!

Foi justamente quando eu dizia comigo mesmo estas palavras, que o meu cavallo deu um temivel tropeção, fazendo-me logo saltar para o cepilho do sellim. Colhi promptamente as redeas, ao mesmo tempo que o pobre do animal tentava continuar a marcha. Ainda avançou dois passos, mas tropeçou novamente, e foi quasi de peito

ao chão. Apeei-me, e, ao conseguir fazel-o andar para deante, vi que o pobre rocim coxeava muito.

Estava mettido em boa! Despertei dos meus sonhos para a temivel realidade: perdido em logar desconhecido, e dispondo apenas de um cavallo que não podia dar um passo. A noite ia-se nublando a mais e mais, de modo que a lua quasi já não apparecia. Com as redeas enfiadas no braço, fui arrastando o estropiado cavallo atraz de mim, pelo atalho infernal a que os naturaes dão o nome pomposo de estrada. Cada vez mergulhava em mais cerrada escuridão, amaldiçoando o azar de que era victima, eis senão quando avistei a certa distancia uma luzinha. Approximei-me e vi que sahia de uma casa de apparencia miseravel; cheguei mais perto ainda e por uma taboleta, que se balouçava nos gonzos enferrujados, conheci que chegara deante de uma pousada. A porta estava fechada e de dentro da casa não vinha o minimo ruido, o que não me admirou por ser já perto da meia noite. Como não tinha por onde escolher, bati á porta com força.

Durante alguns instantes não obtive resposta e por isso tornei a bater, e chamei a gente da casa, em voz muito alta. Afinal abriu-se uma janella por cima da minha cabeça e despontou uma cara, olhando para fóra, muito a medo.

— Abra a porta quanto antes! disse eu. Quero um quarto, onde passe a noite.

Um homem respondeu-me da janella não percebi o quê, porque me falou em portuguez, lingua de que não sei uma palavra.

Fiquei atrapalhado, confesso, mas d'ali a um instante, como nunca me faltam expedientes, vendo o homem abrir a porta, não estive com cerimonia e, apontando-lhe uma das pistolas, bradei-lhe com voz de Stentor:

— Não entendo a tua lingua, mas, graças a esta minha amiga, estou certo de que me has de entender!

Ao dizer isto, abri com a outra mão a porta de par em par.

O homem recuou promptamente e poz-se a fazer-me grandes zumbaias, mais branco do que a cal da parede, o que pude ver á luz de uma lanterna que elle trazia na mão. Assim permanecemos um ou dois segundos, eu, embrulhado no meu capote de cavallaria,

(1) Walter Grogan não faz a minima allusão á nacionalidade d'estas tropas que eram, na grande maioria, portuguezas, do que poderia convencer-se lendo a pagina 410 do 1.º volume da *History of the Peninsular War*, do seu compatriota W. F. P. Napier.



elle, de barrete de dormir enfiado na cabeça, jaqueta já no fio e toda esburacada e calções que um bom par de vezes já tinham mudado de côr. Pelas tremuras da lanterna calculava-se bem o medo com que estaria o dono. Continuava elle, no entretanto, n'uma interminavel cantilena, sempre na sua lingua materna. Seriam amaveis cumprimentos ou ameaças? O seu aspecto não me agradava muito, mas o estado em que via o meu pobre cavallo forçava-me a lançar mão d'aquelle agazalho.

De repente acudiu-me uma ideia: «Quem me diz que este diabo não fala francez?» E como me faço entender menos mal na lingua dos nossos inimigos empreguei-a como supremo recurso.

Foi magico o effeito! A's primeiras palavras que proferi, o estalajadeiro pousou no chão a lanterna, ajoelhou e prometeu fazer quanto eu mandasse, comtanto que lhe dêsse a minha palavra de que lhe pouparia a vida.

Percebi immediatamente que me julgava official francez. O engano era natural, não só porque, tendo nós desembarcado havia pouco, os portuguezes não estavam ainda familiarizados com os nossos uniformes, mas tambem porque o meu comprido capote não fazia grande differença dos capotes do exercito de qualquer outra nação.

O pavor em que o via fez-me tomar uma decisão repentina: apresentar-me como official francez. Os inglezes, sendo alliados dos portuguezes, não tinham sobre estes o ascendente necessario para obrigar-os a grandes sacrificios. Com os francezes, porém, o caso mudava de figura. Contava-se a seu respeito tão horriveis historias, que tudo poderiam conseguir, pelo medo que inspi-ravam.

Disse portanto em francez e com voz sa-cudida:

— Acompanha-me! Levanta essa lanterna e ensina-me o caminho da cavallariça.

Esta ordem foi executada immediatamente.

A cavallariça era pequena e miseravel. Apenas lá cheguei, fiz um rapido exame ao meu cavallo servindo-me, para allumiar-me, da luz da lanterna, em que o meu compa-nheiro continuava a pegar com a mão um pouco menos tremula. O pobre animal não apresentava nenhum ferimento. O que o fazia manquejar era qualquer geito que tinha

dado. Com o auxilio do hospedeiro, puz-lhe uma ligadura e dei-lhe agua e ração.

Quando voltei para a sala, disse com intimatiya ao locandeiro:

— Já, já uma garrafa do melhor vinho que tiveres!

— No mesmo instante, meu senhor, respondeu-me elle em pessimo francez. E verá que o meu vinho é bom, é muito bom, é excellente!

— Não é pela tua bocca, pateta, que de-sejo apreciar-o; é pela minha. Roda!...

— Se quer, levo a garrafa para o seu quarto. Ha aqui por cima um, que não será digno da sua pessoa, mas que é tudo o que ha de mais asseiado.

— Nada! Nada! Passo a noite aqui mesmo. Sou militar e quero ter sempre a retirada segura. No tal poleiro não ficava tão bem como aqui. Prompto!

Pronunciei estas ultimas palavras, repot-reando-me n'uma das cadeiras da pousada e embrulhando-me ainda mais no capote, para que o estalajadeiro não me pudesse ver a farda. Decorridos uns minutos, fiquei só, com uma garrafa de vinho deante de mim e olhando atravez das palpebras semi-cerradas para a chamma vacillante do candeeiro de azeite, que, a pouco e pouco ia enchendo o quarto de fumo e de um cheiro nauseabundo.

O estalajadeiro tinha-se ido embora. Ainda lhe senti os passos no corredor, e ouvi-lhe resmungar consigo mesmo palavras que não percebi. Depois, tudo cahiu em silencio. Debrucei-me para a meza tosca e fitei os olhos na luz. O vinho, além de generoso, era trepador. Foi-me traspassando gradualmente um calor suavissimo, e dominou-me um inef-favel conforto. Belisquei-me n'um braço, para não adormecer. Puz a vista nas duas pistolas, que estavam sobre a meza, para ficar certo de que as tinha ao alcance da mão. Agarrei em ambas e experimentei-lhe a fecharia. Tornei a pousar-as na meza, onde o braço pousou tambem, como se pesasse cincoenta arrobas. Fechei os olhos, a cabeça descahiu para o peito...

Só dei por mim quando um ruido forte, produzido muito perto, poz termo a um sonho extravagante que me embalava. Er-

gui-me de repellão, ainda mal acordado. A chamma do candeeiro não parava de vacillar; tinham aberto a porta do quarto e deante de mim estava um rapazelho, vestido de sargento de lanceiros francezes. Por traz d'elle desenhava-se a figura do estalajadeiro.

— Queira Vossa Senhoria perdoar, disse-me este. Apresento-lhe um seu camarada que se perdeu no caminho.

Mal acabou de falar, retirou-se, fechando a porta com força.

Sobre a meza, entre mim e o recém-chegado, estavam as minhas pistolas.

— *Bonjour!* disse eu, com os olhos pregados nas duas armas, que jaziam entre nós como um osso entre dois cães.

— O dia ainda vem longe, respondeu o lanceiro, com voz effeminada.

Se não o visse com aquelle uniforme, diria que tinha muito má pronuncia franceza. Apesar de todo o arreganho que ostentava, os beiços tremiam-lhe ao de leve.

Vendo-lhe a mão direita sobre a coronha de uma pistola, que trazia no cinturão, disse com os meus botões.

— Muito sentido, Netherton! O rapaz está aqui, está a descobrir que és inglez e... Trata quanto antes de empunhar as tuas pistolas, mas vê bem o que fazes, porque o fedelho pode primeiramente valer-se da sua.

— Bebamos um copo de vinho em honra da nossa camaradagem! bradei eu, estendendo a mão para a garrafa, que estava ao pé das minhas pistolas.

— Não se incommode, disse o lanceiro, estendendo tambem a mão para a garrafa.

Percebi-lhe o jogo: queria apanhar-me as pistolas. Já tinha notado certamente a differença que ha entre os capotes da cavallaria franceza e os inglezes, isto é, estava descoberto o meu estratagema.

Era pois urgentissimo proceder com a maxima energia. Agarrei-lhe, pelo pulso, o braço estendido. Ora eu tinha força herculea, e o pulso do rapazito era delgado, flacido, feminil. Os meus dedos apertaram-no como uma torquez. Estorceu-se com a dôr e soltou um grito.

— *Ah! Vous m'offensez, monsieur!* disse elle, arrepanhando o rostosinho oval com os esforços que fazia para occultar a afflicção.

— O primeiro offendido fui eu! respondi

imediatamente. E, continuando a segurar-lhe o pulso, apontei-lhe á cabeça, com a mão livre, uma pistola, dizendo ao mesmo tempo em tom chocarreiro: «Com a mão que lhe não prendo, tire essa pistola do cinturão e ponha-a sobre esta meza, com a coronha ao meu alcance, mas livre-se de a levantar muito, porque sou nervoso e sem querer posso metter-lhe uma bala na cabeça, á minima tentativa que faça para mudar a sorte contra mim. Isso mesmo! E agora tire o cinturão da espada»

Examinei com curiosidade o lanceiro francez. Tremia um quasi nada e não se atrevia a olhar de fito para a minha pistola. Como soltou muito desageitadamente a fivella do cinturão, julguei que tivesse ainda pouco tempo de praça. Coitado! Mais parecia um pequeno de escola que um militar.

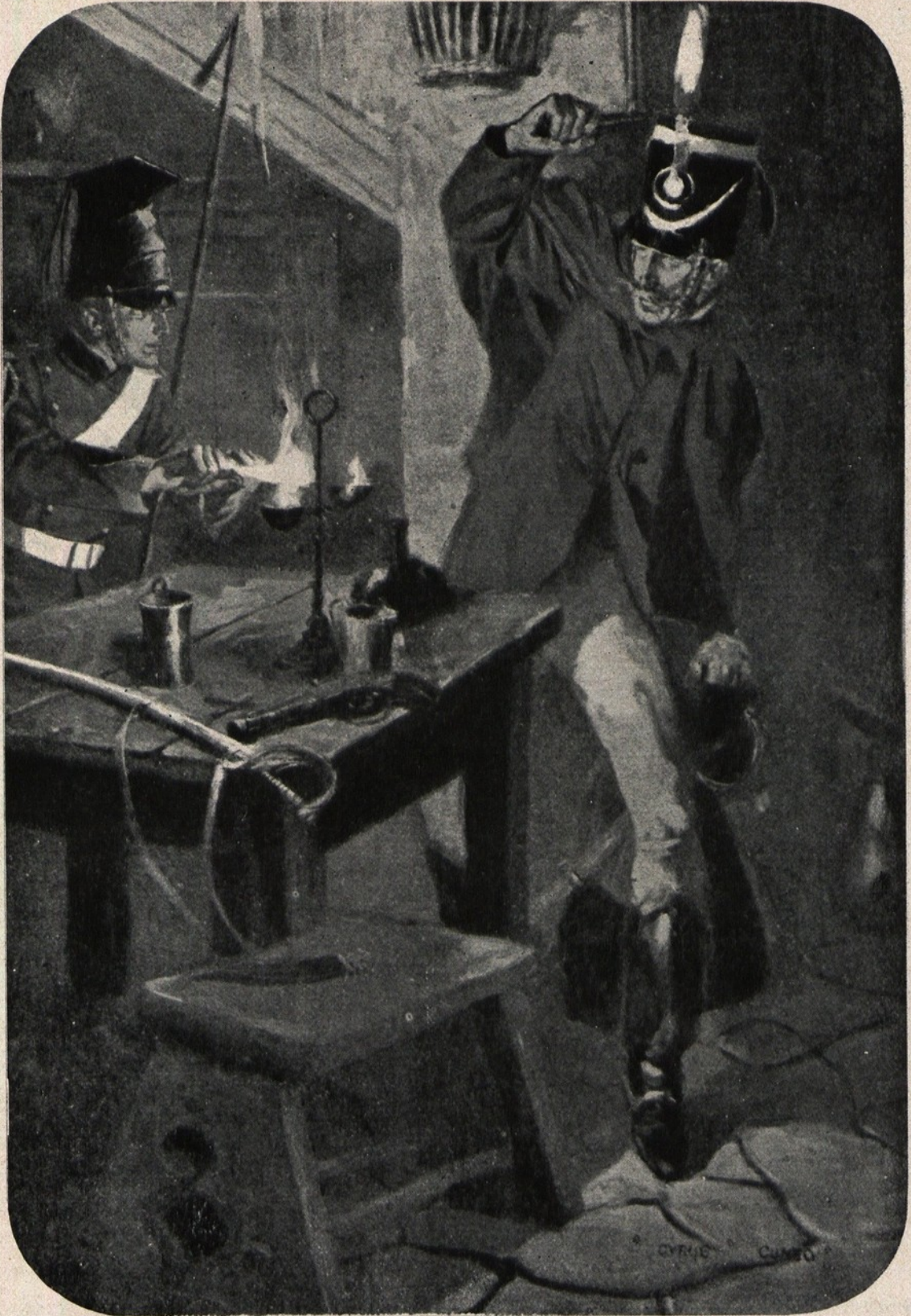
— Muito bem! Fique sabendo que é meu prisioneiro.

Quando lhe disse isto, já lhe tinha largado o braço, e, havendo rodeado a meza, fui pôr longe d'elle as armas que lhe pertenciam. N'este comenos, começavam a divisar-se através da janella, os primeiros clarões matutinos.

— Não ha duvida que sou seu prisioneiro, replicou o lanceiro francez, e tambem não ha duvida que ainda não provei o vinho que me offereceu.

Desatei a rir com o gracejo e, tendo mettido uma pistola no meu cinturão, fui encher de vinho outro copo. O francezito aproveitou este ensejo para tirar da abotoadura da farda uma coisa, que levou surra-teiramente á chamma do candeeiro. Era um papel escripto á mão.

Em tempos como aquelle é impagavel um homem de promptas resoluções. Por ellas se conhece quem nasceu para mandar nos seus semelhantes. Desde que me entendo, fui sempre expedito em raciocinar, e mais ainda em executar o que resolvo. Sem perder um segundo, atirei de cangalhas o candeeiro, que foi cahir, com grande estrondo, no meio do chão. Se tivesse pegado fogo á locanda, as consequencias podiam ser sérias. No meio da escuridão, atirei-me ao rapaz, e com tanta felicidade que lhe agarrei a mão onde estava o papel. Baixou-se de repente e, emquanto eu forcejava por abrir-lhe aquella mão, levou a outra á algibeira. Senti logo uma picada no quadril esquerdo. Tinha-me



SEM PERDER UM SEGUNDO, ATIREI DE CANGALHAS O CANDIEIRO

ferido, mas felizmente a ponta da faca es-  
corregara pelo cinturão e só causára um fe-  
rimento pouco profundo. Logo que apanhei o  
papel, tirei-lhe a faca e lancei-a para longe.

— Já d'aqui para fóra! gritei-lhe enfu-  
recido. Basta de brincadeiras de creanças!  
Vieste a cavallo, não é assim? Pois vaes  
emprestar-me a tua montada!

Já era dia claro.

Arrastei comigo o pequeno até á cavallariça, onde encontrei ainda em muito mau estado o meu pobre rocinante. Mas além do que pertencia ao rapaz, vi, com espanto, outro cavallo, em que não fizera reparo da primeira vez. Era um sendeiro ordinárrissimo, talvez propriedade do estalajadeiro, e tomei-o de emprestimo, para o meu prisioneiro de guerra. O locandeiro não fez muito má cara a isto, suppondo que, se eu não viesse buscar o meu cavallo, ganharia immenso na troca.

Puzemo-nos a caminho, e só depois de percorrer obra de quatro milhas quebrei o silencio, por ver o meu companheiro muito triste e abatido.

— Tem paciencia, meu rico, disse-lhe eu. São os vae-vens da guerra. Se não fosses tão novo, saberias encarar a tua desgraça mais philosophicamente.

— Não lhe dava esse papel por dinheiro nenhum! foi a sua resposta.

— Não te queixes de mim, queixa-te da tua pouca sorte, respondi-lhe a rir. E olha que se a tua faca não encontrasse o meu cinturão, a estas horas estava eu em muito peores lençoes do que tu.

— Ficou ferido?

— E' uma simples arranhadella, que ainda me dóe bastante, mas que não tem a menor importancia.

Continuámos a marcha. Pareceu-me que o lanceiro, de quando em quando, me deitava olhares compassivos.

— Ainda lhe dóe muito? perguntou-me uma occasião, vendo-me ter um estremecimento e levar a mão á ferida.

— Não é nada! No meu regimento ninguem faz caso d'estas bagatellas.

Começava a inspirar-me sympathia o lanceirosinho. Os seus ares de menina brigavam com o uniforme. Como parecia de-veras contrafeito dentro da farda, perguntei-lhe:

— Já sentou praça ha muito tempo?

Olhou para mim e respondeu:

— Gosta de caçar, pelo que vejo.

Achei a resposta completamente inintelligivel, mas não pedi explicações.

Ao pôr do sol chegámos ás margens do Douro, cujas aguas brilhavam escoando-se atravez de cerros alcantilados.

— Vae ver o maior general dos nossos dias, lembrei ao prisioneiro. Os papeis que lhe apprehendi, havemos de entregal-os em mão propria a...

— A Soutl? perguntou o fedelho. E proseguiu: Acho-o um bom general, mas ainda assim...

— Quem fala aqui de Soutl! gritei eu. Os demonios o carreguem! Refiro-me a sir Arthur Wellesley!

— Sir Arthur Wellesley! Então o senhor não é dos dragões francezes?

E ao dizer isto, desatou a rir ás gargalhadas.

— Por minha fé que não! Pois não percebeu, na estalagem, que não sou seu camarada?

— Meu camarada!... exclamou o rapaz, continuando a rir, e accrescentou: Eu não sou francez. E tambem não sou homem... sou uma rapariga hespanhola, que se valia d'este disfarce para levar os papeis que o senhor me tirou, ao seu general, sir Arthur Wellesley. São mandados pela junta de Zamora e tem grande importancia.

— Então é mulher?...

— E hespanhola! Chamo-me Dolores Navarro.

E tinha eu tido tantas preoccupações e cuidados com o meu prisioneiro de guerra!

(Traduzido livremente do inglez por MAXIMILIANO DE AZEVEDO.)

WALTER GROGAN.



# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

### ALGARVE

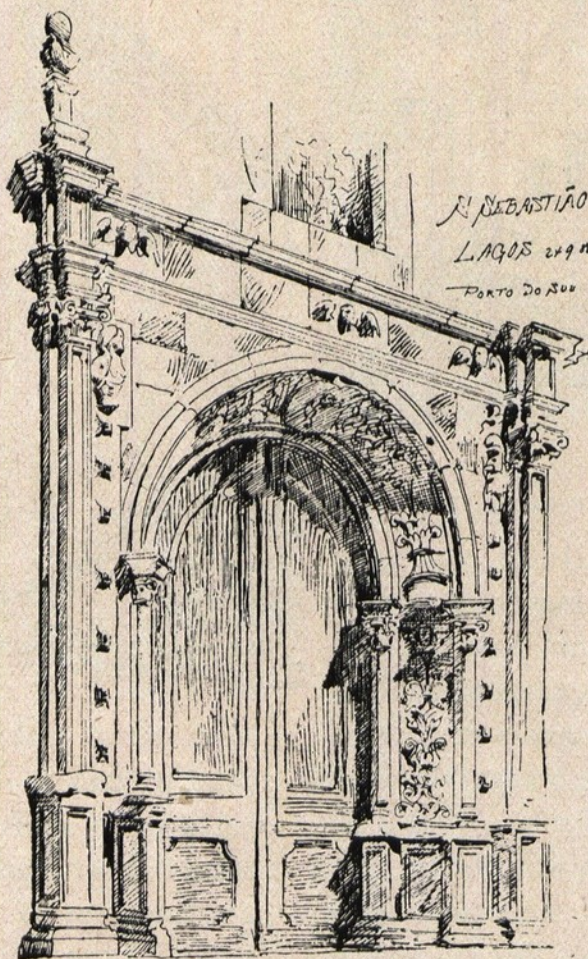
QUANTAS surpresas lhe não proporcionarão essas ruínas veneráveis das egrejas christãs de character gothico; esses portos defendidos pelas imponentes muralhas indentadas de ameias das alterosas fortalezas, monumentos de gerações desde tanto tempo esquecidas dos senhores christãos dessas terras!

E não deixam de ser importantes muitas dessas construcções. Ao auctor deste livro não coube a dita, de ver com seus proprios olhos esses tão interessantes vestigios da arte portugueza desde a Africa até á India; e todavia, esses poucos exemplos, que lhe foi dado contemplar, falam por todos. A' nova e impetuosa corrente do trafego ao longo daquellas costas, cabe a obri-

gação de conservar, a beneficio da Historia da Arte, esses monumentos para ella de tanto valor. Outra missão, aliás, importante quanto formosa, se acha ainda por cumprir, o descobrir novamente essas consideraveis edificações dos hespanhoes nas suas con-

quistas americanas, no Mexico e no Peru, e sequer ao meros, conservar, para a Europa, essas vergonteas da Arte europêa, por meio já da imagem, já da escripta.

Uma das mais antigas colonias de Portugal, a tão proxima ilha da Madeira, possui, na cidade do Funchal, capital respectiva, uma legitima e velha cidade portugueza, a qual, acima de tudo mais, reivindica um monumento architectonico, devendo considerar-se o mais grandioso re-



PORTA MERIDIONAL  
DA EGREJA DE S. SEBASTIÃO, EM LAGOS

presentante desse typo religioso, que aprendemos a conhecer na igreja de Caminha, e a que eu até agora tenho designado com o cognomento de typo de Thomar-Golgan. E' construcção de el-rei D. Manoel e data de 1514. O seu primeiro bispo eleito, na mesma

sideravel extensão, pelo exterior da igreja. O sumptuoso tecto de madeira filia-se no caracter mourisco como o de Caminha.

Da antiga decoração é sobremodo valioso, a nosso ver, o altar-mor, cujo grandioso camarim apresenta quasi



MURALHAS DA CIDADE DE SILVES

data, foi D. Diogo Pinheiro; não chegou comtudo a tomar posse, e já tivemos occasião de contemplar o seu tão importante mausoléu, em Thomar, na igreja de Santa Maria do Olival.

E' de tres naves o edificio, tal qual o exemplo já citado; apenas a nave transversal, fallecendo ali, ou apenas perceptivel, aqui se prolonga em con-

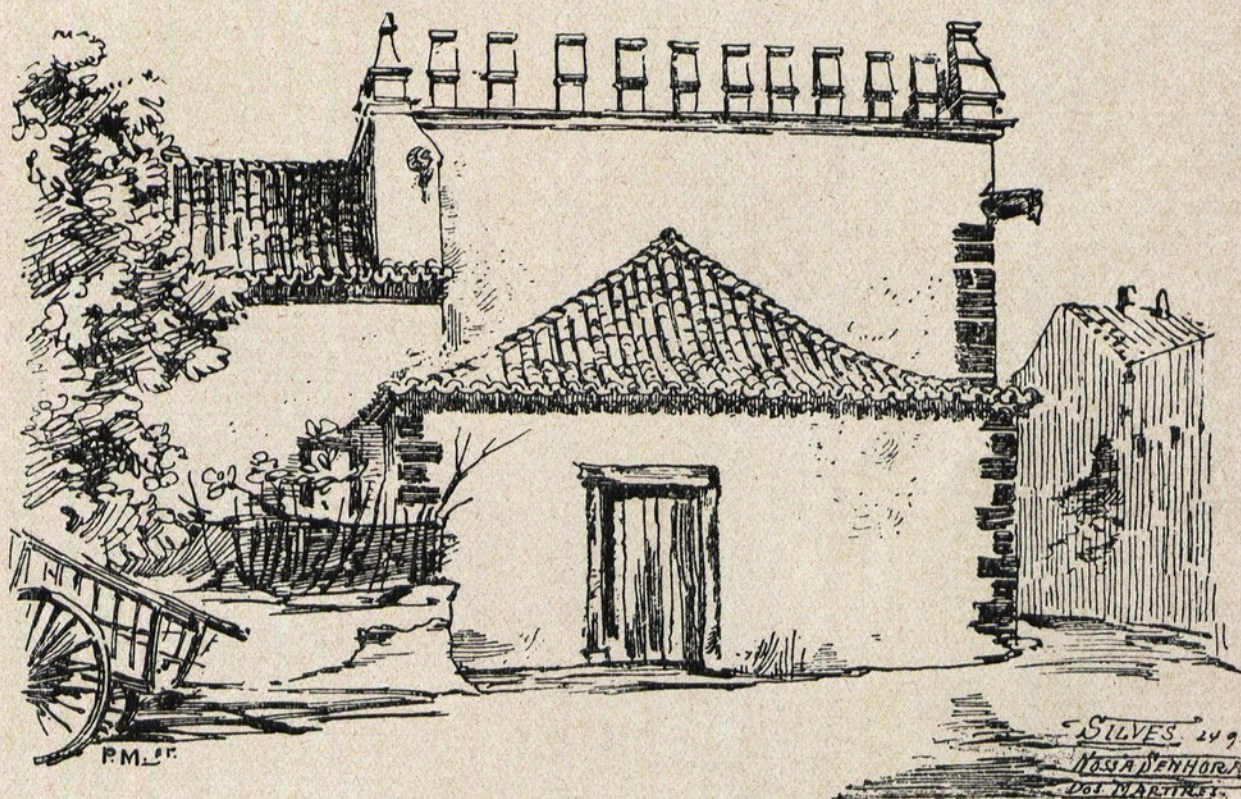
completamente o estylo gothico. Encerra doze avultados paineis da antiga escola portugueza, enquadrados por um fino motivo architectonico de frisos e corucheus, dourado; o coroamento ostenta um sumptuoso baldaquino com

alizes transfurados, evocando á memoria o desaparecido cadeirado do côro em Thomar, de cujo lavor muito se approximam as minudencias ornamentaes. Não deixa tambem de recordar-nos as antigas estatuas do camarim do altar-mór em Belem, sem predecessor. Andaria, acaso, por aqui, tambem, a mão de Olivel de Gand?

As duas filas de esplendidas cadeiras que circundam as paredes da áb-

um adro escuro; é encimado por duas janellas de ogiva e a rosacea do côro alto. Estas, apenas, serão da primitiva.

O convento de Santa Clara abriga na sua igreja mais reliquias dos tempos de outr'ora, como, por exemplo, a sepultura de Gonçalves Zarco, bom trabalho gothico da ultima maneira, o sarcophago usual, dentro de uma arcada afastada, assente sobre liões.



NOSSA SENHORA DOS MARTYRES, EM SILVES

side do côro apresentam muita afinidade.

Picturesco quanto pode ser o lanço oriental, accusando externamente o côro triplice e de rica abobada. A estampa dá sufficiente ideia desta disposição, assim como da elevada torre, orientada aqui a nordeste. O campanario, com o seu pinaculo conico, forrado de azulejos.

A fachada occidental tem um portico em arco, possante, admitindo a

A igreja de S. Pedro apresenta o typo das igrejas collegiaes de Coimbra (S. Bento, e outras), com um amplo portico de columnas e pilastras supportando um arco de volta inteira de formas austeras.

Na veneranda cidade, capta nos desde logo a attenção a frontaria da «Casa de Colombo» da qual subsistem ainda duas portas e outras tantas janellas, lavradas em calcario, num curioso estylo gothico terrear, denunciando

manifesta influencia hespanhola. Pateia-o claramente a porta principal com os seus esbeltos perfis, inscritos no arco de ponto subido, assim como o tão característico peitoril da janella. A notavel janella geminada, com a sua columna média de tão robusto perfil, os arcos afestoados, as carrancas e o capitel decorado de faixas, propende algo mais para o manuelino. O obliquo peitoril, de tanta originalidade, é caso novo para mim.

O predio incidirá talvez como os fins do seculo xv, é de suppôr que ainda com a éra de D. João II, éra em que, como é aliás sabido, Colombo veiu sollicitar protecção a Portugal, e residiu nesta ilha.

Percorrendo a cidade, ainda se encontram bastos exemplos de palacios no gosto portuguez dos fins do seculo xvii.

Nas ilhas Canarias, e em Orotava, principalmente, deparam-se ainda algumas construcções de um certo interesse; entre outras citarei a igreja de La Concepcion, do ultimo periodo da Renascença (com uma frontaria do seculo xviii); adorna a parede do Convento das freiras, externamente, um opulento portico da Renascença.

Os Açores, e designadamente a ilha Terceira, a julgar pelas informações que tenho, é de suppôr que pouco ou

nada encerrem de importante e que seja digno de menção especial no dominio da architectura religiosa.

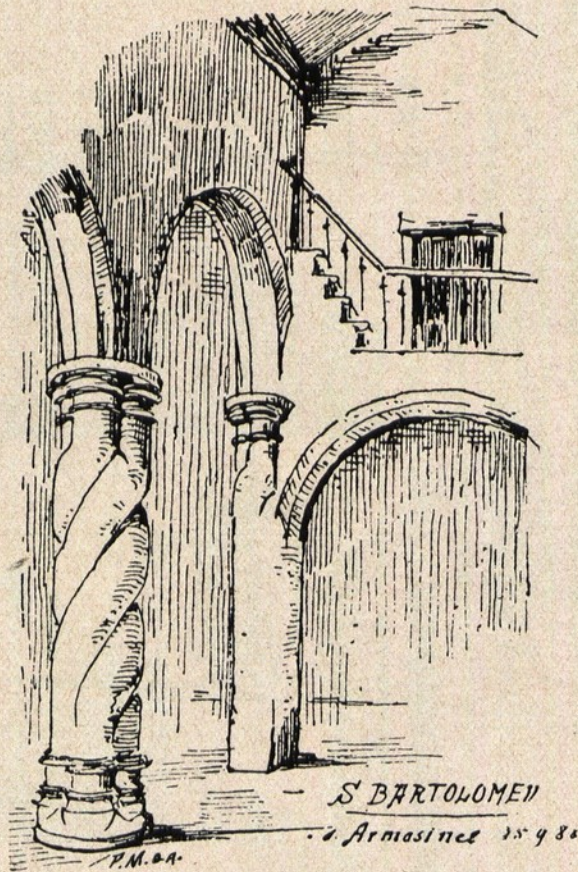
Em conclusão, referir-me-hei ainda aos monumentos architectonicos das Indias.

Devem ter existido ali quantidade importante de igrejas dignas de consideração, desde a éra de 1500, data em que S. Francisco Xaxier ali encetou a

sua obra de propaganda, e desde que os Jesuitas ali inauguraram a fundação systematica dos estabelecimentos da sua Ordem. Destes edificios apenas poderei dizer alguma coisa referente á Sé de Goa; é um grande edificio no estylo do de S. Roque, em Lisboa, com uma nave transversal e quatro capellas de sumptuosa decoração de talha dourada, estas e o coro, as unicas seções do sumptuoso edificio que

apresentam abobadas. Seriam construidas pouco depois do passamento de S. Francisco Xavier, (1552) que ali jaz sepultado. Acaso se encontrarão aqui as alfaias do culto de Santa Cruz, de Coimbra?

O collegio de S. Paulo, dos Jesuitas, em Goa, edificado na mesma época, na opinião de seus contemporaneos, já pelas dimensões já pela sumptuosa estrutura era um edificio absolutamente sem rival em toda a Europa.

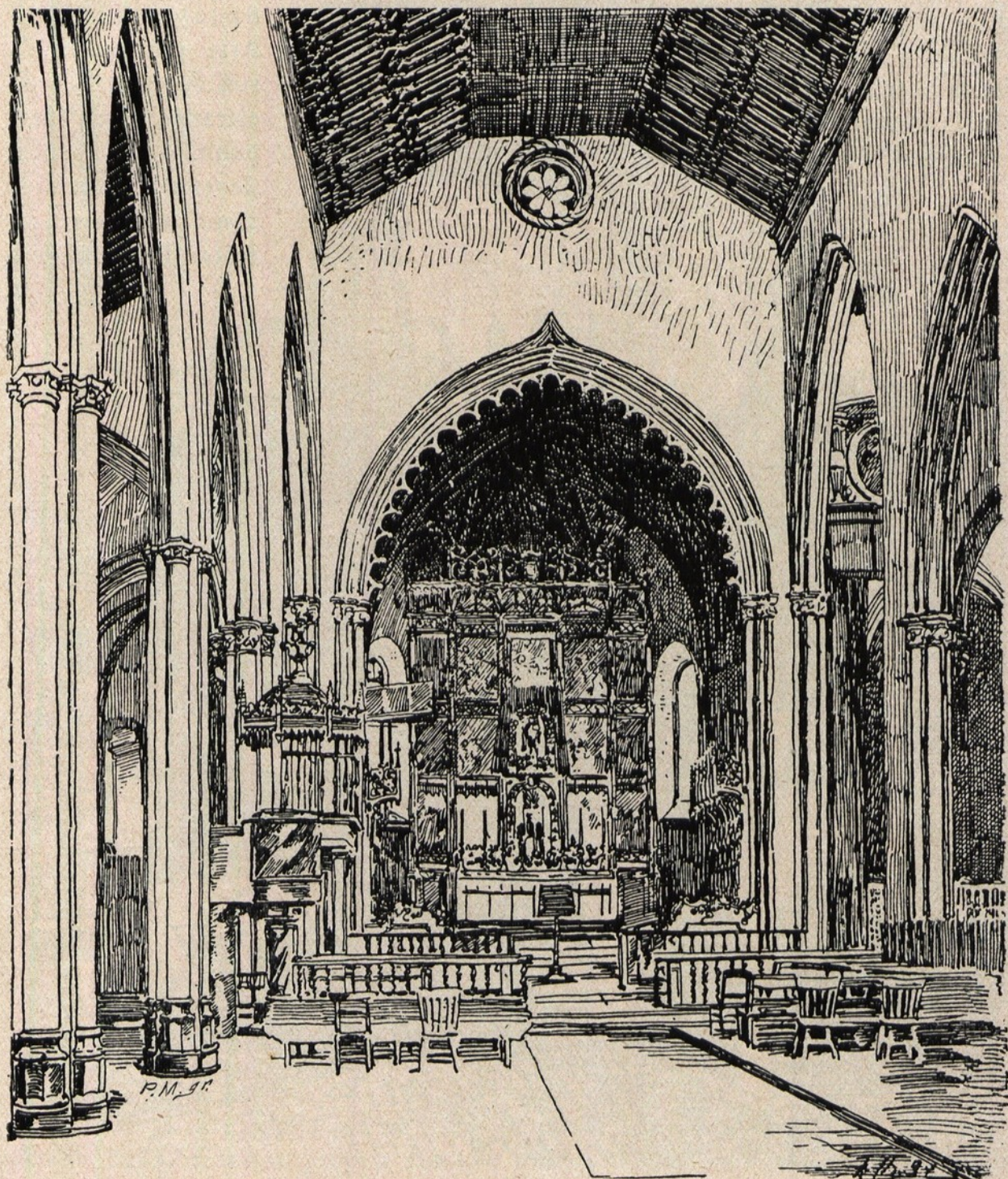


DA EGREJA DE S. BARTHOLOMEU



E assim vemos a architectura de um pequeno paiz abranger totalmente o hemispherio, os mensageiros do primeiro povo colonizador da Edade-média dilatando a Arte da sua terra natal pela India e pela China até ás mar-

gens do La Plata. Em seu enlevo trouxeram comsigo, numa época em que a propria patria se achava ainda em um periodo de pujança artistica, as reminiscencias dos encantos das terras longinquas e com ellas fructificaram o velho mundo; e incidiam estes factos com aquelle tão breve espaço de tempo, em que ao povo portuguez foi dado



INTERIOR DA SÉ DO FUNCHAL

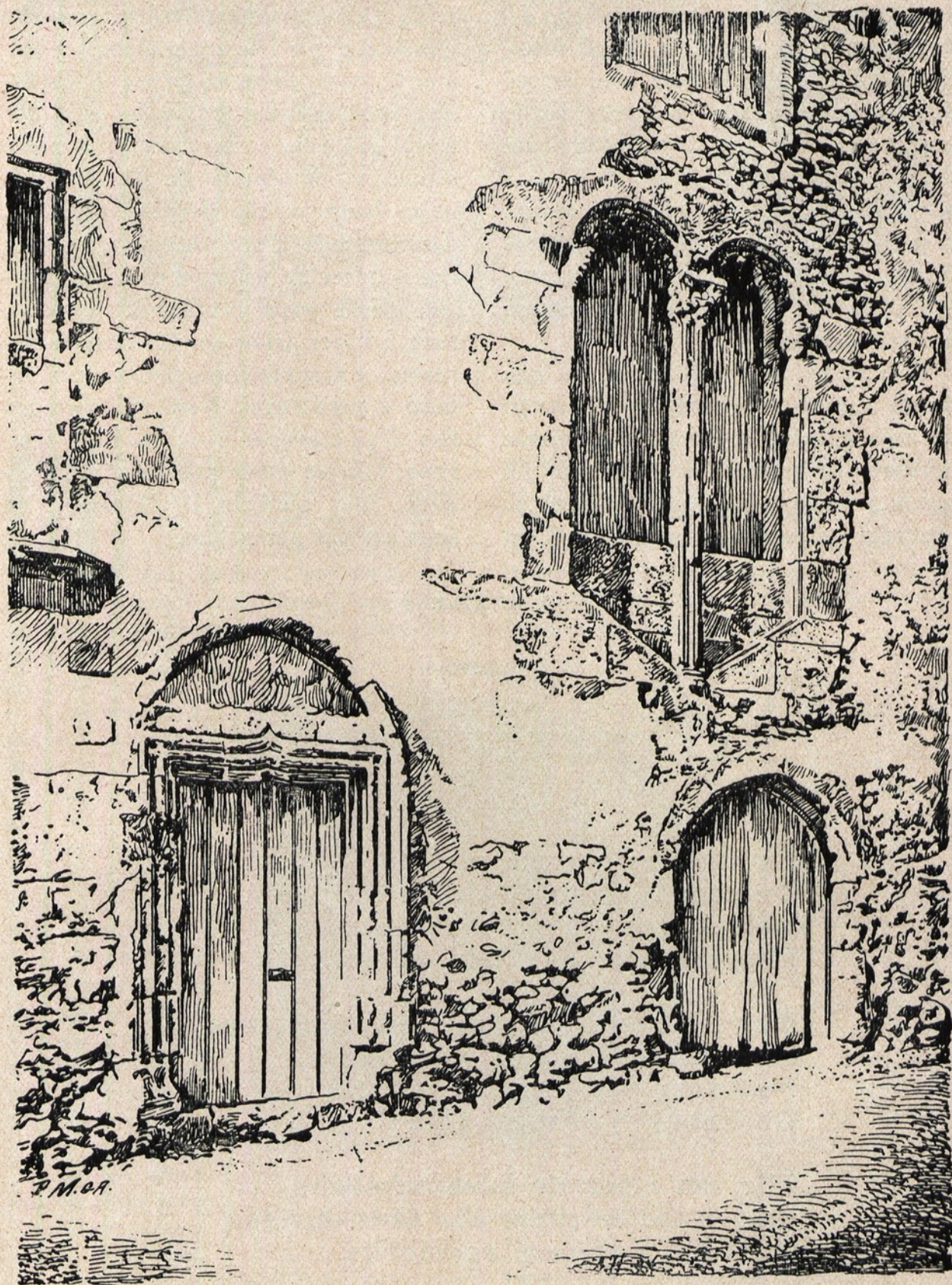
realizar as suas manifestações mais transcendentas, n'aquelles vinte e cinco annos correspondendo ao reinado de D. Manuel e que presenciam a um dos mais notaveis cometimentos no dominio da architectura e da decoração, impellindo na a corrente progressiva tanto a esculptura como a pintura, essa Arte tão caracteristica d'este povo colonial. Uma Arte que estabelece, definindo-a,

a situação do dito povo nos limites entre o velho mundo e o mundo novamente descoberto, e que não deve ser afferida pela bitola d'essa tão geral mediania, posta em nossas mãos pelas tendencias classicas da velha Europa.

A exprobação de falta de individualidade assacada á Arte portugueza, a sua dependencia do estrangeiro, da Hespanha e da França, devemos repelli-la como altamente injusta. Porventura a



TORRE DA SÉ DO FUNCHAL



CASA DE CHRISTOVAM COLOMBO, NO FUNCHAL

França, e a Hespanha ou a Allemanha descobriram a propria Renascença? Ou não terá, acaso, o novo

estylo vindo ali ter da Italia por caminhos conhecidos, quando o não hajam recebido de torna-viagem? E quem ou-





## Esmaltes artisticos

**G**ENERICAMENTE, e sob o ponto de vista da classificação artistica, denominam-se: *esmaltes*, as obras d'arte em que, por meio da fusão, um metal, vulgar ou precioso, é revestido com um silicato, conjugando-se artes diversas para o embellezarem e enriquecerem.

A ourivesaria, a gravura, a cinzelagem, a modelação, a pintura e a decoração, concorrem para a melhor factura d'um esmalte artistico; e, a par d'estas artes, pode dizer-se que existe uma outra, de pratica muito restricta, mas de capital importancia na esmaltagem, a que chamaremos: *a arte do forneiro*.

Encarado como materia prima para o esmaltador, o esmalte é um vidro que a qualidade e a quantidade dos oxidos metallicos, combinados na sua composição, dividem em tres classes, ás quaes correspondem aspectos differentes, a saber: *opácos*, *meio-opácos* e *translucidos*.

A pratica da esmaltagem é antiquissima. Obras numerosas de investigadores e erudi-

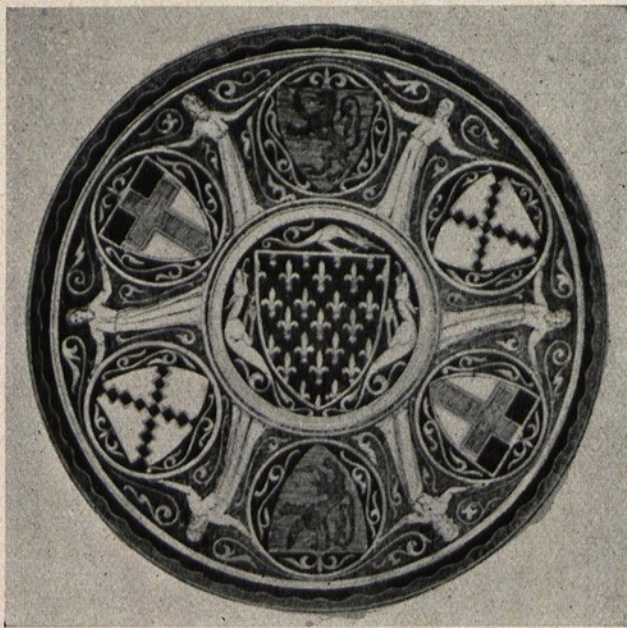
tos agitam o problema da idade aproximada d'esta famosa arte.

Uns, como Rossignol, querem vêr o esmalte representado no *electrum*, citado por Homero na Odyssêa, associado a metaes e ao marfim, rebrilhando nos adornos auriferos e assimilhando-os ao sol.

Outros, sustentam que a origem da esmaltagem não vem de além da era christã. Para estes, o berço de tal arte não estaria no Oriente mas no Occidente.

Algumas peças antigas, entre ellas os celebrados *braceletes do Museu de Munich*, encontrados no interior d'uma das pyramides de Méroe, antiga capital da Ethiopia, pareciam dar razão aos que pretendiam ter sido esta arte praticada pelos egypcios. Mas

no decurso das pesquisas archeologicas, foram achados bronzes de origem evidentemente romana, e posteriores á era de Christo, forçando os investigadores á conclusão de que essas obras seriam, quando muito, contemporaneas dos esmaltes gaulezes, e dos textos que se lhes referem.



SALVA DE ESMALTE «CLOISONNÉ»  
Pertencente ao thesouro de Conques

Nem o espaço, nem as modestas pretensões d'este artigo consentem mais demorada referencia a phases notaveis d'esse interessante e não concluído debate. Importa, porém, registrar como theorias que se julga assentes na historia da esmaltagem, que ella teve inicialmente por objecto imitar a incrustação de pedras preciosas.

Aos tres estadios da Arte: o hieratismo grego, o acordar do Occidente no XII seculo, e a Renascença italiana no XV, concorda-se em fazer corresponder os tres seguintes generos: *esmaltes cloisonnés*, *esmaltes champlevés* e *esmaltes translucidos sobre relevo*.

O XVI seculo emancipa-se d'estes processos separados, e, combinando-os, cria um producto seu, os esmaltes impropriamente chamados de *pintura* (como adiante mostraremos) e aos quaes melhor cabe a designação de: *esmaltes sobre preparo ou aparelho*. Tal foi o genero em que se distinguiram as dynastias de esmaltadores limosinos, os Penicaud, os Limousin, os Noaillier, os Laudin, e tantos outros. Os esmaltes de pintura são posteriores. Mais proximo já dos nossos dias, despontou um novo genero: *os esmaltes Luiz XV*, em cujas reduzidas proporções, riqueza decorativa, delicadeza dos assumptos e acabamento minucioso da pintura, ha o *refinement* do bom gosto e da galanteria do tempo famoso de Watteau e de Boucher.

Finalmente, podemos dizel-o com ufania, já nos nossos dias, o ultimo quartel do seculo passado deu o ser a um novo genero de

esmaltes artisticos, ao mesmo tempo que imprimia uma vida e um progresso caracterisadamente modernos aos esmaltes industriaes.

Não comporta a alçada que se deduz da nossa epigraphe maior referencia a estes ultimos. A'quelles, porém, a essa interessante criação dos nossos dias: *os esmaltes à jour*, de que a ourivesaria está tirando tão grande partido, havemos de fazer a devida menção.



A VIRGEM E O MENINO JESUS — ESMALTE «CHAMPLEVÉ»

O esmaltador antigo, tendo á sua disposição a materia prima por elle mesmo preparada, alargou o seu trabalho, passando da imitação das pedrarias a produzir figuras e ornamentações, em que as diversas côres do esmalte formavam como que um mosaico.

Para que os esmaltes se não confundissem, ao derreterem-se pela fusão, separou-os com uma fita, ou tira metallica, a *cloison*. Esta era soldada, de cutello, na chapa

de fundo, em que o assumpto fôra desenhado a buril, e seguia os traços do desenho. D'esta forma se formavam os diversos escaninhos em que os esmaltes, reduzidos a pó, eram lançados e levados ao forno a vitrificar.

Ainda hoje se chama: *esmalte de caixa*, ao processo empregado nas condecorações. Mas deve notar-se que, sendo este genero um representante do primitivo *cloisonné*, tem comtudo uma differença no acabamento; e vem a ser que, n'este, o esmalte ficava com a superficie levemente abaulada ou depre-



ESMALTE DE LIMOGES  
ATTRIBUIDO A NARDON PENICAUD

mida, conforme sahia do forno, ao passo que no actual trabalho *de caixa* é submettido a uma limagem, ou roçagem no rebollo, sendo novamente levado ao forno a vitrificar, ficando o esmalte perfeitamente á face com os filetes metallicos.

Assim, nos seculos XVIII e no começo do seculo XIX, quando se accentuava a decadencia relativa da esmaltagem artistica, comparada com os tempos aureos de Limogés, e a despeito dos primores Luiz XV, aos esmaltes *de caixa*, limados ou roçados, chamaram: *esmaltes usados*, havendo quem erradamente pretendesse serem velhos *cloisonnés* gastos pelo tempo.

Os esmaltes chamados: *byzantinos*, são, como processo, *cloisonnés*.

De começo, este genero era

empregado simplesmente em joias e objectos de pequenas dimensões. Mas, ainda assim, ficavam carissimos, porque tanto a chapa de fundo como a fita metallica, que tinha de ser ductil, para seguir o desenho, eram de ouro. E tanto este metal, como a prata, eram então raros e caros.

Pensou-se, portanto, em empregar um metal mais barato, o cobre, visto que a arte de esmaltar se desenvolvia commercialmente. A fé christã por toda a parte erguia templos, e os thesouros das egrejas pediam trabalhos esmaltados de grandes proporções.

Sendo, porém, o cobre menos ductil do que o ouro, para o emprego da *fita* de separação, surgiu a idéa de empregar uma chapa de fundo bastante grossa, e de cavar n'ella as *caixas* para o esmalte, deixando-as



GRANDE SALVA DE ESMALTE DE LIMOGES  
XVI SECULO

separadas por uma especie de crista ou filete.

Foi assim que nasceu o processo chamado: *champlevé*, tambem conhecido pela designação de: esmalte *en taille d'épargne*. Aquella, refere-se ao campo levantado a buriladas, para ser occupado pela materia vitrificavel; esta, ao filete, *épargné*, conservado, para separar os diversos esmaltes.

Os esmaltes *champlevé*, são averiguadamente francezes. A seu respeito não existem as complicadas questões de primasia inventora, que os eruditos debatem a proposito dos *claisoneés*, seus tons e escolas, relativamente a procederem de artistas do Rheno ou de artistas do Limosino.

Muito emaranhado, e bastante ocioso, tal problema não é para aqui. Mas o que importa fixar é que o processo do *champlevé* abriu novo caminho á esmaltagem, dando origem aos esmaltes



PRATO EM ESMALTE DE LIMOGES  
REPRESENTANDO OS SIGNOS DO ZODIACO  
Museu do Louvre



PLACA DE ESMALTE DE LIMOGES  
XVI SÉCULO, ATTRIBUIDA A JOHAN DECOURT  
Museu do Louvre — Galeria d'Apollo

*translucidos*, ou de *basse taille*.

Do buril que escavava a grossa placa de cobre, passou-se ao cinzel que a rebatia; e nas profundidades, mais facilmente obtidas com este instrumento em chapa delgada, lançaram-se esmaltes transparentes que, segundo a maior ou menor profundidade do concavo, davam luzes e tonalidades variadissimas.

A seu turno, este processo fez acudir a lembrança de esmaltar a face opposta da chapa, isto é: o convexo em lugar do concavo; e assim foram creados os *esmaltes translucidos em relevo*.

Segundo Alfred Darcel (1) um outro facto concorreria tambem para tal resultado: Diz este auctor:

«Ao mesmo tempo que Giotto, na Italia, quebrava o molde grego em que a pintura enlanguescia presa, e que Nicolau de Pisa voltava ao estudo

(1) *Notice des emaux du Louvre.*



directo do antigo; que um e outro buscavam dar movimento aos corpos, expressão ás phisíonomias, a vida, emfim, ás suas composições, os antigos processos allemães e francezes da esmaltagem de côres planas, não bastavam para satisfazer o novo sentimento plastico que se desenvolvia.»

«Como os artistas, esculptores ou pintores, que seguiam estes mestres na senda que lhes tinham indicado, passavam quasi todos pelos *ateliers* dos ourives, estabeleceu-se bem depressa na ourivesaria uma alliança entre o relevo e a côr.»

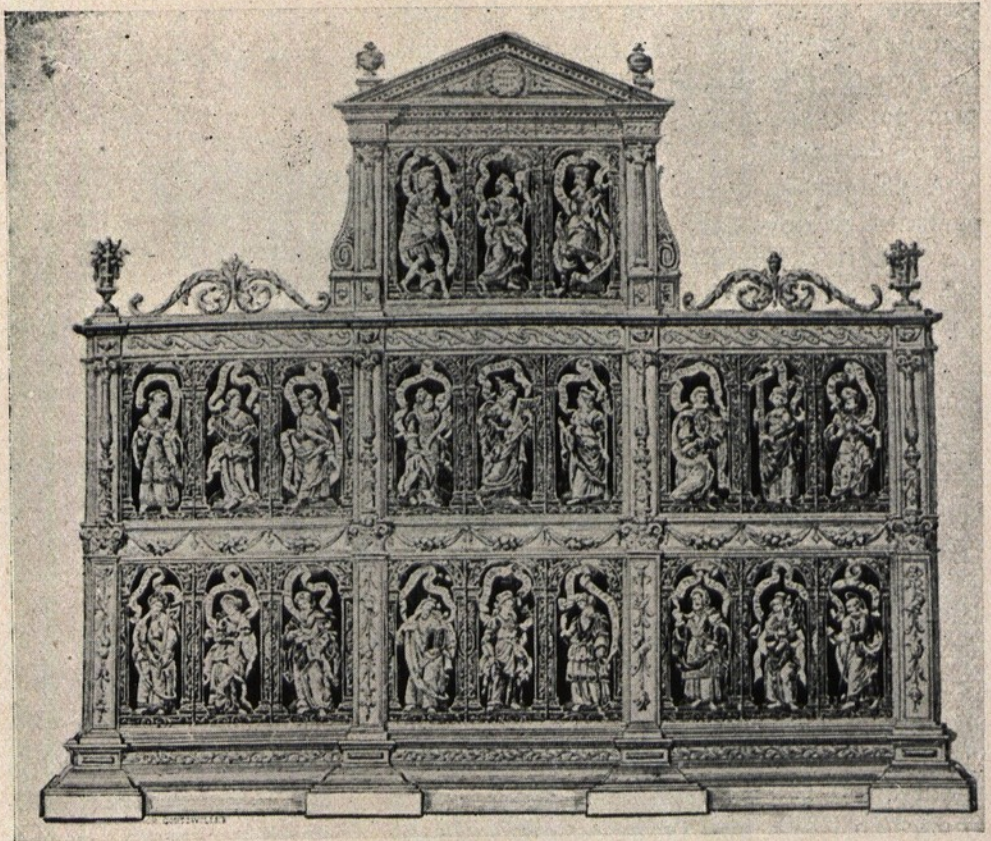
Talvez um accidente conduzisse a este resultado, accrescenta Darcel: «a queda occasional d'uma simples gotta d'agua sobre o relevo de um d'esses sellos ou moedas, de prata ou de ouro, fabricados em taes officinas, seria o bastante para dar idéa do effeito maravilhoso dos esmaltes translucidos quando appostos sobre os relevos.»

Assim, a grande maioria d'estes esmaltes é de metaes preciosos.

Esmaltadas as superficies em relevo, e apreciados os effeitos dos translucidos sobre o ouro e a prata, cotejadas as affinidades dos processos da ceramica com os da esmaltagem, entrelaçados os louros de Palissy com os dos mestres limosinos que então surgiam, era natural que se tentasse *modelar, crear o relevo*, com o proprio esmalte, para trabalhar em maiores dimensões. De novo a esmaltagem se via impellida para o *seu metal* por excellencia, o cobre. Além d'isso, o reportorio dos esmaltes translucidos, era brilhante de fulgurações mas limitado em côres.

Ainda n'aquelle tempo se não fabricavam, como hoje, esmaltes transparentes de todos os tons e *nuances*, desde os fundentes até ás carnações. O branco, o amarello, o azul turqueza e outras côres, eram de base estani-fera, e por tal principio opácos. E os esmaltadores, empregando os translucidos sobre relevo, eram obrigados, na figura, a deixar os rostos e as mãos convencionalmente cobertos com um fundente incolor, e depois a esmaltal-os com branco opáco, ou violeta.

Voltou-se de preferencia a trabalhar em



GRANDE RETABULO GUARNECIDO DE ESMALTES DE LIMOGES

Assignados por Leonardo Limosin -- 1543

cobre, tentou-se o relevo em esmalte, e assim brotou a grande arte dos limosinos, os esmaltes *sobre preparo* ou *apparelho* (*sur apprêt*) a que indevidamente, como muito bem nota Darcel, chamaram: *esmaltes de pintura*.

Em virtude da impropriedade d'esta designação, veiu a dar-se mais tarde uma barafunda na nomenclatura d'essas obras d'arte.

Quando o progresso na fabricação das côres vitrificaveis permittiu a composição de tintas muito mais degradaveis do que os esmaltes remoídos, a pintura pode executar-se

ridades. Apartêmo-nos, pois, afim de evitar quebra de amizade.» Acompanhava a carta um cheque munificente, que o professor devolveu, agradecendo. Concordou em se ausentar, aceitando apenas aquillo que lhe era devido.

Um e outro encontraram-se ao partir e o conde foi prodigo em amabilidades. Apenas se discutiram assuntos aprazíveis; insistindo o conde em manifestar-se penalizado pelo facto da divergencia de opiniões tornar impossivel a permanencia de Jessop em Ashinka, e offereceu-lhe o drowsky de seu uso para a jornada. No outro dia pela manhã, jogaram ao bilhar, e o conde, segundo o costume, usou á larga das bebidas fortes. O resultado das frequentes libações foi o usual; a franqueza e a amizade simuladas, esvaíram-se, tornou-se retraído e preocupado. Uma ou duas vezes, estremeceu como se tivesse ouvido um som qualquer; mostrou-se irrequieto, como sempre, áquella hora, e Jessop percebeu que o pensamento do titular se fixára na victima que jazia engaiolada, lá em baixo.

Uma vez, desde a primeira aventura, tinha o conde sido seguido pelo inglês, e uma vez, enquanto o conde estava ausente, Jessop tentára alcançar accesso á masmorra de Trofimitch, mas tolheu-lhe o passo o servo Arkady, o qual, entre zumbaias servis, lhe foi participando achar-se temporariamente vedado aquelle lanço do Castello em que

elle Jessop tinha andado a vaguear — e isto á ordem de seu amo.

N'aquella ultima noite passada na sombria mó de pedra, a imaginação de Jessop andou a bater matto, e assim que o patrono o deixou sósinho, atirou comsigo para cima de uma poltrona, acendeu um charuto e pôs-se a pensar na scena lá de baixo. Não desejava apartar-se d'aquella tragedia, deixando-a sem conclusão; ao contrario, resolveu não o fazer, e fez tenção de se dirigir primeiramente a Bolkhoff, logo no outro dia,

a informar-se do motivo por que haviam ficado sem resposta as suas communicações. Caso lhe falhassem esclarecimentos em Bolkhoff, projectava ir a S. Petersburgo contar a historia ao embaixador inglês antes de se ausentar da Russia.

Iam correndo as horas e Kriloff sem apparecer. Elle não costumava demorar-se mais de uma hora, e era o maximo; tornava a beber e, em conclusão, subia

para o quarto, tendo, em mais de um caso, de se auxiliar do braço de Jessop para se equilibrar. Decorrera, porém, uma hora e o charuto do ancioso inglês estava fumado. Acendeu segundo e esperou outra hora. Eram duas da madrugada.

Cançado de esperar, receando que se fizesse tarde para salvar a vida ao infeliz torturado acorrentado na masmorra, deu de mão á prudencia e aventurou-se nos lobregos corredores com o pensamento fito na tragedia que anticipava. Acautelou-se mais



EM NOME DE DEUS, ISTO QUE É, STEPAN TROFIMITCH?!

à vontade nas superficies esmaltadas unicamente de branco. E a estes trabalhos tiveram que chamar: *esmaltes dos pintores*, por isso que existia já a designação: *esmaltes de pintura*, mal applicada ás obras em que os limosinos se assignalaram.

Ora, como muito bem diz Ris Pacquot: «o esmalte limosino é uma especie de baixo relevo, modelado quasi a secco, com um pó mineral, o branco fixo, cujas camadas mais espessas constituem os claros, e as menos espessas as meias tintas» (1).

E' positivamente o inverso dos esmaltes pintados, em os quaes, na chapa de fundo, esmaltada de branco, são reservados os claros, como se reservam na aguarella os claros do papel.

A designação que, portanto, se deve dar aos esmaltes limosinos, em relevo, mais ou menos decorados e enriquecidos, e ainda quando tenham toques de côr a pincel, é a de: *esmaltes sobre apparelho*

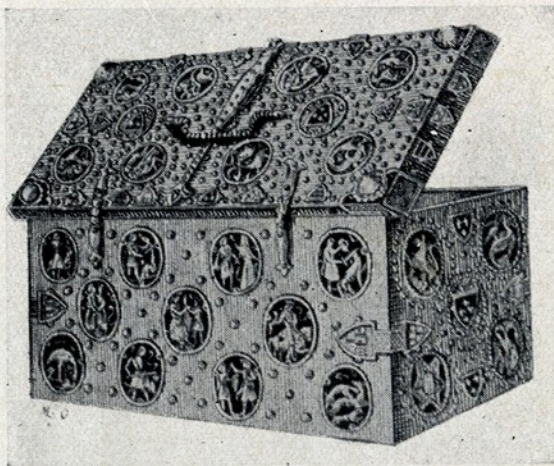
Com effeito, esmaltada a chapa de fundo, geralmente em tons escuros: preto, azul *foncé* (proximamente o azul de Sèvres) castanho carregado, ou d'um esmalte ondulado feito com estes tons, applica-se o *apparelho*, isto é, uma tenue camada de branco fixo, que, depois de secca, deixando transparecer o escuro subjacente, parece *gris*. E' sobre esta camada que se desenha o assumpto, empregando um bico d'aço. Depois, recorrendo ao pincel e á espatula, modela-se, reforçando a camada para obter as luzes, os claros, diminuindo-a para obter as meias-tin-

tas, e empregando as *hachures*, como na gravura, para ir até á maior intensidade dos escuros, que chegam ás vezes a pedir se profunde na camada do apparelho até deixar o negro da chapa de fundo a descoberto.

E' por isso que n'estes esmaltes, muito mais do que em todos os outros, se exige correcto desenho, conhecimento da modelação, e, muito mais tambem do que nos outros generos, a pratica das coseduras, o conhecimento do forno.

Estará perdido o esmaltador que, de golpe, quizer attingir os altos relevos e as grandes luzes. Só o emprego de camadas successivas e delgadas, levadas cada uma por sua vez

ao forno a vitrificar, dará o resultado. N'estas coseduras repetidas, mil perigos, mil escolhos a evitar, surgem constantemente. E todas essas difficuldades augmentam á medida que o trabalho avança, e se trata de o decorar, de lhe applicar a folha d'ouro, ou de prata, sobre as quaes os *translucidos* darão o effeito das roupagens, das telas ricas, das lhamas de ouro ou prata, das perolas,



COFRE GUARNECIDO DE ESMALTES DE «PLIQUE»  
DENOMINADO: COFRE DE S. LUIZ

das joias e das pedrarias. Um esmalte limosino póde carecer de ir algumas dezenas de vezes ao forno,

A respeito do simples camapheu ou *grissaille*, genero Limoges, diz o já citado professor da manufactura de Sèvres:

«Este genero que, na apparencia, parece d'uma extrema simplicidade, exige comtudo tanta habilidade pratica como talento artistico. E' incompativel com a mediocridade, tanto no traçado do desenho, como na collocção das sombras, como no modelado das meias-tintas, ou na apposição da propria côr.»

(1) *Guide pratique du peintre émailleur amateur* pag. 159.

(Continúa.)

ARTHUR LOEO D'AVILA.



# O punhal do Destino

(Conclusão)

## CAPITULO V

### O Punhal do Destino

John Jessop, preocupado com a morte de um seu semelhante pela tortura, dormiu mal aquella noite. Muito antes de romper a madrugada, já elle havia tomado uma resolução.

Era claro que Nikolai Kriloff não tinha dado parte do caso ás autoridades competentes, conforme allegava; e como Jessop tivesse ouvido o proprio encarcerado implorar justiça, como bom inglês determinou que a havia de ter.

Por mais severa que fosse a justiça que podia esperar de um tribunal russo, Stepan Trofimitch tinha direito a ella; e n'aquelle mesmo dia Jessop escreveu circunstanciadamente ao chefe do commissariado de policia de Bolkhoff, communicando-lhe os pormenores do attentado do nihilista contra o proprio amo, e as consequencias.

Receava, porém, que a carta já não chegasse a tempo. O conde Kriloff, cujo appetite mais se estimulava com as atrocidades em que se ia cevando, exhibia agora o espectáculo de um homem sob a influencia de qualquer droga mysteriosa. Bebia, como nunca, e era raro apparecer. As suas maneiras brutaes e insolentes cada vez mais se exacerbavam, até que atingiram o acume, e

insultou o proprio Jessop. O conde exigia que o professor do filho o acompanhasse na seleia a dar um passeio na floresta, e como Jessop se escusasse, intimou-o a obedecer, rogando pragas. O mancebo saiu fóra de si, e com o sangue a refferver-lhe, replicou:

— Com que direito me dá ordens? Esquece-se de quem é, e de que está falando a um subdito inglês?! Fosse o senhor o proprio Tzar e o mesmo lhe diria! — Fique sabendo que lhe não tenho medo — tanto como ás suas masmorras secretas.

Arrependeu-se de ter soltado esta ultima frase; o resultado porém não foi o que esperava o joven professor. Kriloff pôs-se livido por baixo das manchas rôxas que lhe toldavam a face, sorriu e pediu desculpa ao moço, ausentando-se da sala acto continuo.

Deu-se isto dois dias depois da carta ser expedida para Bolkhoff; e o facto instigou o professor a escrever segunda, mais insistente que a primeira. Depois das lições e do lanche, elle proprio recebeu uma carta do conde, despedindo-o. O russo tratava-o com exaggeros de cortezia, e suggeria-lhe que partisse quanto antes. «Divergimos a tal ponto, quanto ao modo de proceder no tocante a questões vitaes, que me não considero auctorizado a entregar por mais tempo nas suas mãos o espirito ainda tão verde de meu filho», escrevia o titular. «Reconheço a sua competencia, e desejo-lhe mil prospe-

ao approximar-se do carcere; depois, quando alcançou o alçapão, achou-o aberto, e o parche quadrado de luz mortíça a quebrar o negrume do soalho. Reinava um silencio sepulcral, e espreitando para baixo, ás furtadellas, John Jessop adivinhou-lhe a causa.

Junto á base da escada de ferro, feito n'um mólho, com a pellissa meio despida, o peitilho da camisa alagado de sangue, jazia bôcarriba Nikolai Kriloff. Fôra do alcance da vista, ti-

lintava uma cadeia, e a luz mortíça da véla indicava os contornos do agigantado prisioneiro, ainda agrihoado á parede. Desceu Jessop, e antolhou-se-lhe um quadro pouco menos de spectral.

Galgando cauto o cadaver estirado ao pé da escada, approximou-se do vivo e assestou a luz sobre a creatura escanzelada, famulenta, de grenha e olhos assanhados, tão proximo agora da sua victima quanto lh'o consentia o grilhão.

— Em nome do Deus, isto que é, Stepan Trofimitch?

— Fala em nome de Deus e responder-lhe-ei. Elle vingou o seu povo, e com o punhal de Deus e não com arma humana — baqueou finalmente este demonio.

Jessop, comtudo, procurou encontrar qualquer explicação material ao mysterio estirado a seus pés. Voltou-se para o defunto, passou a investigar, e verificou que Kriloff tinha succumbido a um golpe fundo no pescoço. Arma, porém, era coisa que ali não havia, e como o cadaver sé achasse fôra do

alcance do grilhão do Stepan, parecia, á primeira vista, a sua morte ser devida a um acto qualquer alheio á iniciativa do prisioneiro.

Vendo-se em tão grave situação, o nosso inglés operou com decisão e rapidez. Acorudou o pessoal, assumiu o mando por méra força de character, insistiu para que ministrassem alimento e roupa ao faminto delinquente, depois mandou vir a pellica e estabeleceu-se na masmorra, determinado a esperar ali até que viesse rendê-lo a auctoridade competente. A aterrada criadagem obedeceu-lhe sem discussão, e meia hora depois de se haver dado pelo assassinio de Nikolai Kriloff, comparecia um facultativo.

O medico não tinha motivos para querer bem ao conde, e uma vez confirmado o obito, mais se preocupou com o interessante problema da causa respectiva. As mais minuciosas pesquisas apenas deram em resultado a certeza de que o calaboiço não continha objecto algum capaz de infligir uma ferida. Ti-

nham-se servido de uma armaqualquer, redonda, um tanto semelhante na fórma a uma faca de cortador, de tamanho exagerado. Era evidente, mas semelhante arma não apparecia, nem podia ter sido so-

negada em seguida ao assassinio, excepto por meio da escada de ferro. A natureza da arma, por consequencia, ficou sendo tão mysteriosa como até ali.

Ao outro dia pela manhã, chegou ao castello uma resposta pratica ás cartas de Jessop, representada por uma força militar.

O supposto atentado foi declarado politico, e o mysterio envolvendo o assassinio não modificou a opinião do commandante da força.



A PAREDE ESTAVA LUZIDIA COM A CAMADA DE GELO...

Stepan Trofimitch foi transferido para Bolkhoff, debaixo de escolta, e ali, volvidos quinze dias, principiou o julgamento. Não incidiu sobre o mysterio o mais tenue raio de luz, e as investigações e experiencias repetidas na masmorra apenas tenderam a confirmar a certeza, cada vez mais crescente, de que o nihilista nunca podia ter assassinado Nicolai Kriloff.

Então, as vistas dos detectivos viraram-se para outro lado, e abrolharam-lhes no cerebro novas theorias. John Jessop, detido como testemunha, foi suspeitado e, a breve lance, encarcerado como suspeito. Esta circumstancia, de modo nenhum fôra prevista, e o nosso inglês, ao rememorar os acontecimentos d'aquella noite fatidica, principiou a estar inquieto.

Durante o julgamento, comtudo, Stepan Trofimitch, percebendo que o seu obstinado silencio podia muito bem comprometer a vida de outrem, revelou a verdade, como aliás tencionava fazê-lo, em todo o caso. Pouco se lhe dava da propria vida, mas o que não queria era perder os seus credits para com a causa secreta. Contou em breves palavras a maneira como tinha morto o seu inimigo, cruelmente ufano, em sua ingenuidade, e persistiu em considerar a sua tão estranha arma como havendo sido enviada por Deus.

Foram estas as suas palavras:

«Em busca de meio para dar cabo de mim, e de escapar aos horriveis tormentos da fome e do frio e dos tratos que aquelle demonio me infligia, entrei a considerar na enesgada fresta por onde entrava a escassa luz e o gelido sopro do ar exterior. A parede estava toda luzidia com a camada do gelo, pendendo, aqui e acolá, em estalactites. Nas minhas horas de solidão dei tratos ao miolo a ver se encontrava meio de arrancar alguma, inteira. Entretanto, foi-se agravando a minha agonia, e Nikolai, recrudescendo de atrevimento á proporção que me via ir enfraquecendo, aventurava-se, uma vez por outra, a adiantar-se ao alcance da minha cadeia para me acordar, quando jazia assoberbado por um qualquer pesadello, vibrando-me uma azorragada. A poder de dores e de trabalho, e com sacrificio de uma porção dos meus farrapos, já de si tão escassos, entreteci uma corda com sufficiente comprimento para alcançar um sincêlo mais com-

prido. Este, porém, quando caíu, partiu-se-lhe na queda a aguda ponta com que eu contava trespassar o coração, e pus-me a chorar, de desespero. Caí em mim, comtudo, e entrei a sugar e a lamber o pedaço de gelo, até que consegui aguçá-lo de novo. Depois, peguei a considerar o seguinte: «Se este Punhal do Destino é capaz de me trespassar o coração, por que é que não háde trespassar o do meu inimigo? Pu-lo de banda, ao alcance da mão, sem receio de que se derretesse, visto que a agua da bilha que eu não gastava, corrida uma hora estava gelada.

Naquella mesma noite compareceu Kriloff a esaldar-me a pelle com a pita de arame do azorrague, esaldando-me ainda mais o cerebro com o veneno daquella sua lingua damnada, e assim que ouvi erguer o alçapão, fingi que dormia, espreitando porém sorrateiro por entre as palpebras semi-cerradas, até que lhe vi o maldito carão avinhado a olhar para baixo. A lasca de gelo tinha-a eu escondido na farrapada. Lançara mão della assim que o senti aproximar, suppondo que eu estivesse morto; estendi o braço, filei-o com gana de tigre, e vibrei-lhe uma pontoada ao pescoço onde me pareceu que a ponta fragil da arma poderia encontrar menos resistencia. Elle, sentindo-se terrivelmente ferido, cambaleou para fugir, e até chegou a pôr o pé no primeiro degrau da escada; mas quando estendeu o braço para se agarrar a ella, faltaram-lhe as forças e baqueou no lagedo, feito num mólho. Estava fôra do meu alcance, mas consegui vê-lo ir-se finando.

Então, decorridas umas horas sem fim, appareceu o inglês, mas não encontrou coisa nenhuma, porque o Punhal do Destino com que eu matei aquelle demonio se tinha derretido no sangue que fizera derrear.»

Stepan Trofimitch não foi justicado, visto como, apezar da sua declaração, o assassinio foi considerado um caso pessoal e não politico, e homem algum perde a vida, na Russia, sob a acção do codigo penal. Coube-lhe a tremenda sentença de quinze annos de servidão com trabalhos forçados, — castigo russo o qual, praticamente, equivale á pena de morte. E assim se sumiu no limbo aquelle desventurado, a labutar annos sem fim sob as vistas dos barbaros taganhões,

aguardando a morte como quem almeja pelo advento de um amigo unico.

Nunca vim a saber o fim que teve; estas coisas, porém, aconteceram ha bons trinta annos, e Stepan Trofimitch achar-se-á de-

certo feito em pó, ha muito tempo, e um letreiro ferrugento com um algarismo, será o unico indício do monticulo de terra que cobre os restos do malfadado mujik, victima da barbara tyrannia do boyardo moscovita.

*Versão do inglês de MANUEL DE MACEDO.*



## Genezareth

No paiz de Galil. O sol cahindo,  
Inunda em oiro os povoados syrios,  
Campos de rosas bravas e martyrios  
E os bosques onde cresee o tamarindo.

Donzellas de perfil trigueiro e lindo  
Vão para a fonte. Os mercadores tyrios  
Passam nos dromedarios. Chovem lirios  
E purpura e topazios, refulgindo...

Lago de Tiberiade ao sol posto!...  
Amethistas vogando sobre mosto...  
Poisam pelos terraços pombas mansas,

Estrellam-se as romeiras de vermelho,  
E no caminho, ao pé d'um cedro velho,  
Jesus fala ás mulheres e ás crianças...

CANDIDO GUERREIRO.

# Somatose

Recommendada nas doenças do  
**ESTOMAGO E DOS INTESTINOS**

Vende-se nas pharmacias e drogarias



## Senhoras em evidencia

### Uma poetisa distincta

O livro *Trindades* da illustre poetisa D. Maria da Cunha foi uma revelação, embora não uma surpresa. Versos dessiminados por aqui e por ali já tinham denunciado de quanto era capaz aquella alma lumi-



D. MARIA DA CUNHA

nosa e aquelle espirito tão delicadamente impregnado de sentimento.

Não é só o estro pujante e espontaneo que ha a admirar em D. Maria da Cunha, vibra em toda a sua obra uma inspiração que é simultaneamente infantil e filosofica, fragil e intensa, meiga e dominadora, attrahente e grandiosa.

E' uma poetisa na acepção mais levantada e digna da palavra.

O seu real talento impõe-se e brilha como uma joia do mais fino quilate.

## Chronica da moda

*Inquerito às modas antigas: — a crinoline, a tournure, as saias de folhos, as mangas tufadas, os vidrilhos e as contas, os chapéus desgraçados. — As modas de hoje correctas e elegantes. — Os penteados actuaes. — Os nossos figurinos: — Vestido de cachemire, casaco de pelles, chapéu de inverno.*

Vagueando pelos dominios da moda, e recordando as evoluções que esta tem feito durante os ultimos vinte annos, não nos parece que hoje sejam mais ridiculos ou mais feios os trajes femininos do que os de então.

A crinoline tão desgraçada e incommoda desappareceu de todo, em sua substituição veio a *tournure*, um pouco menos embaraçosa, mas ainda um tanto grotesca. Hoje contentamo-nos com o arredondado das fórmãs, produzido pelo espartilho, quer este seja estreita couraça quer simples amparo do corpo.

Não é já isto um progresso?

As antigas saias de folhos tinham alguma coisa de *coquet* e delicado, mas nada de gracioso; felizmente, foram-se abandonando pouco a pouco até chegar á saia simples ou de pregas cheia de correcção que tem hoje o ar distincto que por ali se vê.

E as mangas? Que diremos das mangas?

Essas tem soffrido toda a especie de transformações. De muito tufadas nos hombros passaram a ser apenas tufadas em baixo; a sua largura desceu até ao punho; depois fizeram-se curtas e um pouco largas, por fim compridas e justas, bem pouco favoraveis para certos braços de magresa saliente.

Nas mangas a moda é d'uma irrequietação constante.

Quanto ás guarnições d'outro tempo cheias de azeviches, vidrilhos e contas, até faz horror hoje, lembrar o seu peso!

E' evidente que bastante temos ganho em as substituir pelos bordados finos e leves a ouro, prata ou seda actualmente usados





TRAJO DE SARAU NINON

*Côr de malva pallido, bordado a aluminio e ouro, assente em setim côr de pecego*

Em todos os casos nos quaes se deve favorecer o appetite, augmentar as forças, restabelecer o estado geral, nada melhor que a **SOMATOSE**.

E os chapéus? Que medonhos os de certas épocas! Pequenos, baixos, achatados como bolachas; as *tóques* com ar avelhentado, as *capotes* medonhas, com as suas *aigrettes* hirtas e os seus laços d'uma fealdade sem precedentes!

Insensivelmente as abas teem crescido e arredondado, até chegarem ao chapéu *cloche* tão original e pratico, seguindo-se-lhe os modelos actuaes que, parecendo-nos feios, são comtudo graciosos e lindos, comparados com os que já lá vão...

Ensaia a leitora este pequeno inquerito ás *elegancias* passadas e tornar se-ha indulgente para as exagerações de hoje, tendo ao mesmo tempo uma arma para defender as modas actuaes dos ataques inimigos.

Não se diga que a mulher de hoje não tem gosto ou tem um gosto detestavel. Compare-se e veja-se que alguma cousa se tem caminhado.

Sobre tudo muito se tem ganho no campo da elegancia alliada á commodidade. E' d'isso um exemplo o vestido genero *tailleur*.

\*

Muitas das nossas leitoras estão alarmadas com as modificações dos penteados.

O maior numero pareceu-lhe que o penteado baixo e em bandós lhe não convem, mas julga-se entretanto obrigado a adoptal-o porque é moda e porque a maior parte dos cabelleiros lh'o aconselham.

Sim, a moda favorece o penteado baixo mas não o impõe.

Nunca a moda foi tão *boa pessoa*... e tão disposta a deixar-nos toda a latitude do nosso gosto, no que diz respeito aos penteados.

Arranja-se o cabelo como se quer ou segundo convem ao nosso typo.

Penteados altos, baixos, simples ou complicados, todos se veem e estão á moda.

E para se vêr que assim é, basta reparar nas photographias e *silhouettes* das actrizes francezas mais em voga. Que variedade! Que phantasia na disposição do cabelo!

Nenhuma se penteia do mesmo modo; cada uma quer ter um penteado característico, especial, que lhe faça um typo novo e bonito.

Conservemos sempre um pouco de caracter no nosso penteado; nada é tão fatigante e banal, como um penteado vulgar e uniforme, visto em todas as cabeças.

O penteado será sempre gracioso se é cuidadosamente feito e em harmonia com a idade e o rosto da pessoa que o usa.

## Theatros

**S. Carlos.** — A época lyrica abriu este anno, no nosso primeiro theatro, com uma companhia franceza, constituída de elementos que lá fóra teem, nos primeiros palcos do mundo, grangeado extraordinario renome. O theatro lyrico francez, que tantos apaixonados conta e que o anno passado chamao ao elegante theatro uma concorrência d'*élite*, voltou de novo a satisfazer os adeptos d'essa escola, dando-lhe, graças ao *savoir faire* do empresario e director tecnico de S. Carlos, a par das produções mais bellas no genero, uma interpretação primorosa com elementos excepcionalmente perfeitos, entre os quaes sobressairam as mais lindas mulheres.

Segundo a velha praxe, o distincto empresario de



THEATRO DO PRINCIPE REAL — A QUESTÃO DOS VENENOS (4.º acto)

S. Carlos foi apresentar a Suas Magestades o programma da época. O director da orchestra é Xavier Leroux, o glorioso auctor do *Chemineux*, que já no anno passado dirigiu a execução da sua opera.

No elenco figuram, como sopranos e meios sopranos, entre outros, Lilleu Grenville, do theatro Monnaie, de Bruxellas; Heglou da Grande Opera de Paris; Allie Vallaudi, da Opera Comica; como tenores, André Gilly, do Grande Theatro, de Marselha; Victor Granier, da Grande Opera, de Paris; como barytonos, J. Bourbon, do theatro de Monnaie, de Bruxellas; Lucien Rigaux, da Grande Opera de Paris; e Maximie Viaud, do Grande Theatro de Marselha.

Entre outras operas, cantar-se-hão, além do *Chemineux*, *La Reine Fiammette*, de Leroux; *Therese*, de Massenet, *Fortunio*, de Messaga, etc.

A seguir á companhia franceza, apresentar-se-ha a companhia italiana, com Eduardo Mascheroni, na direcção, e com os artistas: Giuseppina Baldassare, Mathilde de Lerma, Maria Gay, Maria Judice, Dina Borghi, Ada Favi, Carlos Baliu, Fernando Carpi, Geunaro de Tura, Giuseppe de Luca, Anafesto Rossi, Wito Daumaco, etc. Entre as operas italianas cantam-se *Wally*, de Catalani, *Damnatione di Fausto*, *Carmen*, *Palhaços* e todo o velho e sempre querido repertorio italiano.

Esta rapida resenha demonstra á evidencia o cuidado intelligente que presidiu á organização da época, demonstrando a especial competencia de Mimon Anahory, o illustre empresario, e de Augusto Machado, o artista distincto, que é uma gloria do nosso paiz.

**D. Maria.** — O *Diario do Governo* publicou finalmente, o decreto regularizador do nosso theatro Normal. Por esse novo regulamento passa a administração a fazer-se commumente pelo Estado, por intermedio d'um funcionario especialmente nomeado, e pelos artistas. Cessam as categorias e garantem-se aos artistas direitos, que lhes melhoram sensivelmente a situação. O theatro deve abrir brevemente, tendo começado já os ensaios com os artistas dos quadros.

**D. Amelia.** — Desde o dia 30 do mez proximo findo em que este theatro da rua do Thesouro Velho, inicia a presente época, que as enchentes se contam pelas recitas.

Passando em revista o seu magnifico repertorio da época passada, na qual, mais uma vez, se provou as excepcionaes qualidades de habil empresario que distinguem o sr. visconde de S. Luiz de Braga, novas noites de boa arte nos tem proporcionado esta elegante casa de espectaculo, cuja fama se acha firmada entre nós e no estrangeiro.

Foi escolhida para a recita de abertura, a linda comedia de Gavault e Chavrai, *Mademoiselle Josette, ma femme*, traducção do sr. Mello Barreto, seguindo-se-lhe a soberba e empolgante peça de Bernstein

O *Ladrão*, traduzida por Eduardo de Noronha e depois, as comedias: *Os posições* de Schwalbach; *O Raffles*, e ainda outras como: *O Leque*, de Flers e Caillavet, traducção de Accacio de Paiva; *Zázá*, *O tio milhões*, *D. Cesar de Bazan* e *Lagartixa*, de anteriores temporadas artisticas, e que agora, como sempre, foram recebidas pelo publico com accentuado agrado.

Das novas peças que vão constituir o actual repertorio, annunciam-se já as peças *L'amour veille*, do mesmo auctor do *Leque*, e *Sanson* do brilhantissimo escriptor Bernstein, cujas traducções foram respectivamente confiadas a Manoel Penteado e Eduardo de Noronha.

Para o exito que estas novas peças vão alcançar em Lisboa, basta, sem duvida, o nome dos seus auctores e a competencia dos traductores.

Qualquer d'ellas obtiveram em Paris um successo extraordinario, o que, crêmos, se justificará entre nós.

\*

*Mimi Aguglia.* — Mais uma rara celebridade artistica iremos, em breve, admirar no D. Amelia.

A distincta siciliana, Mimi Aguglia, estreiar-se-ha no proximo mez de dezembro, segundo consta, com a notavel peça, de extraordinario valor litterario *Sconciuru*. Como se sabe, unicamente oito recitas dará em Lisboa, esta artista que tem recebido em todo o estrangeiro, os mais calorosos elogios.

Contando apenas 23 annos de idade, poucas como ella — assim rezam as criticas dos principaes escriptores estrangeiros — conseguem identificar-se, d'uma fórma tão intima e real, com as personagens que lhe são confiadas, imprimindo em todas, um fulgurante brilho de verdade.

A sua arte impõe-se, subjuga, sem falta da mais simples subtilidade no delineamento da personagem.

O seu repertorio consta do seguinte:

*Malia*, *Garofalo*, *Edera*, *Rufere*, *Pecatricce*, *Sconciuru*, *Odio vinci i Mala Serto*, *Carbonari*, *Cavallaria Rusticana*, *Figlia di Jorio*, *In vano buona gente*, etc.

**Trindade.** — Ao successo alcançado com a revista *O paiz do vinho*, de Leandro Navarro e André Brun, seguiu-se o *Sonho de vulsa*, traducção de Ernesto Rodrigues e Xavier Marques, com musica do distincto maestro Oscar Strauss.

A peça d'um entrecho muito simples, encanta, muito especialmente, pela sua soberba e inspirada musica. E' realmente de encantar a linda partitura de Strauss, d'uma suavidade e harmonia lindissima.

O poema é simplesmente um pretexto para a apresentação de trechos musicas inspiradissimos, sendo no genero, a sua partitura uma das mais bellas composições.

Um outro requisito que a peça encerra é prestar-se a uma exhibição luxuosa, o que foi attingido pelo distincto empresario Affonso Taveira e que lhe valeu

uma estridente ovação. O cortejo do 1.º acto é deveras majestoso.

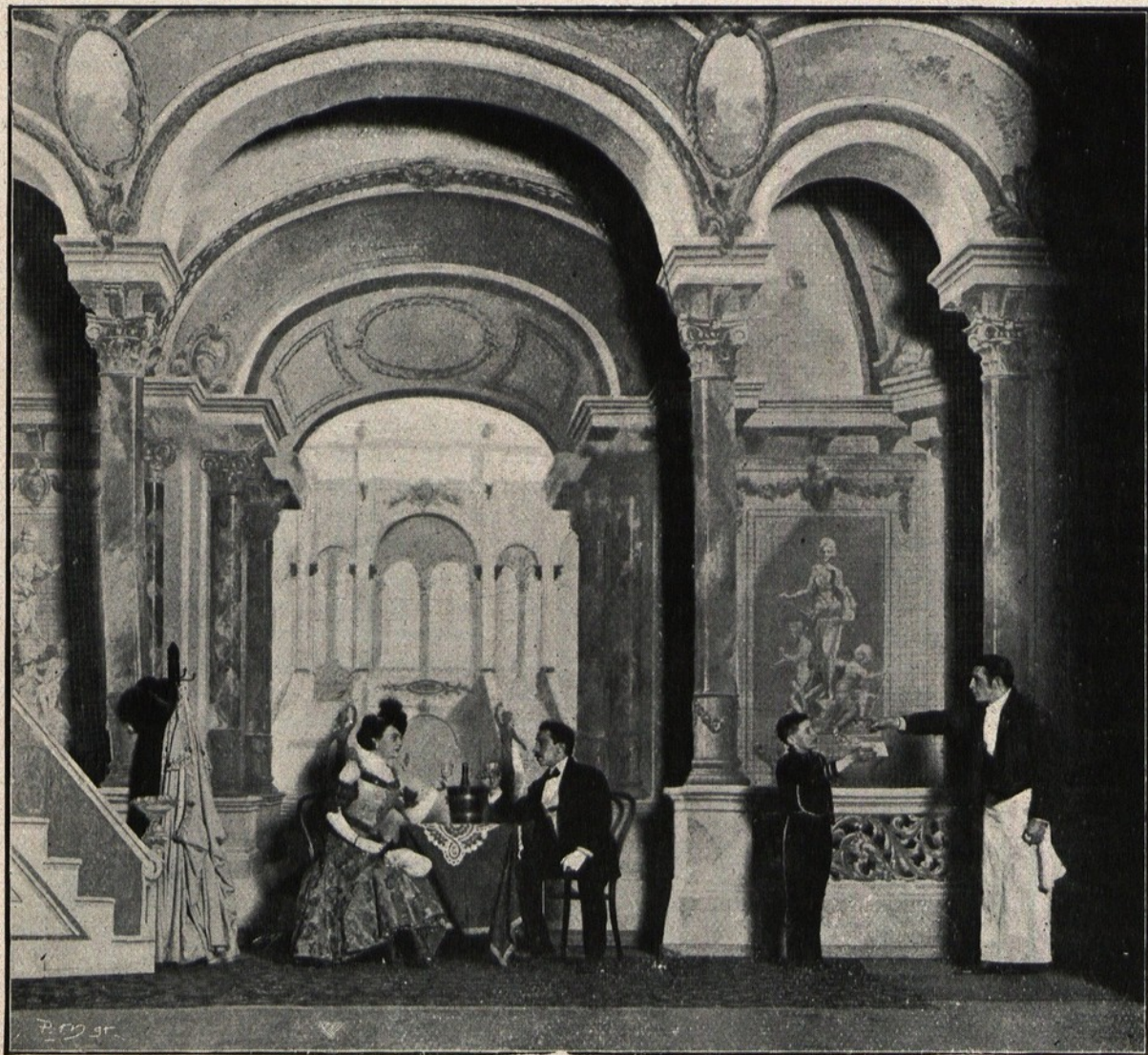
Todos os artistas se houveram d'uma fôrma brilhante no desempenho dos seus papeis, sendo de justiça citar, Gomes, Thereza Taveira, Isabel Fragoso e Etelvina Serra. Os còros muito afinados.

Os artistas, traductores, empresario Affonso Ta-

O distincto artista que dirige o Gymnasio continúa a procurar que a Alegria não deserte d'aquella casa.

**Avenida.** — Com a operetta *Vivalegre*, do sr. Alvaro Cabral, parodia á peça *Viuva alegre*, abriu a época o Avenida em 22 de outubro ultimo.

Escripta em umas horas de bom humor, consegua-



COLYSEU DOS RECREIOS — OS GEORGETTYS

veira e o maestro Luiz Filgueiras tiveram successivas chamadas ao palco.

**Gymnasio.** — Este theatro, que explora com extraordinario exito a baixa comedia, deu, em primeira representação, a comedia em 3 actos, *As mulheres dos amigos*, traducção do sr. Camara Lima, e original d'um auctor que o cartaz não indica. A comedia faz rir. Não é um modelo de moralidade, nem um evangelho de bons costumes, mas realisa o seu fim principal. As gargalhadas estrugem sonoras pelo ambito da sala e o publico sae de lá satisfeito, com o figado desopilado, sem cuidados.

fazer rir o mais sisudo. E' viva, alegre e igualmente agradável pela musica na qual Del-Negro demonstrou, de novo, as suas qualidades de compositor distincto. Alvaro Cabral e Del-Negro foram muito festejados, bem como os artistas, Santos Mello, Amaranthe, Baptista, Julia Mendes e Izaura Ferreira.

Em seguida á *Vivalegre*, subiu á scena a opera comica o *Sonho de valsa*, traducção do sr. Accacio Antunes cabendo aqui, quanto dissemos na anterior noticia ácerca da *Trindade*.

Em ambos os theatros se regista o bom gosto e vontade com que a peça foi posta em scena, devendo, por igual, dividirem-se os elogios.

**Príncipe Real.** — Depois da *Questão dos Venenos*, de Sardou, o theatro popular da rua da Palma deu-nos um dramalhão *O pé leve*, de Jules Mary, que em folhetins foi publicado no *Seculo*. O genero está um tanto fóra do tempo, acrescendo que o velho Theatro do Príncipe Real tinha, na evolução da sua arte, conseguido um outro publico, attraído por peças de valor, que por vezes tiveram uma interpretação de muito merecimento.

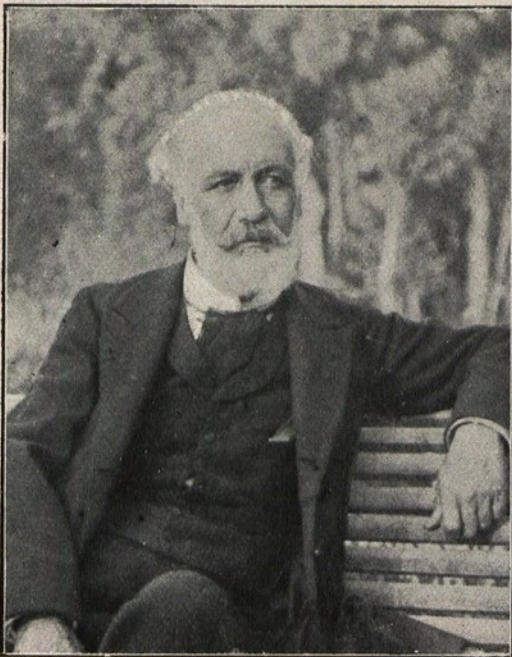
No emtanto é possível que a empreza procurasse attrahir aquella casa de espectaculos o velho publico, avido de *fuca e alquidar*, de que esta é um exemplar perfeito. Se esta hypothese fór verdadeira, conseguirá certamente o seu fim, levando ao Príncipe Real o antigo publico que n'elle tinha o seu theatro de eleição.

O desempenho é digno dos artistas que figuram no elenco. Gil, Lúinda do Carmo, Adelia Pereira, Carlos Leal e muitos outros continuam evidenciando os seus meritos reaes.

**Colyseu dos Recreios.** — Continúa a sua marcha triumphal esta attraente casa de espectaculos. Todas as noites uma concorrência verdadeiramente colossal! Nem um lugar de geral vago, tudo á *cunha*.

Este facto demonstra claramente não só a predilecção do publico por aquelle genero de theatro, como tambem a enorme curiosidade que tem despertado a lucta greco-romana, pelos campeões, irmãos Deriaz e os *matches* effectuados com o campeão de jiu-jitsu Kirano. Em todas as sessões são estes extraordinarios lactadores alvo de estrondosas ovações, de que partilham os restantes artistas da bella companhia.

## O actor Chaves



Teve a sua época de gloria, de nomeada, de prosperidade. Espirito intelligente, inventivo, tenaz, luctou com o infortunio com a porfia de um homem forte. Hoje a adversidade feriu-o com a implacavel teimosia. Valeu-lhe a boa indole da nossa raça. E' necessario proseguir n'essa cruzada do bem, não deixar a benemerita tarefa a meio. E' um dever auxiliar esse vencido das pugnas do theatro.

## Costumes pittorescos



UMA EGREJA FLUCTUANTE PARA MARINHEIROS  
EM BERLIM



UM PAR RECEMCASADO  
SAHINDO DA EGREJA FLUCTUANTE

## Em Cascaes



A SR.ª D. GUADALUPE DE CASTRO, VESTIDA DE JAPONEZA, VENDENDO FLORES

Interessantíssimos os festejos que se realizaram ultimamente em Cascaes. Animados pelas senhoras da nossa primeira sociedade, decorreram no meio da mais effusiva alegria e cheios de imprevisito pinturesco. As damas, formosíssimas nos seus differentes trajes, imprimiram a nota artistica a esses festejos, que deixaram intensas saudades e que não serão facilmente esquecidos. Não foi menos interessante e pinturesca a nota dada pelas creanças no seu communicativo jubilo e seriedade com que tomaram a peito a sua missão.

### Casal Catalá

Eis como um nosso collega da manhã apreciou este importante estabelecimento:

«E' a Catalunha uma das regiões da Peninsula mais progressiva e laboriosa. A feição trabalhadora de seus filhos, re-

presentantes de uma raça de glorioso passado historico e de poderoso presente economico. conseguiu levantar o prestigio industrial da Hespanha até um logar primacial entre as nações mais avançadas.

Vista pelo prisma da Catalunha, a Hespanha não desdenha de figurar no concerto dos povos civilizados, occupando um logar de destaque. Mercê do genio artistico dos catalães, da sua formidavel perseverança e iniciativa, as industrias, o commercio, as artes progrediram excelentemente na Catalunha.

Recolhendo dos gregos o genio esthetico, dos romanos o alto conceito do civismo, dos fenicios as varias aptidões mercantes, os catalães, no grande certamen universal das manifestações do trabalho, apresentam-se com um cunho evidentissimo de especialisação que os torna inconfundiveis.

Não admira, pois, que a Catalunha possa ser hoje



UM ASPECTO DA KERMESSÉ — AS CREAÇAS

apontada com verdade como um paiz modelar na sua feição nacional, e exemplarissimo nas suas manifestações d'arte.

Houve sempre entre os portuguezes uma marcada predilecção para as cousas da Catalunha e a Catalunha evidenciou-se sempre pelo seu amor a Portugal.

Essa secular approximação teve presentemente uma realidade radiosa. Espiritos dedicados ás duas patrias extremas peninsulares fundaram uma das obras mais sympathicas e que se nos apresenta de mais esperançoso futuro para a economia e os interesses das nações ibericas, ligando mercantilmente o povo catalão e o portuguez, estabelecendo o *Casal Catalá*, vasta empreza commercial destinada ao fomento da importação catalã em Portugal, reunindo ordenadamente as variadas e ricas manufacturas da Catalunha n'uma casa sumptuosa e cheia de luz, no Largo do Intendente e Avenida D. Amelia. A manifestação das industrias catalãs que se admiraram no *Casal Catalá*, demonstram o progresso da Catalunha, que, n'um esforço de humana grandeza, desfez o pessimismo doentio do seu canto popular e patriotico, e levada pelo mais victorioso entusiasmo — que é a suprema virtude das raças — apresentou-se novamente «rica e plena» como nos aureos tempos da sua independencia.

E' proprietario do *Casal Catalá* o sr. dr. Americo Lopes d'Oliveira, que cooperou com todo o entusiasmo na iniciativa do grande amigo de Portugal, denodado lusitanista catalão, dr. Ribera e Rovira. A nova empreza propõe-se estabelecer intensas relações commerciaes e industriaes entre os dois paizes peninsulares, com o que muito lucrará o nosso commercio e o publico, attendendo aos preços e qualidade de todos os artigos em exposição, a maior parte dos quaes terão já passado no nosso mercado como sendo de origem franceza ou ingleza.»

## Recreios Music-Hall

De ha muito que em Lisboa se sentia a falta de uma casa de divertimentos populares, onde o publico, sem grande dispendio, podesse passar algumas horas, distrahindo-se e recreando-se.

Esta lacuna deixou de existir com a reabertura dos *Recreios Music-Hall*, em uma ampla installação, occupando a sua sala principal de espectaculos, o vasto terraço onde esteve installada a Garage Peugeot, mais conhecida por Beauvalet, no centro da capital e na arteria mais principal da cidade, installação montada com certo luxo para o genero de divertimentos que ali se exploram, e que o publico recebeu de bom grado.



EXPOSIÇÃO CASAL CATALÁ

**Recreios Music-Hall**

GRANDE CARROUSEL



TIRO AO ALVO



## Melhoramentos da nossa Instrucção Nacional



NOVO LYCEU CAMÕES

Foi inaugurado no mez de novembro o novo lyceu Camões, situado no largo do Matadouro. E' hoje um dos nossos melhores edificios de instrucção publica. A sua planta devida ao habil architecto Ventura Terra é não só de esmerada elegancia, mas obedece

a todos os melhoramentos ultimamente realizados nas construcções similares estrangeiras.

Muito amplo, muito ventilado, com luz a entrar a jorros por innumeradas janellas, é um edificio magnifico e que em tudo preenche o fim para que foi destinado.

## Desenvolvimento da beneficencia publica



HOSPITAL DO REPOUSO PARA TUBERCULOSOS, NO LUMIAR

Perto do Lumiar, n'um largo campo, ergue-se este novo hospital destinado a tuberculosos.

O local foi excellantemente escolhido. Obedece a todos os requisitos exigidos a este genero de cons-

trucções. Isolado e ao mesmo tempo perto da cidade, com largas enfermarias, com uma estrutura leve, de aspecto attrahente, não lembra nada das antigas e pesadas moles de alvenaria.

**A riqueza de varias nacionalidades em libras sterlingas**



1 — Grã-Bretanha . . . . .	Lb. 12.000.000.000	5 — Austria Augria . . . . .	Lb. 4.800.000.000
2 — Estados Unidos . . . . .	» 12.000.000.000	6 — Russia . . . . .	» 3.200.000.000
3 — Allemanha . . . . .	» 9.000.000.000	7 — Italia . . . . .	» 2.400.000.000
4 — França . . . . .	» 9.000.000.000	8 — Hespanha . . . . .	Figuras sem valor
9 — Turquia . . . . .	Figuras sem valor		

## O «lawn-tennis» em Mossamedes



NO CHALET DA COMPANHIA INGLEZA DO CABO SUBMARINO

1.º plano (inferior), J. Montgomery. — 2.º Luiz Leite. — 3.º Egas d'Alpoim. — 4.º Arnaldo Navarro. — 5.º Serra Guedes. — 6.º C. Braga. — 7.º Silva Nogueira. — 8.º A. Willian Wright e Meredith.

Alguem se admirará que se jogue o *lawn tennis* em Africa, com o calor que ali faz. Pois joga-se. Não só em Mossamedes, mas ainda em latitudes mais altas, onde o calor é suffocante, abrasador, extenuante.

Joga-se em toda a parte. Na India, em Aden, em Zanzibar, na ilha de Moçambique, nos pontos onde o thermometro accusa mais insupportaveis temperaturas.

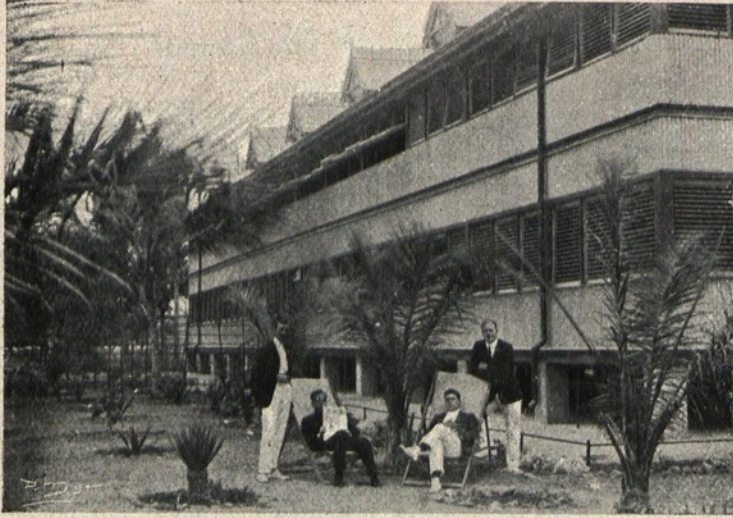
Talvez alguns dos nossos leitores não saibam que, querem os francezes, que o *lawn-tennis* proceda do velho jogo francez da pella, e que foi introduzido em Inglaterra e regulamentado em 1874, por um official inglez, Wingfield que lhe deu o nome de *sphairistike*, abandonado depois pelo de *lawn-tennis*.

N'este ponto de jogos, de exercicios physicos, no *sport*, como é modo dizer-se agora, ninguem levar a palma aos gregos; e meritos n'e te genero como em muitos outros. A lucta, o pancraccio, o pugilato, o salto, as differentes formas de espheristica, a corrida, etc., eram os seus exercicios habituaes.

Roma não cultivou menos o exercicio muscular de seus filhos. Preparava-se para a guerra por meio da equitação, da natação, da esgrima, da corrida, dos pesos, os

exercicios com bola, as diversas especies de jogo da pela, etc., que a antiguidade romana legou á Edade Media.

Para as nações latinas, foi principalmente no se-



O «LAWN-TENNIS» EM MOSSAMEDES

*Fachada principal do chalet da Companhia inglesa do Cabo submarino*

culo XIX, que se principiaram a desenvolver os *sports*, ou melhor *desportes*. Não é só á Inglaterra que se deve a melhor parte d'esse desenvolvimento, é também á Alemanha que, depois de 1870, imprimiu um grande movimento ás sociedades de Gymnastica.

### Pedras preciosas

Ás pedras preciosas sempre se ligaram as mais singulares superstições.

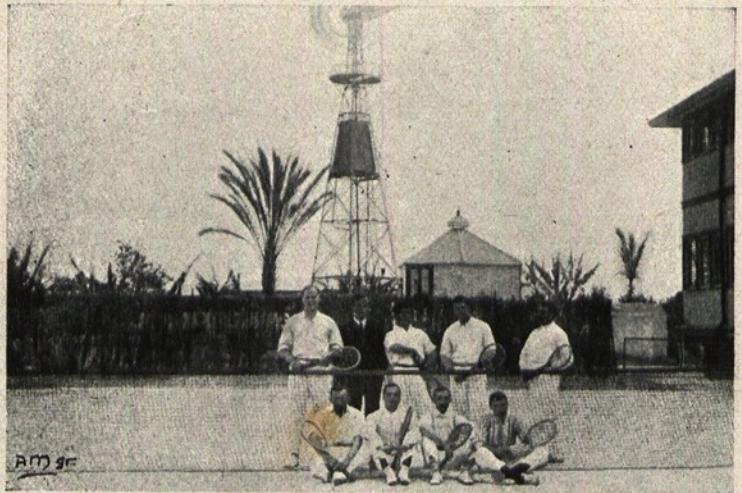
O coral afasta o mau olhar, no dizer dos napolitanos. A agatha mata a sede e arreda os coriscos. O beryl augmenta o amor conjugal e cura a lepra. A amethista é a unica pedra que se póde usar durante o luto. A turqueza salva a gente das quedas e apasigúa as disputas conjugaes (principalmente quando o marido a offerece á mulher). A coralina sára as

mordeduras venenosas. O topazio dissipa os quebrantos. O diamante representa simultaneamente a justiça, a constancia, a pureza. A saphira é o emblema da pureza e assegura o bom effeito das orações. A opala torna uma pessoa amavel e invisivel.

A mais preciosa de todas, é a mais feia, a mais humilde: a hulha. E' uma pedra; não se póde duvidar; uma pedra preciosa, visto como é tambem carbone como o diamante. Ha quem lhe chame «sol armazenado e portatil». E' sol, realmente, porque dá o calor, a luz (pelo gaz que d'ella se extrahe) e força pelas machinas que faz mover. Pela sua origem, é tambem sol.

A hulha é formada de plantas, e o calor que lhe permittiu crescer foi-lhe transmittido pelo sol.

Restitue, pois, o que recebeu.




O «LAWN-TENNIS» EM MOSSAMEDES

*Da direita para a esquerda (sentados): Braga, Luiz Leite, A. Navarro e Antonio Navarro. — (De pé): H. Moura, Meredith, Cohen, Wriggt e Montgomery.*

**FARINHA  
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e  
pessoas edosas.



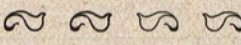
# Musica dos SERÕES



## MODINHA

Letra de LUIZ DE CAMÕES

Musica de TH. BORBA



Quem ora soubesse  
Onde o Amor nasce,  
Que o semeasse!

VOLTA

D'Amor e seus danos  
Me fiz lavrador ;  
Semeava amor,  
E colhi enganos ;  
Não vi, em meus annos,  
Homem que apanhasse  
O que semeasse.

Vi terra florida  
De lindo abrolhos,  
Lindos para os olhos,  
Duros para a vida.  
Mas a rez perdida,  
Que tal herva pasce,  
Em forte hora nasce,

Com quanto perdi,  
Trabalhava em vão :  
Se semeei grão,  
Grande dôr colhi.  
Amor nunca vi  
Que muito durasse,  
Que não magoasse,

# MODINHA

Letra de Luiz de Camões

Musica de Th. Borba

*Modrato*

*Canto*

*Piano* *mf*

*D'Amor e sus dam-nos*

*Me-dis la-va-dor, se-me-a-va-a-mor*

*E co. the-a-en-ga-nos, Não ve, em meus an-nos*

*Ho-mem que a-pa-nhas-se que se-me-ane.*

*ao rgnal*

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

# FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz  
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO  
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo  
*Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :*

**SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA**

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*  
Em todas as Pharmacias ou Drogarias. Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS

## BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

**RHEUMATISMO**

~~~~~  
**GOTA**

**NEURALGIAS**

D<sup>r</sup> BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



## LOÇÃO DEQUEANT

**CABELLO**

**BARBA**

**PESTANAS**

**SOBRANCELHAS**

Umco producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo.

L. DEQUEANT, *Pharmaceutico*, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se

dirigir para todas as informações gratuitas.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,  
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.

# As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empáste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a **SEPARATA** dos primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.



Capas de luxo para a **SEPARATA** dos primeiros 7 volumes  
CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

**NOTA.** — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

**Administração dos SERÕES**

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA



# Grandes vantagens

Aos assignantes dos

# SERÕES

**BRINDE:** Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.<sup>a</sup> classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

## BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e esculpulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50<sup>o</sup>%, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

|                                            |                |             |
|--------------------------------------------|----------------|-------------|
| Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....  | { Anno.....    | 2\$200 réis |
|                                            | { Semestre ... | 1\$200 »    |
|                                            | { Trimestre... | 600 »       |
| Para o Brazil (Moeda fraca) .....          | - Anno.....    | 12\$000 »   |
| Para outro qualquer paiz estrangeiro ..... | - Anno.....    | 15 fr.      |

Pedidos á

Administração dos "SERÕES"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

# Ultimas novidades de livraria

**La Passion d'Abailarde d'Heloisa**, por *Jean Bartheroy*. Interessantissima monografia de 350 paginas, preço 3 fr. 50 cent. Edição da casa Ollendorff de Paris.

**Mané! Thecel! Pharés!** Suggestivo romance de *Jean Samson*, de 330 paginas, preço 3 fr. 50 cent. Edição da casa Ernest Flammarion.

**De la Méthode dans les Sciences**, erudita obra devida á penna de um grupo de sabios professores, de 410 paginas, preço 3 fr. 50 cent. Edição da casa Félix Alcan.

**Problemes de Psychologie affective**, trabalho dos mais curiosos de *Th. Ribot*, de 200 paginas, preço 2 fr. 50 cent. Edição de Félix Alcan.

**Cours complet d'education physique**, á l'usage de la jeunesse des écoles — **Hygiene et physiologie, Gymnastique suédoise, Jeux et Sports**. Excelente obra de *R. Fabens* e *H. S. Kubien*, com 210 paginas, 213 figuras e 3 mappas, preço 2 fr. 75 cent. Edição de Armand Colin.

**Peary contra Cook, á qui le pôle nord?** obra de occasião, de 150 paginas, preço 1 fr. 25 cent. Editada por Nilssons.

**Coups de combat du Jiu-Jitsu**, magni-

fico trabalho de *H. Erwig Hancock*, traduzido por Ferrus & Pesseaud, de 170 paginas, preço 3 fr. 50 cent., com 32 fotografias tiradas do natural. Edição de Berger Levrault.

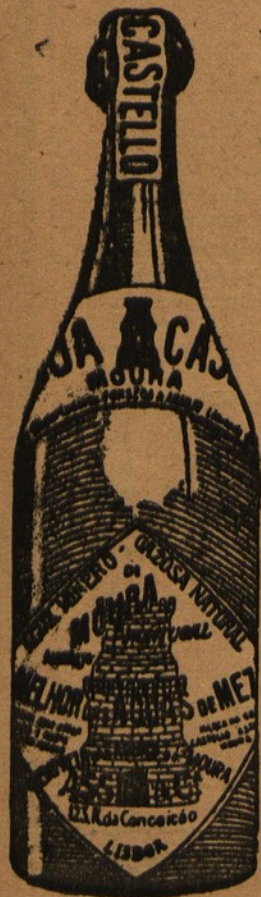
**Le livre du plein air**, um livro indispensavel de *J. P. Muller*, auctor do *Mon systeme*, de 200 paginas com 37 illustrações, preço 4 fr. Edição de A. Eichler, de Paris.

**Elements de locomotion aérienne**, explicações ao alcance de toda a gente apoiadas em numerosas gravuras, ácerca do funcionamento dos aparelhos de locomoção aerea, balões esfericos, balões dirigíveis e aeroplanos, soberba obra de *L. Baudry de Sawvier*, de 200 paginas, encadernado com luxo. Edição da Bibliotheca Omnia.

**Almanach Vermot para 1910**, o mais engraçado dos almanachs francezes, com 450 paginas e uma infinidade de gravuras. Preço brochado 1 fr. 50 cent.

**Almanach Hachette para 1910**, esta utilissima encyclopedia popular e da vida pratica, cada vez mais volumosa e interessante, de perto de quinhentas paginas, custa um preço insignificante. E' a publicação mais completa no seu genero.

Todos estes livros se encontram á venda na **LIVRARIA FERREIRA**, rua do Ouro, 132 a 138, Lisboa.



## AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

**A apparecer brevemente:**

---

# Lisboa-Douro-Ribatejo

**NUMERO UNICO**

---

Collaboração de individualidades em evidencia na litteratura, politica, arte, diplomacia dos varios paizes, etc.

---

Numerosas gravuras, impressas a varias côres, sobre papel couchet superior

---

Pedidos á



**REDACÇÃO DO ANNUARIO COMMERCIAL**

Praça dos Restauradores, 30

OU Á

**LIVRARIA FERREIRA**

Rua do Ouro, 132 a 138

**LISBOA**

# Belleza do Rosto

## Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai além das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

### MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vasejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias tarinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis, — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÔSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias,

ajuntar à pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dôse tres vezes por dia, se os effectos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou tres vezes quando muito no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade. — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a enbaciavão.



*Handwritten signature or mark at the bottom left of the page.*